

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

**O GÊNERO “NOTÍCIA” E SUAS POSSIBILIDADES DE MODALIZAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DO SENSACIONALISMO:
UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA**

Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira

Belo Horizonte

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira

**O GÊNERO “NOTÍCIA” E SUAS POSSIBILIDADES DE MODALIZAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DO SENSACIONALISMO:
UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras
da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como
parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em
Língua Portuguesa e Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Hugo Mari

Belo Horizonte

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

O48g

Oliveira, Maria Regina de Carvalho Caseiro

O gênero “notícia” e suas possibilidades de modalização na construção do sensacionalismo: uma abordagem lingüístico-discursiva / Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira. Belo Horizonte, 2009.

138f. : Il.

Orientador: Hugo Mari

Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Modalidade (Lógica). 2. Análise crítica do discurso. 3. Sensacionalismo. 4. Oratória. I. Mari, Hugo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU: 82.085

Maria Regina de Carvalho Caseiro Oliveira
**O gênero “notícia” e suas possibilidades de modalização na construção do
sensacionalismo: uma abordagem lingüístico-discursiva**

Tese defendida publicamente no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC/Minas e
aprovada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Guilherme Jorge Rezende - UFSJ

Prof^a. Dr^a. Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes - PUC/MG

Prof^a. Dr^a. Míria Gomes de Oliveira – FAE-UFMG

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes - PUC/MG

Prof. Dr. Hugo Mari - PUC/MG

Orientador

Belo Horizonte, 19 de março de 2009.

Prof. Dr. Hugo Mari
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas

*Aos meus filhos,
Ana Cláudia, Paulo Henrique e Vinícius,
agora bem mais crescidos,
pelo apoio incondicional durante todo esse
período de isolamento, pela compreensão diante
de vários projetos sempre adiados e,
principalmente, pelo carinho e amor constantes.
Que o exemplo de perseverança na conquista desta
vitória permaneça na memória de cada um de
vocês como um estímulo para que nunca tenham
medo de sonhar.*

Dedico também:

A você, Pagério, esposo, companheiro e amigo, que mesmo nos momentos mais difíceis, quando o caminho parecia cada vez mais longo e minha ausência era cada vez mais sentida, teve sempre (e cada vez mais) paciência comigo. Seu apoio durante todo esse tempo foi fundamental na conquista desta vitória.

À minha mãe, a quem devo não apenas a vida (como se isso fosse pouco!), guerreira incansável na tarefa de fazer por nós o melhor possível e que, por isso mesmo, não se permitiu realizar tantos sonhos. Hoje, já com a cabeça branquinha, mantém a mesma “garra” que me serviu de exemplo nos momentos mais duros nos quais achei que fosse sucumbir.

Ao meu pai ausente, sempre orgulhoso de suas filhas, sempre paciente a nos esperar na porta da escola, pois achava que o estudo era o maior bem que ele poderia nos deixar.

Agradecimento especial

Ao Prof. Dr. Hugo Mari, pela tranqüilidade com que me acolheu ainda quando o projeto de pesquisa parecia algo inatingível, pela humildade ao aceitar trabalhar com teorias com as quais habitualmente não lidava, pelo respeito às minhas convicções, mas, sobretudo, pela inquestionável competência aliada a sua seriedade e infinita paciência de me conduzir no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também:

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC, que me guiaram pelo fascinante caminho da Lingüística, em especial ao Doutor Milton do Nascimento, meu eterno orientador, por ter estado ao meu lado nos primeiros passos em busca da compreensão da Teoria dos Espaços Mentais/ Integração Conceptual e por se manter sempre presente nos incontáveis desafios que ela nos proporciona;

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação da PUC/MG pelo tempo bom de convivência afetuosa, em especial à Renata por nossa parceria em diversos trabalhos acadêmicos e à Kariny por sua alegria e constante disponibilidade em me ajudar;

Ao pessoal da secretaria, especialmente Berenice e Vera, pelo modo atencioso e solícito com que sempre nos atenderam;

À minha querida irmã Maria Edith e meus queridos sobrinhos e afilhados Isabella e João Vítor pela companhia alegre nas tardes de domingo, uma breve pausa que me permitia voltar aos pequenos prazeres da vida doméstica;

Aos meus alunos de ontem, de hoje, de sempre que mantêm acesa em mim a paixão pelo magistério e que me fazem crer que há centelhas de luz em meio à escuridão;

Aos meus colegas de trabalho, especialmente aos da Escola Estadual Prof^a Elza Moreira Lopes que, com sua simplicidade e alegria, jamais poderão avaliar o quanto o carinho e o respeito que têm para comigo foram essenciais para a realização deste trabalho;

A todos os meus amigos a quem seria impossível agora nomear, que torceram por mim e me incentivaram a realizar este projeto. Deles muitas vezes senti saudade da convivência que se tornou escassa durante este longo tempo de reclusão;

À CAPES pelo apoio financeiro no desenvolvimento desta pesquisa;

À Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais pela licença remunerada concedida a fim de que eu pudesse me dedicar melhor a este trabalho;

A Deus, por ter me dado tanto sem nada exigir em troca.

RESUMO

Considerando-se o importante papel reservado para a linguagem na constituição e representação das experiências humanas, tentou-se estabelecer uma interface entre linguagem e cognição a partir da concepção assumida por Morin (1996) de sujeito auto-eco-organizador, constituinte e constitutivo de seu próprio processo de existência. No interior desse quadro, apresentaram-se questões relativas à memória por estarem na base do reconhecimento dos gêneros de modo geral e, em especial, do gênero notícia não como uma prática discursiva que representa o mundo de forma espelhada, mas como prática social que reconstrói esse mundo segundo um conjunto de crenças e desejos, objetivando atingir determinados fins sociais e mercadológicos. Durante a condução deste trabalho, usou-se um modelo de processamento discursivo baseado na concepção de linguagem como atividade social, lingüística e cognitiva fundamentada na articulação de princípios advindos da Teoria da Integração Conceptual de Fauconnier & Turner (2002), da Teoria da Argumentação como foi proposta por Aristóteles (1959), pela Teoria da Enunciação desenvolvida por Benveniste (1989) e pela Teoria Semiolinguística postulada por Charaudeau (2001) a qual descreve a construção do contrato de comunicação traduzido aqui pelo gênero notícia. Todo processamento discursivo é regulado por estados mentais dotados de intencionalidade (SEARLE, 1995) que se manifesta por meio de estratégias de modalização. No caso desta pesquisa, deu-se ênfase àquelas em que se percebe certo apelo sensacionalista. A análise dessas estratégias levou-nos a concluir que a modalização não se submete às restrições de linearidade dos enunciados e se configura como um fenômeno do espaço discursivo/integrado, constituído por recursos lingüístico-discursivos acionados para que se possa garantir o sucesso das relações contratuais estabelecidas entre os sujeitos da linguagem.

Palavras-chave: Modalização, processamento discursivo, integração conceptual, sensacionalismo, argumentação.

ABSTRACT

Being considered the important role reserved for the language in the constitution and representation of the human experiences, the present work tried establish an interface between language and cognition from the conception assumed by Morin (1996) of subject auto-echo-organizer, constituent and constitutive of its own process of existence. Within this framework, issues relating to the memory were presented because they are on the basis of the recognition of gender in general and, in particular, of the gender news. About this, news isn't a discursive practice that represents the world mirrored, but a social practice that reconstructs that world according to a set of beliefs and wishes, aiming to reach certain social and marketable purposes. During the conduction of this work we used a model of discursive processing based on a conception of language as a social, linguist and cognitive activity founded on the articulation of principles provided by the Conceptual Blending Theory of Fauconnier e Turner (2002), by the Theory of Argumentation, as proposed by Aristoteles (1959), by the Theory of the Enunciation developed by Benveniste (1989) and by the Semiolinguistic Theory postulated by Charaudeau (2001) which describes the construction of the communication contract translated here by the gender news. All processing discursive is regulated by mental states endowed with deliberateness (SEARLE, 1995) which expresses itself by means of strategies for modalization. In the case of this research, it was emphasized those which we perceived certain appeal sensationalist. The analysis of such strategies led us to conclude that modalization does not submit to the restrictions of linearity of the statements and appears as a phenomenon of space discursive/integrated, constituted by linguistic-discursive resources used to ensure the success of contractual relations established among the subjects of language.

Word-key: Modalization, discursive processing, Conceptual Blending , sensationalism, argumentation.

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Rede Conceptual Integrada
- Figura 2 Circuitos de um ato de linguagem
- Figura 3 Reportagem da revista Veja, 07/05/08, p.132-133
- Figura 4 Reportagem da revista IstoÉ, 07/05/08, p. 56
- Figura 5 Foto da capa da revista Veja – 07/05/08
- Figura 6 Foto da revista Veja, 07/05/08, p.134-135
- Figura 7 Reportagem da revista Veja, 07/05/08, p.138
- Figura 8 Foto da revista Veja, 26/03/08, p.86
- Figura 9 Reportagem da revista IstoÉ, 26/03/08, p.20-21
- Figura 10 Foto da revista Veja, 26/03/08, p.87
- Figura 11 Foto da revista IstoÉ, 07/05/08, p.67
- Figura 12 Reportagem da revista Veja, 14/05/08, p.64-65
- Figura 13 Reportagem da revista IstoÉ, 14/05/08, p.20

LISTA DE ABREVIATURAS

Cf – conforme

Ea – Enunciatário

En – Enunciador

EUC – sujeito comunicante

EUE – sujeito enunciador

MCI – Modelo Cognitivo Idealizado

MCP – Memória de curto prazo

MLI – Memória de longo prazo

PT – Partido dos Trabalhadores

TAF – Teoria dos Atos de Fala

TUd – sujeito destinatário

TUi – sujeito interpretante

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	15
2 – COGNIÇÃO E LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DA ONTOGÊNESE HUMANA	
2.1 - Considerações teóricas iniciais acerca da cognição humana	21
2.2 – Por uma noção de sujeito, cultura e linguagem	22
2.3 - Uma interface entre a lingüística e a psicologia na compreensão da cognição humana	26
2.4 – Um modelo clássico dos estudos da cognição e da memória	28
2.5 – Cognição e linguagem no modelo da Integração Conceitual	31
2.6 – Algumas considerações sobre cognição e linguagem à guisa de conclusão	38
3- O GÊNERO NOTÍCIA: DA PERSPECTIVA DO ENUNCIADO À DA ENUNCIACÃO	
3.1 - Considerações teóricas iniciais sobre gêneros	42
3.2 - Breve estudo sobre a influência bakhtiniana na identidade dos gêneros	43
3.3 - Contribuições da Psicolingüística no estudo sobre a identidade dos gêneros	48
3.4 - O gênero notícia	52
3.5 - O sensacionalismo na imprensa	58
3.6 – Algumas considerações sobre gênero notícia à guisa de conclusão	63
4- ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS DE MODALIZAÇÃO DA NOTÍCIA NA REPRESENTAÇÃO DO SENSACIONALISMO	
4.1- A argumentação no processamento discursivo	66
4.2 – A intencionalidade no processamento discursivo	71
4.3 – A modalização no processamento discursivo	74
4.4 – Estratégias lingüístico-discursivas de modalização na representação da notícia	88
4.5 – Considerações acerca da configuração lingüístico-discursiva do sensacionalismo	111
5- CONCLUSÃO	117
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	127

1

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o processo pelo qual a língua se atualiza em discurso e considerando não apenas a materialidade lingüística dos enunciados, mas também as condições de sua produção, o objetivo deste trabalho de pesquisa consiste em apresentar a modalização como um conjunto de estratégias enunciativas agenciadas não apenas na constituição e articulação de Instâncias Enunciativas – objeto de pesquisa em minha dissertação de mestrado – mas também na configuração de relações contratuais estabelecidas entre os sujeitos da linguagem, especialmente como estratégia capaz de gerar o efeito do sensacionalismo. Tal propósito visa a contribuir para que os gêneros textuais possam ser percebidos como modalidades de materialização lingüística dos discursos, considerando a possibilidade de elas agregarem funções discursivas de ordem histórica, social e ideológica que podem ser estruturados a partir de um sistema lingüístico/semiótico¹ constitutivo dos processos de representação de mundo.

Mas em que consiste o fenômeno da modalização? Conforme defendi em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2003), ela pertence a um conjunto de mecanismos enunciativos – conforme denominação de Bronckart (1999) – que contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou de outro aspecto do “conteúdo” referenciado e, do outro, as próprias fontes dessas avaliações, ou seja, quem, no processamento discursivo, as assume ou por elas se responsabiliza. Além disso, há que se considerar também a presença do alocutário como elemento decisivo nas condições de produção do enunciado e, conseqüentemente, na modalização como fenômeno presente em todo processamento discursivo. Ela se materializa linguisticamente por intermédio de diferentes recursos, tais como: sinais de

¹ A semiótica retoma o projeto da semiologia de Saussure e se coloca como objeto o estudo da vida dos signos no seio da vida social (...). Ela visa aos modos de significação. O domínio da semiótica é o texto como prática significante. (cf. DUBOIS, Jean *et alli*. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998.p.537.)

pontuação, modos verbais, uso de verbos auxiliares, adjetivos e expressões adjetivas, advérbios e outros sintagmas com função adverbial, recursos prosódicos, além de recursos semióticos. Numa perspectiva enunciativa na qual a linguagem seja concebida como atividade, o uso desses recursos irá compor um conjunto de estratégias a partir das quais se torna possível indiciar a relação contratual estabelecida entre os sujeitos da linguagem em função da construção da referência.

Inicialmente, pensou-se em investigar até que ponto estratégias lingüístico-discursivas da modalização poderiam contribuir para uma caracterização lingüística de textos noticiosos, sua composição formal e a compreensão de seu funcionamento como prática de linguagem. Em outras palavras, investigar as estratégias acima mencionadas seria uma forma de priorizar os processos de leitura e de construção do sentido envolvidos na identificação/ caracterização desse gênero. À medida que o *corpus* foi se constituindo, essas estratégias foram se mostrando como um dos elementos que configuram não apenas o gênero em questão, mas todo o tipo de gênero em suas diversas possibilidades de representação e em conformidade com os “actantes da cena enunciativa”. Dessa forma, a modalização passa a ser investigada como elemento estrategicamente engendrado visando à obtenção de um possível efeito de sentido que é o sensacionalismo. Isso me levou a fazer alguns ajustes na proposta inicial de pesquisa de maneira a alcançar, ao final dela, os seguintes objetivos:

- a- Estabelecer uma conexão entre linguagem e cognição como fatores constitutivos da ontogênese humana determinantes na constituição e identificação dos gêneros de modo geral e, especialmente, do gênero notícia;
- b- Discutir o conceito do gênero notícia e critérios mais abrangentes para seu reconhecimento;
- c- Refletir sobre a presença do sensacionalismo como fenômeno cultural na mídia escrita dita informativa;
- d- Evidenciar operações mentais envolvidas na configuração de procedimentos e/ou estratégias lingüístico-discursivas de cunho sensacionalista à luz da Teoria da Integração Conceptual
- e- Identificar e analisar procedimentos e/ou estratégias lingüístico-discursivos, aqui chamados de modalizadores, acionados nas diversas possibilidades de representação

do gênero de forma a manipular as sensações no leitor, interferindo, assim, na construção da referência/ sentido;

Para a análise que se pretende realizar, escolheu-se um *corpus* composto de oito textos noticiosos, publicados no período compreendido entre 26 de março e 14 de maio de 2008 em duas revistas semanais brasileiras de informações gerais: *Veja* e *IstoÉ*. Justifica-se a escolha desse *corpus* em função, principalmente, de três pontos fundamentais: i) o público alvo a que se destinam essas publicações é muito semelhante; ii) em função da periodicidade com que circulam, as duas revistas abordam temas comuns em seções, tais como: economia, política, cultura, comportamento, tecnologia, religião, ecologia, tanto em nível nacional quanto internacional; iii) buscando conferir maior credibilidade a um jornalismo pretensamente objetivo e imparcial, as duas revistas ostentam marcas explícitas de “parcialidade” num espaço reservado à publicação de artigos de opinião, muitas vezes a título de comentário de uma notícia colocada ao lado.

O trabalho se organiza em quatro capítulos. Pensando-se no importante papel reservado para a linguagem na constituição e representação das experiências humanas, o capítulo 2 tenta estabelecer uma interface entre linguagem e cognição como instrumentos recursivos de um processo evolutivo contínuo e adaptativo através do qual o homem, um sujeito auto-eco-organizador, “constitui-se” e “é constituído” por relações estabelecidas consigo próprio, com o outro e com o mundo. Partimos, então, do pressuposto básico de que habilidades cognitivas humanas tais como o processamento de informação, a aprendizagem, a categorização, a memória, dentre outras, são o resultado desse processo de constante perturbação e adaptação ao seu mundo natural e social.

Para desenvolvermos essa reflexão, buscou-se construir, numa perspectiva interdisciplinar, uma interface entre a lingüística e a psicologia com o objetivo de colocar em foco o importante papel da consciência como elemento regulador da linguagem e de outros processos cognitivos. A partir de uma fundamentação teórica construída por alguns dos postulados defendidos por Morin (1996, 1999, 2006), Tomasello (2003), van Dijk (1978) e Fauconnier (1984, 1996, 1997, 2002) juntamente com seus colaboradores, pretende-se defender a idéia de que a cognição, extrapolando a dimensão na qual as estruturas lingüísticas são fundamentadas apenas em princípios cognitivos naturais, é uma construção social, intersubjetiva e historicamente configurada.

Buscando-se entender como o conhecimento sobre a identidade dos gêneros se estrutura em nossa memória, o capítulo 3 se detém na apresentação de alguns pressupostos teóricos bastante recorrentes no que concerne ao estudo dos gêneros textuais. Num primeiro momento, pretende-se mostrar, a partir da perspectiva dialógica de Bakhtin e da perspectiva da psicolinguística embasada especialmente no trabalho desenvolvido por van Dijk (1978), que a estruturação dos gêneros em nossa mente não pode ser algo descolado do caráter autopoietico da natureza humana para que não se corra o risco de tentar reduzir sua identificação e caracterização a meras caricaturas desses “fatos sociais”. Já na segunda parte, ajusta-se o foco desse estudo mais geral para se tratar de forma mais específica do gênero notícia – tema deste trabalho de pesquisa – não como uma prática discursiva que representa o mundo de forma espelhada, mas como prática social que reconstrói esse mundo segundo um conjunto de crenças e desejos, objetivando atingir determinados fins sociais e mercadológicos.

O capítulo 4 inicialmente discute a questão do processamento discursivo como lugar da construção permanente de identidades sociais e relações interpessoais. Para isso, apresentam-se alguns postulados defendidos por Benveniste (1970/1989) em seu “aparelho formal da enunciação” e por Charaudeau (1983/2001) em seu “contrato de comunicação” constituídos como operações básicas nos processos de discursivização nos/pelos quais os gêneros se manifestam. A esse caráter dialógico evidenciado tanto por um autor quanto pelo outro, encontra-se subjacente uma concepção de linguagem que tem a argumentatividade como traço inerente a ela. Por essa razão, apropriamo-nos de alguns postulados defendidos por Aristóteles em sua “Arte Retórica” por abarcarem questões importantes acerca da argumentação a serem discutidas no desenvolvimento deste trabalho.

Corroborando o que atesta Searle (1995), todo processamento discursivo é regulado por estados mentais dotados de intencionalidade. Segundo ele, tais estados integram a natureza humana de forma recursiva como condição essencial para a produção do conhecimento que, por sua vez, conduzirá o homem a um estado de consciência. Ainda segundo o autor, a intencionalidade se manifesta por intermédio dos atos de fala, modalizando-os. Sendo assim, defendemos a idéia de que a modalização se configura como um fenômeno do espaço discursivo/integrado, constituído estrategicamente por

recursos lingüístico-discursivos acionados para que se possa garantir o sucesso das relações contratuais estabelecidas entre os sujeitos da linguagem. No caso desta pesquisa, deu-se ênfase àquelas em que se percebe certo apelo sensacionalista.

Definida a linha metodológica, na segunda parte desse capítulo procede-se ao levantamento de dados do *corpus* escolhido de maneira a verificar que elementos desses textos podem ser considerados recursos para se explorar as sensações no leitor, interferindo, assim, na construção da referência/ sentido.

As conclusões decorrentes das análises feitas serão apresentadas no quinto capítulo. Pretende-se, através delas, fornecer subsídios para que se possa examinar de forma mais objetiva as diferentes estratégias acionadas para a representação do gênero notícia, estruturadas a partir de componentes sócio-histórico-culturais que podem orientar argumentativamente na construção dos sentidos possíveis.

“Suponhamos que o universo quisera tomar consciência de si. Que faria? Pois bem, o universo estaria obrigado a separar de si uma espécie de pedúnculo, de tentáculo que pudesse ver-se a si mesmo. Mas, no momento que este braço se separa, em que a extremidade deste braço se volta sobre o universo para observá-lo, deixa de fazer parte dele verdadeiramente e torna-se um estranho. Assim, o universo fracassa em conhecer-se aí onde teve êxito; no momento em que conseguiu conhecer-se, é demasiado tarde: o que conhece autonomiza-se de alguma maneira.”

(Morin, 2006. Parábola adaptada de texto do matemático Spencer-brown)

2

COGNIÇÃO E LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DA ONTOGÊNESE HUMANA

2.1 - Considerações teóricas iniciais acerca da cognição humana

Numa perspectiva que integra a linguagem a estruturas cognitivas e sócio-culturais, surgem, na segunda metade da década de 70, teorias lingüísticas cujo objetivo é compreender como se dá a produção de texto/sentido num modelo que envolva as formas da linguagem, o contexto, o conhecimento estruturado e outros fatores pragmáticos. A partir de uma concepção de linguagem como atividade cognitiva, social e histórica, o desenvolvimento da Lingüística muito tem contribuído para o avanço de ciências cognitivas tais como a Neurociência, a Psicologia, a Antropologia e a Filosofia. Da mesma forma, também elas têm contribuído sobremaneira para o avanço das pesquisas lingüísticas. Embora a relação entre linguagem e o mundo não seja algo recente – desde a Antiguidade essa é uma questão central para a Filosofia – as ciências ditas cognitivas surgem em meados do século XX como uma reação em bloco – dado o seu caráter interdisciplinar – a modelos behavioristas de pesquisa.

Investigar a mente humana e os processos decorrentes de sua atividade tem se mostrado um verdadeiro desafio para diversos pesquisadores. Tanto que hoje, conforme afirma Medrado (2006), podemos identificar de forma mais evidente três perspectivas teóricas no interior desse conjunto a que chamamos de ciências cognitivas: o mentalismo formal, o connexionismo e o enacionismo ou a Biologia do conhecer. A primeira delas defende a hipótese de que a cognição é a manipulação de símbolos e está associada à Era da Cibernética, da Inteligência Artificial e às vertentes do Gerativismo e do Modularismo. Enquanto a primeira se detém em aspectos da mente, a segunda dá destaque ao funcionamento do cérebro através de correntes físicas de impulsos responsáveis pelo processamento de reações químicas (as sinapses), que, por sua vez, são a condição para que ocorra a aprendizagem. Já a terceira preconiza a evolução da mente como uma das etapas da evolução biológica do homem e a linguagem – integrada a

outras capacidades cognitivas – como uma forma de ação no mundo, visto ser através dela que o homem se apropria de recursos que surgem social e culturalmente.

Partimos, então, do pressuposto básico de que habilidades cognitivas humanas tais como o processamento de informação, a aprendizagem, a categorização, a memória, dentre outras, são o resultado de um processo evolutivo contínuo e adaptativo. Várias são as pesquisas desenvolvidas no sentido de se corroborar a idéia de um sujeito auto-eco-organizador, “constituente de” e “constituído por” relações estabelecidas consigo próprio, com o outro e com o mundo.

Para desenvolvermos uma reflexão sobre a relação cognição e linguagem, segue-se uma breve incursão num conjunto de diferentes linhas teóricas cujo objetivo principal é o de tentar resgatar como tem sido incessante a busca por respostas acerca da construção do conhecimento humano mediado pela articulação do binômio funcionamento da mente e variedade das expressões lingüísticas das línguas naturais. Para tanto, seguem-se alguns dos principais pressupostos teóricos apresentados por estudiosos tais como Morin (1996, 1999, 2006), Tomasello (2003), van Dijk (1978) e Fauconnier (1984, 1996, 1997, 2002) juntamente com seus colaboradores, dentre outros.

2.2 - Por uma noção de sujeito, cultura e linguagem

Começamos, então, por uma noção de sujeito proposta por Morin (1996) que implica o conceito de auto-eco-organização segundo o qual o homem, parte integrante de um contexto sócio-histórico-cultural, é um ser vivente autônomo, mas inseparável de sua dependência em relação a esse mesmo contexto. Em outras palavras, o homem não é um ser auto-suficiente, que se basta em sua constituição. Paradoxalmente, sua autonomia se consolida ao tomar como parte integrante de si próprio o ambiente que lhe é externo.

Tal conceito começou a ser desenvolvido por biólogos desde a década de 1920 como forma de se esquivar de uma visão mecanicista e determinista das teorias existencialistas do final do século XIX e tornou-se algo fundamental não apenas no campo da biologia como também para as ciências cognitivas de modo geral. Conforme o autor,

[Autonomia]...é uma noção estreitamente ligada à de dependência e a de dependência é inseparável da noção de auto-organização. [...] Para

ser autônomo é necessário depender do mundo externo. [...] Na autonomia, pois, há uma profunda dependência energética, informativa e organizativa a respeito do mundo exterior (MORIN, 1996, p. 46-47).

Antes de qualquer coisa, é importante que se deixe bem clara a concepção de autonomia com a qual o autor lida. Ela não se vincula àquilo que o senso comum entende por “independência”. Trata-se de uma autonomia que se estabelece e se firma a partir da interação do sujeito com elementos biológicos, meteorológicos, sociológicos e culturais do mundo. Como afirma Morin (2006, institutofuturista.blogspot.com), *a auto-eco-organização significa que a organização do mundo exterior está inscrita no interior de nossa própria organização vivente.*

Convém também salientar que Morin prefere a expressão “auto-eco-organização” por julgá-la mais abrangente que “auto-organização”. Segundo ele, as máquinas também podem se auto-organizar através de programação artificial decorrente da interferência humana, mas não estabelecem interação com o meio ambiente e nem podem tornar-se agentes dos processos que executam. Já os organismos vivos possuem um sistema de adaptação muito mais complexo, impossível de ser previsto por qualquer programa de inteligência artificial. Como ser vivente que pertence ao universo, o ritmo interior do homem se encontra integrado ao ritmo do mundo que o cerca. O autor fornece-nos evidências disso ao afirmar:

O ritmo cósmico da rotação da Terra sobre si mesma, que alterna o dia e a noite, encontra-se não só no exterior de nós, mas também no nosso interior, em forma de relógio biológico interno; este determina nosso ritmo nocti-diurno autônomo, o qual manifesta a sua periodicidade num sujeito que viva fechado numa gruta. Também o ritmo das estações está inscrito no interior dos organismos vegetais e animais. Algumas plantas começam a segregar a sua seiva a partir do aumento da duração do dia, outras a partir da intensificação da luz solar. Para a maior parte dos animais, a primavera desencadeia a parada nupcial (Morin, 2006, institutofuturista.blogspot.com).

Dessa forma, o organismo de um ser vivo auto-eco-organizador utiliza todas as suas energias para auto manter-se; adapta-se à mudança das estações e da temperatura, renova-se através do alimento, do ar, de seu meio ambiente, revitalizando sua própria dependência dele. Conforme as palavras do autor,

Os seres vivos têm a capacidade de auto-adaptar-se e auto-regenerar-se sem cessar, segundo um processo que chamo de organização recursiva, ou seja, uma organização na qual os efeitos e os produtos são necessários para a sua própria

causa e sua própria produção, uma organização em forma de anel (MORIN, 1996, p. 47).

Entende-se, então, por “organização recursiva” a capacidade que os seres vivos têm de constantemente se valerem de recursos naturais, cognitivos, sociais e culturais a fim de se ajustarem ao seu meio, num processo contínuo de perturbação e adaptação. Esse conceito aliado à extraordinária capacidade da espécie humana de auto-eco-organizar-se permearão todo o trabalho aqui desenvolvido, não obstante a presença de teorias que, à primeira vista, não se coadunem com esse princípio.

Outro aspecto relevante é que, antropologicamente, o homem desenvolveu ao longo do tempo uma série de conhecimentos acerca da sua própria identidade, do seu aparelho sensorial, das formas como categoriza e representa o mundo, da utilização das diferentes formas de linguagem e de cultura. No bojo desses conhecimentos e de vários outros cuja amplitude não nos permite nomeá-los agora, encontra-se uma estreita relação entre o cérebro e o espírito/mente. Enquanto aquele é condição necessária para a existência do ser e do sujeito, este emerge a partir da combinação de um cérebro muito desenvolvido, de uma linguagem e de uma cultura. Ainda segundo o autor,

A cultura é indispensável para a emergência do espírito e para o desenvolvimento total do cérebro, os quais são indispensáveis à cultura e à sociedade humana, as quais só existem e ganham consistência na e pelas interações entre os espíritos cérebros dos indivíduos (MORIN, 1999, p.85).

Como se vê, o autor defende a idéia de que há um círculo retroativo que permite a auto-eco-organização da vida através do conhecimento e este, por sua vez, produz um estado de consciência no homem. Tal estado é ao mesmo tempo produto e produtor da reflexividade do espírito que retorna sobre si mesmo a fim de que a consciência possa manifestar-se. Assim sendo, a consciência é ao mesmo tempo autônoma e dependente dos processos de que emerge, podendo ser afetada, inclusive, por disfunções cerebrais ou por qualquer coisa que afete a saúde física e mental do sujeito. Além disso, Morin também afirma que a possibilidade da consciência só poderá ser ativada através da linguagem por ser ela um elemento capaz de constituir as experiências humanas e de responder a uma necessidade interior do homem de interagir com o seu meio.

Coadunando-se aos princípios enacionistas defendidos por Morin, Tomasello (2003) desenvolveu estudos a respeito da aquisição do conhecimento humano e de suas

origens culturais e sociais que nos levam a reconhecer a linguagem como o construto que, de fato, torna o homem diferente das demais espécies pelo seu caráter essencialmente cultural. Para Tomasello, a linguagem é [...] *uma forma de cognição [...] condicionada para fins de comunicação interpessoal* (2003, p. 209) e ainda um “*artefato cultural*” (2003, p. 298).

Em Tomasello (2003), alguns pressupostos acerca do caminho evolutivo da espécie humana são analisados a fim de melhor se avaliar como mudanças tão significativas entre o homem e os demais primatas puderam ocorrer num espaço de tempo tão curto. Segundo o autor, seis milhões de anos teria sido um tempo insuficiente para que isso ocorresse se pensarmos na evolução biológica natural das espécies. Não é possível aceitarmos como hipótese que esse tempo tenha sido suficiente para que uma variação genética entre elas pudesse fazer com que o homem desenvolvesse habilidades cognitivas tão complexas a ponto de inventar e conservar formas de representação simbólica e de organização social muito mais avançadas do que outras espécies. Dessa maneira, Tomasello afirma que, do ponto de vista antropológico, os mecanismos de transmissão de cultura – exclusivos do *homo sapiens* – são os responsáveis pelo desenvolvimento da cognição humana. Esta tem qualidades únicas do ponto de vista histórico (a capacidade de criar artefatos culturais e acumular tradições comportamentais com o decorrer do tempo, transformando tudo isso em fatos históricos), filogenético (a capacidade de se identificar biológica e culturalmente a seres iguais a si mesmo) e ontogenético (a capacidade de beneficiar-se do conhecimento, de adaptar-se e transmitir conhecimentos adquiridos aos co-específicos através de um processo de evolução cultural cumulativa). Tudo isso não apenas dá ao homem a possibilidade de conhecer o seu meio natural e social como também de criar novas formas de representação cognitiva, ou seja, o conhecimento que o leva a um estado de consciência é também o resultado de um processo evolutivo contínuo e adaptativo.

Ao retornarmos a essa questão também colocada por Morin (1996, 1999) de que evoluímos continuamente à medida que vamos criando novas formas de adaptação ao meio, é imprescindível atribuir à linguagem, elemento constitutivo e estruturador de nossas experiências, a responsabilidade pela transmissão cultural cumulativa própria da espécie humana e forma natural de se intercambiarem experiências, visto ser *uma*

instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes (TOMASELLO, 2003, p.132). O seu aprendizado é que possibilita ao homem intervir na realidade e estruturar cognitivamente o seu mundo, desde que ele seja capaz de se perceber no outro *como ser mental e intencional igual a ele mesmo* (TOMASELLO, 2003, p.13). Dessa forma, a linguagem pode ser considerada, conforme o conceito de auto-eco-organização proposto por Morin, como instrumento de organização recursiva do qual o homem se vale para constantemente ajustar-se ao seu mundo natural e social. Dentre esses instrumentos presentificados por intermédio de ações languageiras, daremos maior ênfase neste trabalho às questões que fundamentam a noção que temos de gênero por considerar seu importante papel na constituição do conhecimento humano e na representação de suas experiências.

2.3 - Uma interface entre a lingüística e a psicologia na compreensão da cognição humana

A partir dos aspectos apresentados na seção anterior envolvidos na discussão acerca do que a relação cognição, cultura e linguagem acarretam na espécie humana, o objetivo desta é o de se desenvolver uma reflexão em uma perspectiva interdisciplinar que relacione tais conceitos ao de “consciência”. Segundo Penna (1999, p.21), *ela possui uma função diretiva, organizadora e controladora do conhecimento*, interferindo diretamente nos processos ou habilidades cognitivas do tipo memória, percepção, categorização, solução de problemas, aprendizagem, processamento de informação, dentre outros. A possibilidade de se articularem tais processos/ habilidades cognitivas aos estudos lingüísticos parece-nos ser de suma importância, especialmente no que se refere ao estudo dos gêneros a ser discutido no capítulo seguinte.

Conforme se afirmou na introdução deste capítulo, em meados do século XX as ciências cognitivas buscavam mutuamente uma complementação teórica na tentativa de melhor investigarem o binômio cognição/linguagem. Uma associação formal entre a lingüística e a psicologia, por exemplo, só ocorreu em 1954, com a constituição da Psicolingüística. Contudo, é importante lembrar que tanto numa ciência quanto na outra, a presença de uma variedade de matizes teóricos tornou premente a necessidade de deixar

bem claros quais os pressupostos válidos para que essa aliança fosse bem sucedida. A princípio, tanto a psicologia quanto a psicolinguística ficaram bastante reticentes quanto ao reconhecimento de certas condições do ambiente, o discurso, no estudo do processamento da linguagem. Somente nos anos 70 os estudos desenvolvidos pela psicologia relativos à estrutura da memória desencadearam um interesse crescente por um dos modelos, o da memória semântica, e isso selou de vez essa aliança. Na tentativa de se resgatar um pouco dessa trajetória, segue, de forma sucinta, um panorama histórico do tema.

Segundo Teixeira (1998), em meados do século XX, pesquisadores tais como Marvin Minsky, John McCarthy, Allen Newell e Herbert Simon, partindo do pressuposto de que seria possível estudar o comportamento inteligente da mente humana à luz de um modelo computacional, inauguraram a era da chamada Inteligência Artificial. Para os pesquisadores que acreditavam nessa tese, o conhecimento estaria representado na mente, disposto serialmente e em lugares determinados. Havia uma grande expectativa na época de que muito brevemente não haveria comportamento inteligente que ficasse sem representação, à exceção de alguns poucos aspectos cognitivos não formalizáveis, apesar da incipiente tecnologia computacional disponível. Embora não se tenha chegado à construção de uma máquina capaz de realizar semelhante proeza, o fracasso dessa era obrigou a se pensar no significado de se ter vida mental, consciência, conceitos que se restringiam apenas às elucubrações de filósofos e psicólogos.

Por outro lado, os pesquisadores afiliados à vertente conexionista das ciências cognitivas defendiam a idéia de que o cérebro humano contém milhões de neurônios – vistos aqui como unidades computacionais – e que estes se encontram ligados em forma de rede. Cada neurônio é formado por transmissores de eletricidade – os axônios – e por receptores de impulsos elétricos – os dendritos. Esses neurônios unem-se uns aos outros, criando um espaço no ponto em que se encontram e por onde se processam reações químicas conhecidas pelo nome de sinapses. A aprendizagem seria, então, o resultado desse processo.

Embora possamos compreender a natureza puramente biológica do fenômeno em questão, vale lembrar que aprender é muito mais que um processo biológico. Depende primeiramente da disposição de quem se sujeita a ele em organizar e integrar o

conhecimento novo aos já existentes, modificando a si mesmo por inteiro. Além disso, ao se receber um estímulo (ou *input*), diferentes estados mentais poderão emergir, dependendo das conexões que se criarem. Dessa maneira, a aprendizagem não pode ser considerada como um fato em si, mas como um processo sujeito a outros processos imersos num único contexto em que não se pode separar claramente o ambiente do indivíduo. Tudo isso vai ao encontro do conceito de enacionamento que, conforme as palavras de Bonini (2002, p.29), *faz surgir um mundo e, ao mesmo tempo, torna o agente parte deste mundo, havendo, assim, uma interação mútua entre as limitações (constraints) internas da mente e as externas do mundo natural.*

Após essa breve incursão buscando o estabelecimento de uma interface entre a lingüística e a psicologia, retoma-se o conceito de consciência como elemento regulador da linguagem e dos outros processos cognitivos. Seu estudo deu origem à Psicologia Cognitiva e, mais especificamente, à Psicologia da Gestalt. Suas proposições se afastam dos modelos mecanicistas, pois, para os gestaltistas, a discussão do conceito de consciência é fundamental para a compreensão do contexto e da experiência humana. Um dos principais pressupostos dessa teoria é o de que é necessário que primeiro se perceba o todo e, somente a partir dessa percepção, as partes possam ser identificadas e configuradas. Daí se estabeleceu como princípio fundamental a relação fundo/ figura em que a primeira constitui a condição natural da mente e a segunda é regulada pelo princípio da atenção seletiva – a percepção – que está na base de outras operações cognitivas. Essa visão da Gestalt sobre a relação parte/todo pressupõe uma tomada de consciência e tem pontos de imbricação importantes com o quadro teórico que sustentará a confirmação ou não das hipóteses levantadas na introdução. No entanto, por ora ainda estaremos com a nossa atenção voltada para um modelo clássico de abordagem das questões em pauta a fim de melhor compreendermos como os estudos acerca de cognição e linguagem puderam avançar de forma tão significativa.

2.4 - Um modelo clássico dos estudos da cognição e da memória

Partindo de um modelo computacional em sintonia com os trabalhos relativos à Inteligência Artificial, buscar-se-á primeiramente resgatar um modelo operacional

clássico proposto por Atkinson e Shiffrin (1968/1977, *apud* BONINI, 2002) calcado na distinção entre a memória de longo prazo (MLP) e a memória de curto prazo (MCP), conceitos ainda recorrentes em alguns trabalhos sobre a memória e que também estão na base de teorias referentes à cognição e à ativação de informações estruturadas em nossa memória como é o que acontece, por exemplo, com os gêneros. Segundo esses pesquisadores, a primeira, embora limitada, *é a responsável pela captura dos perceptos, onde se localizam, por exemplo, a memória icônica – para a percepção visual – e a ecóica – para a percepção auditiva envolvida no tratamento da linguagem verbal* (BONINI, 2002, p.30). A partir da informação retida na MCP, dá-se a passagem para o local de estocagem permanente na MLP. Trata-se, portanto, de um sistema modular da cognição humana composto, além desses módulos, da memória sensorial.

Valendo-se da distinção entre a MCP e a MLP, mas opondo-se à visão modularista anterior, Baddeley e Hitch (1977, *apud* BONINI, 2002) propõem uma interação entre os processos cognitivos da memória, já incluindo contribuições de outros pesquisadores da época. Dentre eles, o modelo mais conhecido é o de Tulving (1985, *apud* BONINI, 2002) que consiste numa recategorização da MLP conforme seu conteúdo: a memória procedimental cujo enfoque são os esquemas motores e a memória proposicional que se subdivide em memória semântica e memória episódica. Enquanto esta é responsável pela estocagem de fatos em relação ao tempo e ao espaço, aquela tem como base o sentido, materializado por entradas lexicais a partir das quais se configuram as proposições que organizam o mundo e suas categorias. Vale ainda lembrar que essa distinção, embora importante, ocorre apenas em caráter funcional. Os conceitos organizados pelos dois tipos de memória se harmonizam na representação de um mundo, real ou imaginário, e fornecem subsídios para a formulação de modelos mentais que têm como objetivo explicar o seu funcionamento. Dentre esses modelos destacam-se a Teoria dos Protótipos e a Teoria dos Esquemas.

A primeira delas trata de traços definidores dos objetos do mundo a fim que possam pertencer a uma categoria e não a outras e de traços acidentais, responsáveis por uma melhor caracterização desses objetos, mas não por sua representação categorial. Conforme descreve Bonini (2002, p. 39), a teoria dos protótipos apresenta basicamente duas versões: a padrão, desenvolvida por Rosch (1976, 1980) e a expandida que tem em

Lakoff (1987,1988) um de seus principais expoentes. Esta última versão tenta explicar os casos omissos na teoria padrão e desenvolve um modelo de categorização bastante conhecido pelo nome de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Segundo Miranda (1999, p. 83),

MCI são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Têm esses conhecimentos papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária (MIRANDA, 1999, p. 83).

Tal modelo mantém uma estreita relação com o conceito de recursividade desenvolvido no início deste capítulo, além de se aproximar de pressupostos de outras teorias tais como a de enquadres (*frames*) proposta por Fillmore (1982), a de estrutura esquemática da gramática cognitiva de Langacker (1986), a de projeções metafóricas e metonímicas descritas por Lakoff e Johnson (1980/2002) e finalmente a dos Espaços Mentais desenvolvida por Fauconnier (1984, 1996, 1997) e seus colaboradores que, em sua última versão, recebeu o nome de teoria da Integração Conceptual (2002).

Já a Teoria dos Esquemas, por sua vez, também constitui uma forma de categorização num nível mais abstrato que a teoria anterior, explicando os fenômenos de modo geral e dando possibilidades ao usuário de uma língua de ajustar as variáveis relativas a objetos, eventos e situações a dados novos no processamento discursivo. Tal teoria foi fundada teoricamente por Bartlett (1932), mas foi melhor descrita por Rumelhart e Ortony (1977) e Rumelhart (1980), conforme atesta Bonini (2002, p.44). Segundo ele (2002, p.45), *a descrição de como os esquemas são ativados e utilizados durante a compreensão, a estocagem e o acesso à informação* constituem a base dos trabalhos desenvolvidos por van Dijk (1978) relativos à organização cognitiva da identidade dos textos. Esses trabalhos tinham no conceito de *superestrutura* um dos pressupostos fundamentais que propiciaram o desenvolvimento de pesquisas relevantes no âmbito da Lingüística Textual. No capítulo 3, cujo enfoque serão os estudos desenvolvidos para uma melhor identificação e caracterização dos gêneros, retomaremos o que propôs esse pesquisador.

Por ora, daremos continuidade à proposta inicial deste capítulo de tentar colocar em cena alguns dos estudos que contribuíram de forma significativa para que a

articulação entre as ciências lingüísticas e cognitivas efetivamente ocorresse. Devido ao fato de serem já bastante conhecidas, não trataremos aqui de teorias tais como a dos *frames*, a da gramática cognitiva e a de projeções metafóricas e metonímicas, conforme acabamos de citar. Em vez disso, focalizaremos agora as proposições de Fauconnier (1984, 1996, 1997, 2002) e seus colaboradores em função do caráter dinâmico que elas atestam no desenvolvimento dos processos de referenciação.

2.5 – Cognição e linguagem no modelo da Integração Conceitual

Uma reflexão a respeito da cognição e da linguagem nos leva a pensar como se dá a aprendizagem, condição essencial nos processos de auto-organização recursiva, retomando-se aqui a idéias de Morin e Tomasello. Enquanto algumas vertentes da psicologia se voltam para os estudos da aprendizagem num enfoque meramente comportamentalista, a Psicologia Cognitiva assume o desafio de investigar quais são os processos mentais subjacentes a ela. Da mesma forma, a Lingüística Cognitiva se volta para a compreensão de processos mentais envolvidos na construção do significado, em vez de se ocupar meramente do estudo das formas lingüísticas utilizadas por um sujeito ideal.

Articulando-se a partir das capacidades da mente humana, a Teoria dos Espaços Mentais, proposta por Fauconnier (1984,1997) e Fauconnier & Sweetser (1996), surge como um modelo baseado na conexão entre semântica e cognição que busca explicar regularidades identificadas na relação cognição /linguagem que possam mapear a organização do pensamento. Na tentativa de primeiramente explicitar o conceito de espaços mentais, Fauconnier & Turner (2002) afirmam o seguinte:

Espaços mentais são pequenos pacotes construídos à medida que nós pensamos e falamos, visando à compreensão e ação imediata. Espaços mentais são constructos muito parciais que contêm elementos freqüentemente estruturados por frames e modelos cognitivos. [...] Espaços mentais operam em nossa memória de trabalho, mas são construídos parcialmente pela ativação de estruturas possíveis de se obter na memória de longo prazo. [...] Espaços mentais podem ser usados geralmente para modelar mapeamentos dinâmicos entre

pensamento e linguagem (FAUCONNIER & TURNER 2002, p.102, tradução nossa).²

Segundo essa teoria, sob pressão do contexto e da cultura, os espaços mentais são ativados por expressões lingüísticas e organizam, de maneira inconsciente, os processos que ocorrem quando falamos ou pensamos. Eles se multiplicam discursivamente em rede, oferecem suporte para que haja mudanças em perspectiva/foco e mantêm uma elaborada conexão com a memória. Há ainda que se chamar a atenção para o importante papel da cognição humana na articulação desses espaços, conforme atestam os autores:

Esta é uma característica extraordinária da cognição humana: um programa de inteligência artificial opera rigorosamente de acordo com seu roteiro específico, mas rituais humanos, os quais parecem altamente programados (organizados por roteiros, scripts), dependem de mesclagens e o sentido que delas emerge é sempre parte do processo de mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p.86, tradução nossa)³.

Em sua obra mais recente – *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities* –, escrita em parceria com Mark Turner e publicada em 2002, Fauconnier reformula alguns pressupostos da Teoria dos Espaços Mentais. Além de referir-se à capacidade da mente humana para fazer integrações de duplo escopo/espaço – conceito a ser discutido mais adiante –, eles desenvolvem o conceito de Integração Conceptual (*Blending*) segundo o qual a mente humana constrói sentido através de operações complexas e quase sempre inconscientes, conhecidas como "Os Três Is da Mente - Identificação, Integração e Imaginação". A primeira realiza operações de reconhecimento de identidades, igualdades, semelhanças, diferenças, contrastes, etc., entre dois ou mais domínios cognitivos indiciados por recursos imagéticos e/ou expressões lingüísticas ativadas. A segunda realiza a conexão entre os domínios léxico-sintático-discursivos ativados e a terceira - a Imaginação - simultaneamente às outras duas, realiza, com base na conexão entre eles, projeções que desencadeiam a

² Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. Mental spaces are very partial assemblies containing elements, often structured by frames and cognitive models. (...) Mental spaces operate in working memory but are built up partly by activating structures available from long-term memory. (...) Mental spaces can be used generally to model dynamical mappings in thought and language.

³ This is a remarkable property of human cognition: an artificial intelligence program runs strictly according to its specified script, but human rituals, which seem highly scripted, depend on blends, and emergent meaning is always part of the blending process.

configuração do sentido pretendido pelo locutor durante a interação. Ao realizar essas três operações, a mente humana faz a conexão entre espaços mentais diversos, projetando-os sempre num e único espaço imagético em que se configura o sentido. A esse processo dá-se o nome de Integração Conceptual (*Blending*) ou Processo de Mesclagem.

Em texto anterior (OLIVEIRA, 2003), vimos que o reconhecimento de domínios distintos, por parte dos interlocutores, é fundamental para que essas operações se realizem de maneira satisfatória. Tais domínios se configuram como conjuntos de conhecimento que podem ser de duas naturezas: uma estável e outra local. Os domínios estáveis são flexíveis, mas não estáticos e correspondem aos MCI a que se fez referência na seção anterior. Além disso, são responsáveis pela implementação e estruturação de operações mentais resultantes de um conhecimento compartilhado de mundo, configurado em termos de funções pragmáticas. Essas funções é que tornam possível, por exemplo, que uma expressão lingüística acesse uma outra entidade num outro domínio e somente se este segundo domínio for cognitivamente acessível a partir do primeiro e se houver uma conexão entre eles. A esse postulado dá-se o nome de *Princípio de Acesso* (FAUCONNIER & SWEETSER, 1996).

Em Fauconnier & Turner (2002), há uma tentativa de representação de todo esse processo a partir dos seguintes princípios:

- 1- Espaços de entrada: os dois Espaços de Entrada (*Input 1* e *Input 2*, pelo menos) se apresentam, naturalmente, como domínios cognitivos diferenciados – parte e contraparte. Correspondem a estruturas parciais sem as quais não pode ocorrer a formação da mescla.
- 2- Projeção ou correspondência entre os espaços de entrada: envolvem a projeção de parte de um domínio em outro como ocorre, por exemplo, nas metáforas e analogias; a projeção de funções pragmáticas que se relacionam ao princípio de acesso, já descrito anteriormente, e a projeção de relações vitais usada para se articular uma dada situação a um contexto. Essas relações vitais serão discutidas oportunamente.
- 3- Espaço genérico: o espaço base, o espaço compartilhado no qual se constituem os significados.

- 4- Espaço Integrado (*Blended*): também conhecido como o espaço mescla, é o local onde se dá produção do sentido. Ele contém estruturas genéricas captadas no espaço genérico associadas a estruturas mais específicas oriundas das entradas.
- 5- Estrutura emergente: surge da interação dos quatro espaços referenciais já citados – Espaço *Input 1*, Espaço *Input 2*, Espaço Genérico e Espaço Integrado (*Blended*) sem conter necessariamente todos os traços dos espaços que a geraram.

Dessa forma, criam-se e se articulam redes de significado conceitual bastante amplas que produzirão novos espaços referenciais, distintos daqueles que lhes deram origem, porém mantendo com eles alguns traços de semelhança. Além disso, cada novo espaço referencial constitui-se num espaço base ao qual outros novos espaços referenciais podem ser articulados. Esse processo de integração de espaços pode ser visualizado hipoteticamente na figura abaixo, transcrita de Fauconnier e Turner (2002, p.46).

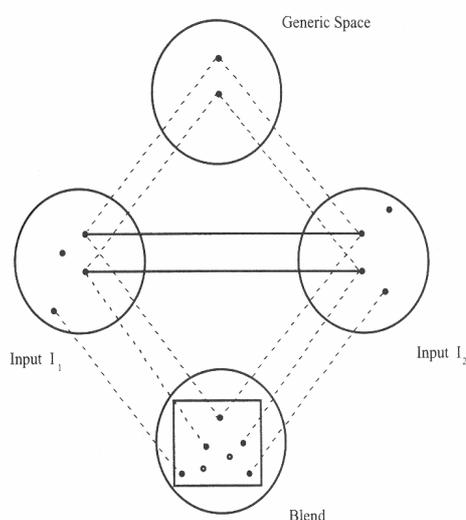


Figura 1: Rede Conceptual Integrada

Fonte: Fauconnier & Turner. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. 2002, p.46

Ainda segundo os autores, ao promover a Integração Conceptual, a mente humana demonstra habilidade de “comprimir” e “descomprimir” relações vitais, no Espaço Integrado. São quatro os tipos de rede de compressão e descompressão apresentadas por

eles, a saber: rede simples, rede especular, rede de escopo único e rede de duplo escopo. Dentre elas, destaca-se a última devido à possibilidade de produzir mesclas bastante interessantes e criativas. Numa operação de duplo escopo, a partir de *inputs* com enquadres organizacionais bastante diferentes e, até certo ponto, divergentes, surge um terceiro enquadre e uma estrutura emergente bastante particular. Vejamos um exemplo de todo esse processo a partir da metáfora “*Esse cirurgião é um açougueiro*”, apresentada por Azevedo (COULSON, 2001, *apud* AZEVEDO, 2006, p.41-42). Segundo descreve a autora, ao espaço de entrada do cirurgião – o *input* 1 – correspondem traços tais como: atividade profissional voltada para seres humanos, instrumentos de trabalho cirúrgicos que provocam dentre outras coisas o corte para proceder-se à cura do paciente. No espaço de entrada do açougueiro – o *input* 2 – encontramos os seguintes traços: atividade profissional voltada para animais e o instrumento de trabalho é uma faca para se cortar a carne a ser vendida. Já no espaço genérico, ambos os profissionais apresentam traços comuns em sua atividade: são agentes que executam determinadas ações num paciente com instrumentos cortantes, possuem um local de trabalho e têm uma finalidade específica. O corte surge como elemento comum à atividade profissional de cada um deles e, no caso do cirurgião, se for mal feito, denota incompetência. A incompetência é, portanto, a estrutura que emerge de todos esses espaços sem que tenha sido prevista e sem que esteja associada especificamente a nenhum deles. Contudo, a partir do momento de sua emergência, ela é parte integrante de todo esse processo de mesclagem, conforme atestam os autores. Em outras palavras, açougueiros e cirurgiões não são necessariamente incompetentes, mas um cirurgião que faz um corte ostensivo, capaz de deixar uma cicatriz esteticamente mal formada, o é. Sendo assim, ao se afirmar que um cirurgião é um açougueiro, a mente humana fez a conexão entre domínios bastante distintos – o do *cirurgião* e o do *açougueiro* – para projetá-los num único espaço imagético em que se configura o sentido da *incompetência do cirurgião*.

Quanto às relações vitais, elas são definidas como importantes relações conceptuais constitutivas da estrutura interna dos Espaços de Entrada e, ao mesmo tempo, responsáveis pela conexão entre espaços referenciais distintos. Assim sendo, elas são de fundamental importância na construção de redes de espaços referenciais. Dentre elas, destaca-se a relação de contrafactualidade por seu importante papel no processo de

produção de sentido. Considerada como a operação primitiva desse/nesse processo, a contrafactualidade é fundamental para a indicição de todas as formas de relações vitais e para a identificação e integração de diferentes tipos de espaços mentais. À guisa de exemplo, para melhor se compreender o papel que tal relação desempenha, retirou-se do *corpus* em estudo o excerto (5) do qual analisaremos apenas alguns dados:

(5) A noitada acabou na delegacia. De lá, decolou para os jornais do mundo inteiro, que transbordaram de informações constrangedoras, incluindo especulações sobre as reais preferências sexuais do jogador e outros detalhes devastadores para a imagem do fenômeno (Veja, 07/05/08, p.132-133).

Observa-se que, a partir das pistas lingüísticas presentes no enunciado, a mente humana é capaz de construir de modo simultâneo espaços incompatíveis entre si e, ao mesmo tempo, complementares, quais sejam: o espaço real, o factual, no qual se constitui o episódio em si e o seu contrafactual em que se encontra sua representação noticiosa consubstanciada por meio da palavra *noitada*. Importante observar que a simples escolha dessa palavra já indicia o julgamento do jornalista em relação ao conteúdo proposicional que enuncia. Em nossa cultura, a palavra “*noitada*” denota se não certo tom pejorativo/debochado na nomeação do fato, pelo menos a expressão da liberdade humana em eventos noturnos dos quais fazem parte sexo, drogas, bebidas, dentre outros. No espaço dessa representação, multiplicam-se em rede operações de identificação e integração de diferentes espaços a partir da ativação do item lexical “*decolou*”, por exemplo. Ao *decolar* que significa “*levantar vôo*”, contrapõe-se o sentido de “*espalhar-se com grande rapidez*”. No entanto, a combinação de pistas lingüísticas tais como “*decolar para os jornais do mundo inteiro*” aliada ao conhecimento compartilhado que temos do mundo em que vivemos oferecem suporte para que ocorram projeções mentais imagéticas a partir das quais se configura o sentido de que notícias não levantam vôo, mas podem se espalhar com enorme facilidade, conforme o veículo/suporte de comunicação e os interesses em jogo. Conforme podemos constatar por essa amostra de análise, a contrafactualidade constitui operação básica nos processos de referenciação, uma vez que é a partir dela que se identificam as estruturas que figuram no espaço de entrada e que,

uma vez projetadas, articulam-se para a formação da estrutura emergente no espaço integrado/ mescla.

Também é possível constatar o importante papel dessa relação vital quando observamos rituais específicos de determinadas culturas. Num ritual de casamento, por exemplo, a moça solteira que pega o buquê da noiva seria, teoricamente, a próxima pessoa daquele grupo a ocupar esse papel. A brincadeira do buquê contém em si dois espaços: o factual, o espaço do casamento real com papéis preenchidos por um noivo e uma noiva reais, e o seu contrafactual, o espaço imaginário de um casamento simbólico com papéis ainda a serem preenchidos. Como se vê, o sentido que emerge no presente caso faz parte de um processo de mesclagem do qual fazem parte não apenas os elementos do contexto imediato – o casal de noivos e os convidados para festa de seu casamento – como também um conjunto de conhecimentos estruturados por MCI nos quais se configuram os *frames* e os *scripts* pertinentes a esse ritual humano.

Diante dos dois exemplos apresentados, defendemos a idéia de que, apesar de sujeita a pressões do contexto e da cultura, a mente humana é independente. Isso porque ela é capaz de operar mentalmente com mundos possíveis, administrando cenários mentais que envolvem a contrafactualidade. Segundo Fauconnier & Turner (2002, p. 217),

Seres humanos fingem, imitam, mentem, fantasiam, enganam, iludem, consideram alternativas, simulam situações e propõem hipóteses. Nossa espécie tem uma extraordinária habilidade de operar mentalmente com o não real e essa habilidade depende de nossa capacidade de integração conceitual avançada (FAUCONNIER & TURNER, 2002, p. 217, tradução nossa)⁴.

Podemos citar ainda, conforme Fauconnier & Turner (2002), outras relações vitais tais como variação/mudança, identidade, tempo, espaço, causa/efeito, parte/todo, representação, papel/função, analogia, propriedade, similaridade, intencionalidade, dentre outras. Contudo, por assumirmos que as operações mentais de Identificação, Integração e Imaginação, através das quais a mente humana constrói sentidos, envolvem,

⁴ People pretend, imitate, lie, fantasize, deceive, delude, consider alternatives, simulate, make models, and propose hypotheses. Our species has an extraordinary ability to operate mentally on the unreal, and this ability depends on our capacity for advanced conceptual integration.

necessariamente, a contrafactualidade como propriedade básica da mente, não nos deteremos aqui numa descrição pormenorizada de cada uma dessas relações.

Ainda segundo os autores, a construção do espaço emergente no espaço integrado se dá por intermédio de três mecanismos básicos que funcionam simultaneamente: composição, complementação e elaboração. Os dois primeiros geralmente integram estruturas conceituais de domínios cognitivos diversos (os espaços de entrada). Enquanto a composição constrói relações que não existiam anteriormente nos domínios de entrada, a complementação acrescenta um conjunto adicional de conhecimentos estruturados a partir de modelos cognitivos. Já a elaboração constitui a fase dinâmica das mesclas que ocorrem por projeções mentais imagéticas e de acordo com os princípios estabelecidos no próprio espaço integrado.

Diante de tudo o que foi colocado, ainda que de forma bastante sucinta, é possível constatar pontos de imbricação relevantes entre a Psicologia e a Linguística Cognitivas. O principal deles, a nosso ver, é que a visão da Gestalt sobre a relação parte/todo rejeita a idéia associacionista de que a percepção de algo se dê a partir da soma das partes que a compõem por entender que os significados emergem por intermédio de processos de composição, complementação e elaboração, a partir de domínios cognitivos em que tal significado não existia.

2.6 – Algumas considerações sobre cognição e linguagem à guisa de conclusão

A partir do pressuposto de que as habilidades cognitivas humanas são o resultado de um processo evolutivo contínuo e adaptativo e que a linguagem é uma manifestação dessas habilidades que funciona em dependência de outras capacidades cognitivas humanas, procurou-se apresentar, neste capítulo, uma pequena amostragem de trabalhos desenvolvidos e de alguns de seus postulados, visando à compreensão de como o homem constrói seu conhecimento e o utiliza de forma recursiva. Ao discutir esse tema, perpassou-se por uma abordagem tradicional de estudos relativos ao binômio mente/cérebro cujos pressupostos dão, a nosso ver, sustentação a outras teorias do cognitivismo contemporâneo, aqui representado pela Teoria dos Espaços Mentais/ Integração Conceptual, proposta por Fauconnier e seu grupo de colaboradores. Todavia,

há que se lembrar que essa teoria ainda se encontra em plena fase de construção teórica, tendo, portanto, diversas questões a serem esclarecidas.

Aqui no Brasil, por exemplo, encontramos alguns grupos de pesquisa voltados para o desenvolvimento de trabalhos nessa perspectiva teórica por considerar seus processos, conforme afirma Salomão (2005, p. 163), *decisivos para a ordenação de nossa relação com o mundo*. Pertencente ao mesmo grupo dessa pesquisadora, o qual desenvolve trabalhos voltados para uma abordagem sociocognitiva da linguagem – a Hipótese Sócio-Cognitiva formulada por Salomão a partir de 1997 – , Miranda (1999, p.81) assim se manifesta:

Em lugar de postular uma teoria das capacidades dos sistemas matemáticos, tão ao gosto da lingüística formalista das últimas décadas, o modelo dos espaços mentais articula-se a partir das capacidades da mente humana. Nesse enquadre, o modelo alinha-se com uma perspectiva inovadora da cognição que, confrontando-se com as teorias modularistas da mente, considera a organização cognitiva como um conjunto integrado de sistemas dentre os quais estão a linguagem e a estrutura sociocultural. Em outros termos, postula-se a linguagem como um instrumento cognitivo (MIRANDA, 1999, p 81).

Diante do exposto, pode-se depreender que, nesse modelo, a cognição extrapola a dimensão na qual as estruturas lingüísticas são fundamentadas apenas em princípios cognitivos naturais e passa a ser concebida como uma construção social, intersubjetiva e historicamente configurada. Em decorrência disso, ao tratarmos de questões relativas às possibilidades de representação do gênero “notícia”, conforme nossa proposta de desenvolvimento deste trabalho, consideramos bastante adequado recorrer a seus postulados. Tal convicção se deve ao fato de que o reconhecimento dos gêneros de modo geral pressupõe a ativação de informações organizadas em nossa memória, embora isso não seja suficiente para se identificar e classificar todo e qualquer tipo de gênero. Além disso, ao se associar o conceito de memória aos modelos cognitivos idealizados nos quais encontramos os *frames* e os esquemas, fundamentais no processo de mesclagem conceptual defendida por Fauconnier e seus colaboradores, pretende-se mostrar como essas operações mentais podem ser identificadas e se configuram como estratégias modalizadoras processadas a partir da ativação de conhecimentos já estruturados. Uma pequena amostragem disso pôde ser percebida na breve análise que se fez em virtude da ativação do item lexical “*noitada*”. Essa e outras estratégias modalizadoras indiciam certa

orientação argumentativa na representação de textos noticiosos que visam a gerar o sensacionalismo como um efeito de sentido.

“Como ser dotado de razão e vontade, o homem constantemente avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso - ação verbal dotada de intencionalidade - tenta influir sobre o comportamento do outro, ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo.”

Ingedore Koch, 1999

3

O GÊNERO NOTÍCIA: DA PERSPECTIVA DO ENUNCIADO À DA ENUNCIACÃO

3.1 - Considerações teóricas iniciais sobre gêneros

Embora as pesquisas desenvolvidas acerca dos gêneros textuais tenham se realizado majoritariamente no campo da Lingüística, não há dúvida de que são vastas as possibilidades de uma abordagem interdisciplinar do tema se considerarmos não apenas o funcionamento da língua, mas também as atividades culturais e sociais através das quais eles se manifestam. Dessa forma, retoma-se o conceito de “organização recursiva” na perspectiva defendida por Morin e as idéias de Tomasello acerca da aquisição do conhecimento humano, assumindo-se uma concepção de linguagem como atividade constitutivamente dialógica em grande parte responsável por mudanças significativas nos comportamentos humanos, uma vez que permite ao indivíduo se apossar de instrumentos e recursos social e culturalmente constituídos.

Tendo em vista o processo pelo qual a língua se atualiza em discurso, a perspectiva de trabalho aqui assumida envolve uma concepção de gênero textual que vai além de suas características meramente formais. Ele é o produto de uma interação complexa entre as *condições de produção* dos textos e as *competências lingüístico-discursivas* que estariam na base da produção dos discursos sociais. Entende-se que as condições de produção se constituem do *contexto sócio-histórico-cultural*, condição definidora dos conhecimentos, das crenças e dos valores partilhados e/ou pressupostos pelos interlocutores, bem como do lugar social de cada um deles, a *identidade* desses interlocutores, real ou situacionalmente configurada, a *finalidade* do ato de comunicação em si, os níveis de *tematização* – a organização de temas e sub-temas que podem ser tratados por meio de um determinado gênero – e o *dispositivo* físico e material envolvido. Dessa forma, antes de serem fatos lingüísticos criados e constituídos a partir de necessidades discursivas específicas a fim de que se cumpram determinadas funções na sociedade da qual fazem parte, gêneros são também fatos sociais. Corroborando essa

idéia, Marcuschi (2006, p. 25) afirma que, *mais do que uma forma, o gênero é uma “ação social tipificada” que se dá na recorrência de situações que tornam o gênero reconhecível.*

É importante ressaltar também que a atividade discursiva pode ser condicionada por um contexto, mas, ao mesmo tempo, é transformadora desse mesmo contexto. Dessa maneira, desloca-se a noção de contexto como algo a ser buscado e passamos a considerá-lo como parte integrante nos processos de interação. Decorre desse estado de permanente adaptação o fato de que os gêneros são concebidos como “*tipos relativamente estáveis de enunciados*” (BAKHTIN, 1979/1992, p.292), são “*noções propositalmente vagas*” (MARCUSCHI, 2002, p.22) e também elementos estruturadores de uma cultura.

Feitas essas considerações iniciais, segue-se um breve estudo a respeito da identidade dos gêneros numa perspectiva bakhtiniana, para depois situá-los sob uma perspectiva da psicolinguística que dê ênfase à estruturação da memória e a aspectos diversos de uma caracterização de gêneros, tomando-se como base o paradigma enacionista. Por fim, considerando-se fatores pragmáticos e lingüísticos, ajusta-se o foco deste trabalho de pesquisa para o gênero notícia não como uma prática discursiva que representa o mundo de forma espelhada, mas como prática social que reconstrói esse mundo segundo um conjunto de crenças e desejos, objetivando atingir determinados fins sociais e mercadológicos.

3.2 - Breve estudo sobre a influência bakhtiniana na identidade dos gêneros

Não obstante os estudos sobre a identidade dos gêneros estarem presentes desde a Antiguidade Clássica, uma concepção acerca do assunto que considere as condições sócio-histórico-culturais aliadas ao processamento discursivo só se deu em meados do século XX, com Mikhail Bakhtin (1953/1979). Segundo ele, gêneros são entidades “*relativamente estáveis*” que apresentam formas recorrentes de organização global dos textos em consonância com o conteúdo temático usualmente tratado por eles, além de preferência por determinados padrões no emprego de recursos lingüísticos tais como escolhas sintáticas e lexicais, dentre outros. Sendo assim, o reconhecimento de um gênero

deve integrar o conhecimento lingüístico do homem em sua dimensão sócio-histórico-cultural, tornando-se um parâmetro a partir do qual ele reprocessa cada situação de enunciação e a reconstitui por meio de variáveis textuais.

Vale ainda lembrar que os estudos de Bakhtin visavam, inicialmente, ao estabelecimento de uma oposição entre “gêneros discursivos” – a princípio chamados “lingüísticos” – e “gêneros literários”, conforme pode-se constatar ao nos voltarmos para as questões discutidas no Círculo Lingüístico de Moscou, presentes já em 1929 na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de Volochínov⁵. Com o passar do tempo e com o surgimento de novas abordagens no campo da Lingüística, os estudos bakhtinianos suscitaram novas vertentes que, em alguns casos, mantinham maior proximidade com a descrição de aspectos relacionados à composição dos textos e à sua materialidade lingüística em detrimento de aspectos enunciativos. Essa dicotomia entre enunciado e enunciação fez surgirem as expressões “gêneros de discurso” e “gêneros de texto” e Marcuschi (2002) tenta, a partir de uma definição do que se pode entender como *texto* e *discurso*, apontar caminhos para que se perceba a distinção entre um domínio e outro:

Deve-se ter o cuidado de não confundir ‘texto’ e ‘discurso’ [...] pode-se dizer que ‘texto’ é uma entidade concreta, realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. ‘Discurso’ é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. (MARCUSCHI, 2002, p. 24)

Não obstante essa afirmativa e a despeito de inúmeras tentativas de delimitação clara entre as fronteiras dos dois domínios, a fluidez desses conceitos permanece devido à falta de critérios mais precisos de classificação e à inadequação da terminologia utilizada nas diversas abordagens relativas ao tema. Dessa forma e ainda em conformidade com as palavras de Marcuschi, aquilo que chamamos de “gêneros textuais/do texto” se aproxima da idéia de que há textos que pertencem a certas famílias, assim reconhecidas por terem certas similaridades tanto no nível do texto quanto no do contexto, conforme distinção presente na maior parte da literatura acerca do assunto. Já a expressão “gêneros discursivos/do discurso” evoca sempre a situação enunciativa tanto de produção quanto de recepção de textos, considerando-se não apenas aspectos sócio-histórico-culturais

⁵ Embora usualmente a autoria da publicação seja atribuída a Bakhtin e Volochínov devido ao fato de ambos integrarem o Círculo Lingüístico de Moscou, atualmente tal equívoco foi corrigido, reconhecendo-se ser este um trabalho do segundo.

como também o processo de construção das relações entre locutor/alocutário que inclui a finalidade da situação bem como uma apreciação valorativa entre os interlocutores envolvidos e temas a serem tratados.

Não se pode deixar de observar, contudo, que semelhante posicionamento do autor encerra também uma certa contradição, uma vez que sua proposta parece estar na contramão daquilo que se percebe hoje, indo, inclusive, contra o princípio de linguagem como forma recursiva da espécie humana auto-eco-organizar-se. Em síntese, ele propõe que o discurso se subordina ao texto, pois se manifesta a partir deste. No entanto, se tomarmos como exemplo o discurso publicitário, percebe-se que em seu interior existem não apenas várias formas de realização textual, como também grande variedade de discursos tais como aqueles que consistem num apelo à construção da cidadania, a manifestações de caráter solidário, político ou comercial, dentre outros. Isso também parece ser um caso extensivo àquilo que chamamos de discurso político, religioso, jurídico, etc. É preciso considerar, então, duas dimensões de discurso: uma que tem o caráter de *engendramento* de suas práticas e outra que se vale de uma *realização* textual. Parece ser esta a dimensão considerada por Marcuschi ao fazer tal distinção. Em suma, embora *texto* e *discurso* sejam coisas distintas, existe uma relação de complementaridade que os torna indissociáveis.

Retomando neste ponto os estudos bakhtinianos, é importante ressaltar que certos gêneros mantêm maior proximidade com certas modalidades de linguagem, o que leva Bakhtin a classificá-los em *gêneros primários* e *gêneros secundários*. Enquanto aqueles se aproximam da modalidade oral da linguagem e das esferas do cotidiano (familiares, íntimas, comunitárias, dentre outras), estes se relacionam a situações sociais mais complexas, às esferas de sistemas ideológicos sócio-historicamente constituídos e mais facilmente propagados por meio da modalidade escrita da linguagem tais como os da moral, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa, etc. Contudo, tanto a modalidade oral quanto a escrita guardam entre si mecanismos análogos de expressão da língua, o que é facilmente observado em textos noticiosos de cunho mais sensacionalista, para se fazer referência a uma das tendências de representação do gênero. Vejamos como isso acontece:

(6) “Foi assaltado 38 vezes

Fotógrafo de Ayrton Senna é barbarizado por ladrões

(...)

No 4º DP (Consolação), Ramon disse que em várias ocasiões viu a morte pela frente. A violência deixou o fotógrafo tão desesperado, que resolveu se mandar de São Paulo.

‘Cansei de tanta violência. Não dá mais, pois até a sua casa é invadida e você se torna prisioneiro dos assaltantes. Ladrões colocaram o revólver na minha cabeça mais de seis vezes. O jeito é mudar de estado ou país. Aqui não fico mais, apesar de amar muito São Paulo.’ (Notícias Populares, 07/06/94)

Não obstante o fato de ser um dos precursores da idéia de que as determinações sociais são constitutivas da linguagem, Bakhtin parece não ter tido a preocupação em descrever e delimitar de forma mais precisa essas *esferas de atividade social e de linguagem*, o que talvez justifique algumas das lacunas observadas no excerto acima. Nele, a fronteira entre a esfera primária e a secundária se diluiu frente às escolhas sintáticas e lexicais do enunciador e também à seleção do conteúdo dessa notícia. Apesar de o texto fazer parte do domínio discursivo da imprensa, sendo a notícia um gênero prototípico de um jornal, suporte por meio do qual se materializa o exemplo em questão, nota-se claramente a migração de recursos característicos de um registro informal da modalidade oral para a escrita. Tal fato fica bastante evidente quando se observam recursos lexicais e fraseológicos como *é barbarizado*, *viu a morte pela frente* e *resolveu se mandar*, típicos de uma linguagem mais coloquial. Além disso, na composição do texto não se percebem limites quanto ao seu conteúdo. Afinal, se a notícia em si fazia menção a uma vítima de freqüentes assaltos, que razões levaram o redator a incluir o fato de que se trata de alguém que havia fotografado o piloto Ayrton Senna, recém-falecido na época em que ela foi veiculada? Ao assumir esse tom mais sensacionalista, a notícia em questão mantém um grau de proximidade maior com uma esfera do cotidiano do que com uma esfera da imprensa cujos princípios éticos deveriam se pautar pela objetividade e imparcialidade. Assim sendo, de forma intencional, pretende-se causar maior impacto diante do público leitor. Isso vem apenas comprovar a idéia de que “*qualquer que seja o*

aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (VOLOCHINOV,1929, p. 112).

Coadunando-se às questões aqui levantadas, Mendes (2004, p.129) atesta o seguinte:

É preciso notar, sobretudo, que os parâmetros de regularidade discursiva são convenções que não funcionam isoladamente, mas sim como um dispositivo integrado e orgânico de categorização dos gêneros a partir de características típicas e não definitórias, atuando conjunta e simultaneamente no reconhecimento empírico da pertinência de um enunciado/texto a um dado gênero e a um determinado domínio (esfera) discursivo (MENDES, 2004,p.129).

Como se pode perceber, o autor acena com a possibilidade de que se deixe de lado a vã tentativa de se estabelecerem limites rígidos entre um gênero e outro por meio de critérios muito restritos e propõe-nos uma definição mais maleável que considere suas tendências e um conjunto maior de regularidades.

Dessa forma, se os gêneros discursivos se engendram a partir de aspectos sócio-histórico-culturais, sendo, assim, representativos das vivências humanas, nada mais real do que a impossibilidade de se fecharem essas representações, visto que essas mesmas vivências se encontram em constante transformação. Portanto, ao se considerarem os gêneros como fatos sociais, é natural considerar também o advento de novos gêneros, os emergentes, ou seja, aqueles que surgem a partir de necessidades discursivas específicas e para os quais ainda não há uma adequada caracterização como atividade enunciativo-discursiva. Dentre esses gêneros considerados emergentes, podemos citar o e-mail – ambiente onde o gênero se processa ou gênero que se realiza por intermédio de outros gêneros como cartas, recados, memorandos, anúncios publicitários e que pertence tanto à esfera primária quanto à secundária – , o formulário e o bânner – gêneros ou suportes/portadores de texto. Como se pode constatar, há muitas questões ainda sem resposta quando falamos em gêneros textuais/discursivos, mas as reflexões que as idéias de Bakhtin nos proporcionam parecem ser ainda campo bastante fecundo para a continuidade desses estudos.

3.3 - Contribuições da Psicolinguística no estudo sobre a identidade dos gêneros

Conforme se afirmou no início desta seção, os estudos sobre gêneros são, muitas vezes, de caráter interdisciplinar. Se até aqui a abordagem do tema se construiu a partir do pressuposto de que os gêneros se manifestam em forma de textos – os chamados fatos lingüísticos que, por sua vez, pertencem a um conjunto maior de fatos sociais – , doravante será dado um enfoque na perspectiva de que operações semântico-cognitivas se processam na estruturação lingüística do mundo, considerando-se alguns pressupostos teóricos da Psicolinguística. Em outras palavras, isso significa que buscaremos compreender como o reconhecimento de um gênero pode ser estruturado em nossa memória como estratégia de se facilitar o processamento discursivo.

No capítulo anterior, fez-se um rápido levantamento de alguns modelos teóricos cujo enfoque havia sido a estruturação da memória. A partir do conceito de superestrutura formulado por van Dijk (1977, 1978) – e que foi fundamentado inicialmente em pressupostos da psicologia cognitiva – o esquema cognitivo de um texto passa de uma perspectiva simbólica inicial para outra de caráter sócio-interativo. Espécie de modelo de sintaxe textual, uma superestrutura é um recurso *top-down*, um esquema aproximado do modo como as proposições de um texto devem/ podem ser processadas, sendo, portanto, variáveis. Subordinadas ao sistema de controle geral – componente intrínseco à memória – essas proposições são as unidades básicas de organização dela, sendo indiciadas a partir de dois componentes: o processamento da compreensão e o da produção. A partir de certas condições sócio-histórico-culturais e diante do que é provável se encontrar em face de um determinado texto/gênero, certas estratégias são acionadas para a construção de proposições e o estabelecimento de coerência local prevista pela superestrutura. Contudo, ainda que seu reconhecimento constitua algo relevante no processamento discursivo de um texto, essa noção apresenta algumas fragilidades que foram apontadas por Bonini (2002). Para melhor explicitar isso, ele propõe um estudo da identidade de um texto sob dois prismas distintos: um *intramental* e outro *extramental*. Enquanto o primeiro *se atém ao processo da linguagem, buscando entender como o conhecimento sobre a identidade de um texto se estrutura na memória*

(BONINI, 2002, p.17), o outro se volta para a caracterização de um texto como fato lingüístico e para os processos discursivos envolvidos em sua produção⁶.

Voltemos inicialmente nossa atenção para uma abordagem cognitivista dos gêneros, denominado por Bonini (2002) de enfoque intramental. Tomando-se a idéia de esquema mental proposto por Bartlett (1932, *apud* Bonini, 2002, p. 48), a partir do relato de uma história indígena em diferentes grupos sociais, observou-se uma regularidade nesse esquema – nada de alterações que aproximassem o novo texto de uma descrição ou de uma dissertação, por exemplo – ainda que sujeito a pressões de ordem cultural e estilística. Mesmo sabendo-se que o conhecimento de uma narrativa seja algo recorrente na maior parte das civilizações, inaugura-se, a partir desses experimentos, a busca dessa identidade de um texto do ponto de vista da cognição.

Surge, então, uma reformulação do conceito de superestrutura, proposto inicialmente por Marx e adaptado por van Dijk (1977) como uma teoria da narrativa fortemente influenciada por princípios da gramática gerativa. Dentre eles, encontra-se a oposição entre a atuação narrativa ou desempenho (*performance*) e a competência narrativa, ambos associados à produção e recepção de textos por um indivíduo e um grupo social específicos. Além disso, também são postos em cena os conceitos de estrutura superficial e estrutura profunda, sendo esta em conformidade com a descrição de Labov e Waletzky (1967, *apud* Bonini, 2002, p.50) acerca de que proposições comporiam sintaticamente uma narrativa: introdução, complicação, ação, resolução e conclusão. Bonini (2002) ainda afirma que, logo em seguida, van Dijk vai se (re)aproximar de Kintsch (Kintsch e van Dijk, 1975, van Dijk e Kintsch, 1978) para tornar o conceito de superestrutura mais abrangente que aquele voltado apenas para o texto narrativo. Nessa reformulação, observa-se uma preocupação com o tratamento macroestrutural de um texto – relativo ao seu conteúdo essencial arquivado na MLP – e com sua microestrutura – o conjunto de recursos lingüísticos reunidos na composição de um determinado texto. Ampliaram-se, dessa forma, os esquemas descritos, acrescentando ao narrativo também o dissertativo e o informe experimental. A partir da década de 80, a continuidade das pesquisas desenvolvidas no âmbito de textos noticiosos possibilitou a

⁶ É importante ressaltar que se trata apenas de uma adoção metodológica, porque conceitualmente a separação desses dois níveis é muito mais complexa.

ampliação do conceito de superestrutura como uma conformação discursiva do texto. Essa é, então, a terceira fase dos trabalhos desenvolvidos por van Dijk (1990, 1992) em que as categorias de uma superestrutura parecem menos discretas e cada vez mais inter-relacionadas ao contexto de ocorrência.

Ao desenvolver pesquisas relativas ao gênero “notícia”, Bonini (2002, p. 174) ressalta que há pontos importantes de imbricação entre o conceito de auto-eco-organização proposto por Morin e a concepção dialógica de Bakhtin, por meio da seguinte afirmativa:

O paradigma enacionista detém a visão de comunicação parecida com a concepção de Bakhtin, não de transferência de informação de emissor para receptor, mas de coconstrução de um mundo comum. Não se trata de uma interação, mas de enação, já que nesta visão há necessariamente perturbação e adaptação (BONINI, 2002, p. 174).

No entanto, ainda que considere essa concepção dialógica proposta por Bakhtin, Bonini (2002, p.179) atenta para o fato de que há *um acoplamento ontogênico que relaciona as instâncias individuais e coletivas*, uma vez que o reconhecimento dos gêneros, de modo geral, constitui-se numa prática comunicativa bastante convencionalizada dentro de uma sociedade, o que, certamente, torna todo esse processo menos susceptível a variações.

Assim como a identidade de um texto pode ser construída tomando-se como princípio o modo como esse conhecimento se estrutura na memória, há outras abordagens que, de certa forma, acrescentam outras nuances que permitem o estabelecimento de um quadro mais abrangente de análise da questão. Passemos, então, a uma abordagem sócio-descritiva dos gêneros, o enfoque extramental. A proposta de Bonini (2002) desenvolve-se a partir de duas tendências: uma de caráter mais tipologizante, ainda que originado de linhas teóricas distintas, e outra de caráter mais processual, no sentido de como a identidade desses textos pode se estabelecer como parte integrante de um contexto sócio-histórico-cultural. Esta última tendência, iniciada por Bakhtin e que já foi citada na seção 3.2, será o tema do próximo capítulo, quando forem elencadas diversas estratégias lingüístico-discursivas de modalização utilizadas na construção de textos noticiosos.

Começamos, então, discorrendo acerca da primeira tendência. Conforme afirma Bonini (2002, p. 57), na tentativa de se dar continuidade à proposta de van Dijk, Adam

(1987, 1992) postula que os esquemas das seqüências são formados por proposições psicológicas que se cristalizam e que o processo de sua formação apresenta duas dimensões: a configuracional que diz respeito a pressupostos semântico-pragmáticos e a seqüencial que diz respeito à organização textual. A partir de uma concepção modular de texto, Adam (1990, 1991a, 1991b, 1992 *apud* Bronckart, 1999, p.218) apresenta um conceito de seqüência segundo o qual se trata de *unidades relativamente autônomas que organizam e integram macroproposições que, por sua vez, organizam proposições*. Elas se compõem por meio de recursos lingüísticos variados, podendo ser classificadas em cinco tipos básicos: a narrativa, a descritiva, a argumentativa, a explicativa e a dialógica. Bastante semelhante à seqüência descritiva, alguns autores consideram a seqüência injuntiva – aquela que orienta o enunciatário em relação ao “como proceder” – como um sexto tipo.

Segundo Bronckart (1987, 1998, 1999), contemporâneo de Adam, mas alinhado a um modelo sociointeracionista de linguagem, um texto pode ser analisado sob a perspectiva de sua infra-estrutura que se caracteriza pela organização seqüencial ou linear do conteúdo temático. O agente produtor do texto dispõe de “modelos” para produzir os textos de que necessita e esses modelos se encontram armazenados em sua memória sob o rótulo de macroestruturas. Entende-se por macroestrutura o conjunto de representações ou conhecimentos sobre um tema que se encontram estruturados em formas lógicas ou hierárquicas e que se desenvolvem em diversas formas de organização linear (planos, seqüências, esquemas, etc.) convencionalmente chamadas de superestruturas. É preciso ainda dizer que, segundo o autor, essas formas de organização não precisam aparecer de forma “pura”, podendo, inclusive, a organização linear de um texto ser o produto da combinação e da articulação dos vários tipos de seqüências.

Contudo, há várias divergências em relação a essa categorização de seqüências textuais e à sua própria validade tanto em termos práticos quanto conceituais. A principal delas talvez seja o fato de que o reconhecimento de seqüências ou a própria combinação de algumas delas não constitui condição necessária nem suficiente para se assegurar que um determinado texto se inscreva num determinado domínio discursivo ou que pertença a um determinado gênero em função de seu conteúdo temático ou dos recursos lingüísticos utilizados em sua composição. Para muitos autores, por exemplo, a argumentatividade

não é apenas um aspecto estrutural/seqüencial, mas discursivo. Segundo epígrafe de Koch (1999) que se encontra no início deste capítulo, a argumentatividade está inscrita no nível fundamental de toda produção discursiva, sendo, pois, uma atividade estruturante de todo e qualquer discurso. Tal afirmação tem razão de ser, uma vez que o homem, parte integrante de um contexto sócio-histórico-cultural, usa a linguagem para se constituir como sujeito, marcando suas posições. Dessa maneira, a aparente neutralidade em qualquer discurso já é, por si própria, uma forma de marcar uma posição, de veicular valores e ideologias.

3.4 - O gênero notícia

Pensando-se na linguagem como elemento constitutivo e estruturador da realidade humana e de sua cultura, a partir desta seção nos voltaremos de forma mais sistemática para análise do gênero notícia e de suas representações em nosso cotidiano.

A notícia é considerada como o gênero prototípico do texto jornalístico, podendo ser veiculada em jornais falados ou escritos e revistas. Segundo Bonini (2002, p.52), ainda fundamentado na terceira fase de reformulação de van Dijk, sua superestrutura *surge como uma organização textual determinada por um contexto interacional em que a informação é um produto de mercado, frente ao qual ela tem que ser imparcial e obedecer a certo espaço editorialesco*. Sendo assim, o trabalho jornalístico exige uma série de estratégias cuidadosamente planejadas com o objetivo de garantir a sobrevivência do próprio jornal ou revista.

Ainda segundo o autor (2002), uma notícia é construída a partir de um modelo cognitivo idealizado (MCI), visto relatar um fato novo de interesse do público a que se destina e se compor basicamente dos seguintes elementos:

- 1- Manchete/título – categoria da superestrutura textual que exprime o tópico textual de maior proeminência no texto noticioso. Salientada(o) pelo destaque tipográfico que a/o distancia do resto do texto, desempenha uma importante função argumentativa, pois constitui uma estratégia a serviço das intenções do jornalista/redator da notícia no sentido de convencer o leitor de que o texto deve ser lido ou de, pelo menos, provocar nele uma impressão geral a respeito

do conteúdo reportado. Pode vir acompanhada (o) do subtítulo /“olho” – texto de abertura bem pequeno, colocado logo abaixo do título também em caráter argumentativo – e pode ser antecedida por uma chamada oral/ chamada de capa.

- 2- *Lead* – parágrafo de abertura do texto que contém as informações mais importantes a respeito do que será noticiado (o quê, quem, quando, onde, como e por quê) e que serve de guia à leitura.
- 3- Corpo do texto – categoria da superestrutura textual na qual se processa um detalhamento do *lead*. Pode vir acompanhado de imagens fotográficas e de suas respectivas legendas. Trata-se de uma categoria em que se encontra a enumeração de fatos preliminares ou culminantes relacionados ao fato principal, aspectos descritivos como forma de ancoragem do posicionamento enunciativo do jornalista, dentre outros.

No entanto, após uma primeira análise de diversas notícias em variados suportes, foi possível constatar que uma representação tão reduzida quanto essa não é suficiente para uma descrição adequada do gênero.

Uma das razões que conduzem a essa constatação diz respeito à própria nomenclatura. Uma notícia é um modelo idealizado de prática discursiva que aparece imbricada com outros elementos que propiciam a emergência de outros gêneros. Sendo assim, ela pode ser reconstruída, alterada à medida que assume outras categorizações tais como reportagem, editorial, artigo de opinião, entrevista, dentre outros gêneros que gravitam em torno da notícia. Todos esses gêneros têm em comum o fato de serem textos noticiosos e, muitas vezes, também formadores de opinião, contudo um breve confronto entre o que se entende por “notícia” e por “reportagem”, por exemplo, já aponta diferenças importantes entre um gênero e outro. Enquanto uma notícia costuma se ater a um fato principal, numa reportagem observa-se a conexão entre ele e outros fatos paralelos por meio de boxes informativos, trechos de entrevistas, citações, textos de opinião acerca do fato, apresentação de dados estatísticos, etc. Um outro traço distintivo é que uma reportagem pode ser atemporal, enquanto uma notícia tem sempre um caráter informativo mais pontual, imediatista. Todavia, em ambos os gêneros pode-se constatar a presença de manchete/título, *lead* e corpo do texto. Sendo assim, a possibilidade de

distinguir um do outro a partir da proposta de Bonini tem se mostrado pouco consistente. Talvez seja mais adequado considerar que se o gênero notícia é o protótipo de matérias jornalísticas, ela manterá certa sobreposição sobre outros gêneros do mesmo domínio. Além disso, existe também a possibilidade de ocorrerem “mesclas” de gêneros, como frequentemente encontramos, por exemplo, na constituição de um editorial. Nesse caso, a presença de uma estrutura característica da notícia, ainda que resumida, faz-se acompanhar de outra – apresentação de um ponto de vista a ser defendido, das hipóteses que irão confirmá-lo (argumentos) ou refutá-lo (contra-argumentos) e de uma conclusão que integra os efeitos de argumentos e contra-argumentos – por meio da qual se estrutura a argumentação.

Outro problema constatado quanto ao caráter reducionista dos estudos relativos à descrição dos gêneros está nos três critérios básicos de sua caracterização propostos por Bakhtin, quais sejam, o *conteúdo temático*, o *estilo* e a *construção composicional*. Parece que o reconhecimento de tais convenções não é o bastante para se estabelecerem limites entre um gênero e outro. Numa entrevista, por exemplo, pressupõe-se a existência de um contrato comunicativo que implique a submissão do entrevistado ao tema da pergunta proposta. Todavia, nada o impedirá de “fugir ao *script*” durante a resposta, fazendo com que o entrevistador procure adequar o seu propósito inicial à nova rota sugerida. Assim sendo, numa entrevista é difícil o cerceamento da liberdade de expressão do entrevistado, o que torna menos previsível o seu conteúdo temático. No tocante a essa questão, Mendes (2004, p.123) reconhece *a dificuldade de assumir o determinismo do “conteúdo temático” como condição necessária para assegurar o reconhecimento de um gênero pertencente a um dado domínio discursivo*. Seria interessante, portanto, pensar-se em critérios mais abrangentes para o reconhecimento de gêneros como, por exemplo, uma gradiência deles, conforme propõe o autor:

Pode haver um gradiente de gêneros que, em função de seus respectivos domínios, condicionam mais ou menos os conteúdos temáticos que são dizíveis através deles, o que faz com que esses conteúdos possam ser mais ou menos típicos, mas não exclusivos de certos gêneros (MENDES, 2004, p.124).

Além das restrições apontadas no que se refere à possibilidade de reconhecimento de um gênero por intermédio de seu “conteúdo temático”, apontaremos outra em relação ao uso de recursos expressivos que materializam um gênero sob a forma de texto, ou seja,

ao estilo. Na maior parte das vezes, ele não pode ser determinado por um dado gênero, embora saibamos que gêneros sejam fatos sociais criados e constituídos a partir de necessidades discursivas específicas. Até quando confrontamos notícias relacionadas a um mesmo fato, publicadas na mesma data, mas que figurem em jornais ideologicamente distintos, é possível observar diferentes formas de representação, o que vem reforçar a idéia de que a categoria “estilo” também não pode ser também um critério a ser utilizado no reconhecimento de todo e qualquer gênero.

A seguir serão apresentados dois textos noticiosos a título de exemplificação e, não obstante o fato de relatarem o mesmo fato, há claras diferenças entre as versões apresentadas que se relacionam ao estilo de quem se responsabiliza por sua produção. Um excerto do segundo deles já foi colocado na seção 3.2 e superficialmente analisado. Quanto às diferenças entre os dois veículos por meio dos quais o fato é relatado, haverá, ainda no decorrer deste capítulo, uma breve explanação. Por ora, acompanhem os relatos do fato:

(7) 1ª versão

Fotógrafo diz que sofreu 36º roubo desde 77

O repórter fotográfico Ramon Arnaldo Rodrigues, 52, diz ter sido vítima ontem do 36º assalto nos últimos 17 anos.

Rodrigues afirmou ter surpreendido o menor M.J.A., 15, em seu estúdio e residência, na Rua Avanhandava, Consolação (centro).

“Vou me mudar de São Paulo”, declarou o fotógrafo. Seu próximo endereço poderá ser Manaus (AM) ou Chile.

O menor M.J.A. foi levado à polícia e, em seguida, encaminhado ao SOS-Criança.

O fotógrafo mora no local há 17 anos. Das 36 ocorrências, seis teriam sido a mão armada.

No dia 13 de maio, Rodrigo disse ter sofrido o último assalto. Ele flagrou e lutou com um ladrão, depois preso, dentro do estúdio.

A última ocorrência registrada pelo fotógrafo ocorreu na semana retrasada. O caso foi registrado como “abuso de confiança”.

Ele afirmou à polícia que permitiu que um homem – que havia dito ser fotógrafo – e sua família dormissem em seu estúdio. Durante a madrugada, o homem e sua família fugiram do local com equipamentos fotográficos avaliados em US\$7.000 (cerca de 14 milhões).

Folha de S.Paulo, 07/06/94.

(8) 2ª versão

Loucura

38 assaltos ao amigo do Senna

Fotógrafo vive fugindo do malaco

Foi assaltado 38 vezes

Fotógrafo de Ayrton Senna é barbarizado por ladrões

O fotógrafo Ramon Arnaldo Rodrigues, 52, foi assaltado na madrugada de ontem pela 38ª vez. Ameaçado de morte, ele assistiu, em pânico, o bando destruir o seu estúdio, na Rua Avanhadava, Bela Vista (centro), levando todo o seu equipamento, além de fax, telefone sem fio, rádios, malas e bolsas de couro.

No 4º DP (Consolação), Ramon disse que em várias ocasiões viu a morte pela frente. A violência deixou o fotógrafo tão desesperado, que resolveu se mandar de São Paulo.

“Cansei de tanta violência. Não dá mais, pois até a sua casa é invadida e você se torna prisioneiro dos assaltantes. Ladrões colocaram o revólver na minha cabeça mais de seis vezes. O jeito é mudar de estado ou país. Aqui não fico mais, apesar de amar muito São Paulo.

Ramon diz ser o primeiro “paparazzo”(que faz fotos indiscretas de famosos) do Brasil. Na década de 70, quando fotografava para a revista Intervalo (especializada em fofocas sobre artistas), ele flagrava as estrelas em atitudes ou posições delicadas.

Entre os famosos fotografados por ele estão Julio Iglesias, Manolo Otero, Liza Minelli, Mazzaropi e até o nosso Ayrton Senna. Atualmente ele trabalha como free-lancer (que faz bicos) na revista Contigo.

Notícias Populares, 07/06/94

Após a leitura dos dois textos, pode-se dizer que *a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado* (MAINGUENEAU,1990, p.8 *apud* Neves, 1996, p. 164), de maneira a revelar como o enunciador se posiciona diante do conteúdo proposicional que enuncia e do público a que se destina o texto fica mais explícita no segundo. O fato de colocar em cena, inclusive no subtítulo da manchete, o nome de Ayrton Senna, ídolo do esporte brasileiro que havia falecido tragicamente pouco mais de um mês antes, sem que haja uma relação direta entre ele e o fato ocorrido, já denota certo apelo à emoção do leitor. Além do mais, expressões do tipo “*ele assistiu, em pânico, o bando destruir o seu estúdio*”, “*fotógrafo vive fugindo do malaco*”, “*viu a morte pela frente*”, “*resolveu se mandar, “colocaram o revólver na minha cabeça*” são bastante reveladoras no que se refere a uma tentativa de estabelecer maior proximidade com o leitor por meio do uso de uma linguagem mais informal. Não podemos deixar de observar também os trechos que se encontram entre parênteses – “*que faz fotos indiscretas de famosos*” para explicar a expressão “*paparazzo*” e “*que faz bicos*” para explicar “*free-lancer*” – , pois sugerem que os responsáveis pelo perfil editorial desse veículo acreditam ter entre seus leitores alguém que desconheça o significado dessas expressões, não obstante serem costumeiramente utilizadas pela mídia. Por que esse posicionamento tão parcial é percebido no segundo texto? Que imagem de público-leitor se projeta a partir dos dados observados acima e que constituem os recursos estilísticos ativados para seduzi-lo? Quais os aspectos cognitivos e culturais relacionados aos elementos da enunciação são possíveis de se inferir a partir das pistas lingüísticas presentes no texto? As respostas a essas perguntas apontam para a necessidade de se reverem alguns dos pressupostos que têm norteado os estudos acerca de gêneros textuais.

Diante de diferenças tão evidentes como as que podemos notar nos dois textos publicados, alguns pesquisadores têm aventado a hipótese da existência de subgêneros a fim de atender a pequenas alterações dos propósitos comunicativos de um gênero.

Relativamente a textos noticiosos, há quem aponte a fofoca como um subgênero da notícia e até como gênero específico. Segundo Aderaldo (2004, p. 66), *o que caracteriza alguns textos jornalísticos, dentre elas a fofoca, é o fato de apresentarem um tom avaliativo velado, escamoteado por uma pretensa objetividade* que se apresenta na construção da narrativa. Contudo, há que se atentar para o fato de que ela, a fofoca, nada mais é do que uma prática discursiva que não se restringe ao domínio desse tipo de textos. De fato, ela se atualiza, conforme afirma a autora, por meio de diferentes gêneros textuais orais ou escritos, de cunho jornalístico ou não, como reportagens, notas, colunas sociais, e-mails, comunicados, cantigas populares, dentre outros.

Considerando-se ainda que o que interessa ou não ao público leitor é determinante não apenas para a seleção do conteúdo temático, mas também para a seleção dos recursos composicionais do próprio texto, Mendes (2004, p.129) atesta o seguinte:

O que de fato interessa na análise dos gêneros é o trabalho estratégico operado pelos sujeitos sobre esses elementos de regularidades convencionais, em função de efeitos de sentido intencionais (MENDES, 2004, p.129).

Sendo assim, em vez de se considerar a possibilidade da fofoca como um subgênero, este trabalho pretende desenvolver a questão sob outro foco: o do sensacionalismo como fenômeno cultural que responde a uma questão ontológica da condição humana: o fascínio pelo extraordinário. Para isso, dedicaremos a seção seguinte a uma breve explanação histórica sobre as origens do sensacionalismo e a sua presença na imprensa brasileira não apenas como estratégia editorial subordinada a interesses mercadológicos, mas também a estados intencionais conscientes ou não.

3.5 - O sensacionalismo na imprensa

Segundo Houaiss (2001,p.2546), a palavra *sensacionalismo* é um substantivo masculino originado a partir da forma francesa *sensationnel* cujo significado inicial indica aquilo *que se funda sobre a sensação* (1837), para depois ter seu significado ampliado para algo *que atrai a atenção do público* (1889). Sendo assim, o substantivo se encontra associado a meios de comunicação de modo geral e se refere *ao uso ou efeito de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública sem que*

haja qualquer preocupação com a veracidade (HOUAISS, 2001,p.2546). Já em Holanda Ferreira (1986, p.1569), o termo se traduz como *divulgação e exploração em tom espalhafatoso de matéria capaz de emocionar ou escandalizar*.

Não se trata de um fenômeno novo e talvez seja uma das estratégias mais antigas das quais os meios de comunicação se valem para aumentarem a venda de seus produtos. No entanto, não se pode analisar sua complexidade a partir de uma perspectiva tão reducionista a ponto de se atribuir somente a uma das partes envolvidas toda a responsabilidade pela questão. Na relação estabelecida entre a mídia e seu público, chama nossa atenção o fato de que o interesse pelo excepcional, pelo grotesco ou até pelo violento não se restringe a determinados estratos sociais. Podemos, inclusive, afirmar que, não obstante todo o preconceito fomentado por uma cultura que vincula “sensacionalismo” a “jornalismo popular” – entenda-se aqui como imprensa de baixo nível que dá ênfase a bizarrices de toda sorte –, todos os grupos sociais se deixam seduzir por uma espécie de função catártica do discurso sensacionalista, uma vez que ele se encontra vinculado a nossas emoções mais primárias. Não importa se alguns detêm maior poder em função de determinado padrão financeiro, social ou até mesmo cultural, mas algo apela para um inconsciente coletivo repleto de valores, de desejos, de sensações e de expectativas que tornam as pessoas fascinadas pelo extraordinário, por aquilo que foge à normalidade. O conhecimento dessa característica inerente à condição humana faz emergirem “estratégias sensacionalistas” utilizadas para manipular de forma deliberada as sensações do público de modo geral e poder até induzir ao baixo nível de reflexão crítica acerca dos conteúdos noticiados. Tudo isso amplia a possibilidade de se alcançar maior sucesso do ponto de vista mercadológico. Conforme atesta Barros (2003, p. 24),

[..] a neutralidade da imprensa não é mais do que um mito, quando muito um ideal [...], uma vez que parcela importante da mídia brasileira, incluindo alguns dos mais prestigiosos órgãos de comunicação, escorrega para a manipulação emocional primária do público. [...] Sua atuação incessante e onipresente nas sociedades contemporâneas induz e condiciona comportamentos individuais e coletivos, cotidianamente gerando novos fatos, como quaisquer outros agentes sociais o fazem (BARROS,2003, p.24).

Ainda segundo sua avaliação, são cinco os critérios que caracterizam uma cobertura jornalística como algo sensacionalista, a saber: *forma, definição de pautas,*

intensidade emocional, exploração artificialmente prolongada e natureza das emoções suscitadas. A forma de um texto escrito, por exemplo, não se restringe apenas a aspectos de sua composição como, por exemplo, a seleção estratégica de certos itens lexicais, de sinais de pontuação ou de recursos próprios de uma linguagem mais informal visando ao estabelecimento de maior grau de proximidade com o público. Há também importantes aspectos de edição que podem ser considerados como marcadores de um pacto de sedução/persuasão que visa a alcançar o leitor. A disposição do texto na página, acompanhado de imagens (fotografias ou desenhos), manchetes com letras enormes, às vezes impressas em cores mais apelativas, seguidas de subtítulos que resumem o “drama” a ser relatado, são alguns desses aspectos. Quanto à definição da pauta, observa-se a preferência por temas cujo apelo seja sexual, criminal ou extraordinário que narrem fatos incomuns, místicos, sádicos, monstruosos ou até idealistas de forma a suscitar no público emoções tais como a repulsa, o temor, o ódio ou até a admiração. No intuito de se reforçarem essas sensações, é bastante freqüente a presença de marcas sensoriais do tipo “arma fumegante”, “voz gélida”, “tremor de medo”, “ficar muda diante de tanto terror”, conforme afirma Enne (2007, p.3). Além disso, o jornalista responsável pela matéria discursivamente se constrói como um narrador onisciente e onipresente, recompondo toda a trama que conduziu ao fato noticiado com a finalidade de orientar o leitor na construção do sentido para o texto.

Como se afirmou antes, o apelo sensacionalista de alguns veículos de comunicação não é algo tão recente. Conforme atesta Angrimani (1995), entre 1560 e 1631, surgem, na França, os primeiros jornais nessa linha editorial. São eles o "*Nouvelles Ordinaires*" e a "*Gazette de France*". Entretanto, não são publicações pioneiras, visto que nesse mesmo país circulavam anteriormente os chamados "*occasionnels*", notas impressas em brochuras com seis a dezesseis páginas sobre fatos do cotidiano que chamavam a atenção ou que simplesmente apelavam para o universo imaginário da população. No século XIX, esses relatos se transformam nos famosos "*canards*", palavra francesa que significa "pato" e também "conto absurdo".

Somente no final do século XIX, ocorreu a expansão de jornais desse gênero aqui no Brasil. Contudo, essa prática começou a ganhar corpo na década de 1920, quando surgiram jornais diários tais como *Manhã* e *Crítica*. Tais publicações caíram no gosto

popular não apenas por retratarem fatos curiosos ou amedrontadores, mas também por terem um custo muito baixo, à semelhança dos "*canards*".

Ainda segundo Angrimani (1995), um dos jornais sensacionalistas mais conhecidos aqui no Brasil é o paulista "Notícias Populares" de onde foi retirado o texto apresentado na seção anterior. Ligado à União Democrática Nacional (UDN), foi lançado em 15 de outubro de 1963 e nasceu com o objetivo de conter a influência de um jornal popular – Última Hora – que era considerado um grande veículo de propaganda esquerdista no País. Editado a partir de 1965 pelo mesmo grupo responsável pela "Folha de S.Paulo", o NP, como era mais conhecido, provocou uma verdadeira revolução não apenas devido aos temas abordados como também pela forma de sua composição: textos curtos, uso de gírias e até de palavras de baixo calão, abundância de fotos às vezes em tamanho maior do que o da maioria dos jornais. As notícias que veiculava não precisavam necessariamente ser verdadeiras e, muitas vezes, chegava-se a inventar histórias com o objetivo claro de alavancar sua venda. Talvez o caso mais emblemático tenha sido a "notícia" do nascimento de uma criança com aparência de demônio, em São Bernardo do Campo. Tal fato ocorreu em maio de 1975 e, durante quase um mês, a população acompanhou o desenrolar da história esgotando todos os exemplares colocados à venda. Como não poderia deixar de acontecer, durante esse período também foram várias as pessoas que declaravam ver o malfadado "bebê diabo" aparecendo em telhados, na rua, tomando táxis e outras coisas. Apesar de ter atingido números impressionantes de tiragem diária – cerca de 110 mil exemplares – acabou fechado em 19 de janeiro de 2001 devido ao fato de que essa fórmula sensacionalista acabou sendo adotada pela TV. Devido a isso, a produção diária do jornal foi sendo gradativamente reduzida, chegando a ser de 20 mil exemplares, os patrocinadores desse tipo de jornal alteraram o destino de recursos financeiros para novos veículos de comunicação e, com isso, acabou se comprometendo a sobrevivência do jornal.

Entretanto, o sensacionalismo como fenômeno cultural continua presente na mídia de modo geral por meio de inesgotáveis recursos. Ao se adotarem estratégias sensacionalistas na televisão, garantiu-se ou garante-se, durante algum tempo, o sucesso de programas tais como "Cidade Alerta", "Brasil Urgente", "Casos de Família" ou ainda de apresentadores como Carlos Massa, o Ratinho. Quem não se recorda da popularização

dos exames de DNA promovidos por ele que, revelando uma total falta de limites, chegava a agredir as pessoas em seu programa para puni-las usando um cassete? Tudo isso, é claro, tinha como objetivo a manutenção da audiência e, numa disputa acirrada com outras emissoras, a garantia de um significativo percentual de pontos no Ibope no momento em que o programa estivesse no ar.

Em trabalho recentemente apresentado, Enne (2007) reuniu, a partir de trabalhos desenvolvidos por alguns estudiosos do assunto como Antônio Serra (1986), Danilo Angrimani (1995), Ana Rosa Ferreira Dias (1996) e Rosa Nívea Pedroso (2001) – somente para citar alguns dos mais referenciados, segundo sua avaliação –, algumas das características recorrentes em textos reconhecidamente de cunho sensacionalista. Eis algumas delas:

1 - a ênfase em temas criminais ou extraordinários, enfocando preferencialmente o corpo em suas dimensões escatológica e sexual;

2 - a presença de marcas da oralidade na construção do texto, implicando em uma relação de cotidianidade com o leitor;

3 - a percepção de uma série de marcas sensoriais espalhadas pelo texto, como a utilização de verbos e expressões corporais (arma “funegante”, voz “gélida”, “tremor” de terror etc.), bem como a utilização da prosopopéia como figura de linguagem fundamental para dar vida aos objetos em cena;

4 - a utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional: manchetes “garrafais”, muitas vezes seguidas por subtítulos jocosos ou impactantes; presença constante de ilustrações, como fotos com detalhes do crime ou tragédia, imagens lacrimosas, histórias em quadrinho reconstruindo a história do acontecimento etc.;

5 - na construção narrativa, a recorrência de uma estrutura simplificadora e maniqueísta;

6 - relação entre o jornal sensacionalista e seu consumo por camadas de menor poder aquisitivo, que, por diversas razões, seriam manipuladas e acreditariam estar consumindo uma imprensa “popular” quando, no fundo, estariam consumindo um jornalismo comercial feito para vender e alienar (ENNE, 2007, p. 2-3).

Com o advento de um jornalismo mais objetivo influenciado por modelos norte-americanos de se veicular a informação, começam a ser percebidas manifestações de desprezo a esse jornalismo calcado na exploração de emoções. Características tais como imparcialidade, objetividade e neutralidade começam a fazer parte do jornalismo brasileiro em meados do século XX, conforme atesta Enne (2003) e diferenças entre o

que é fato e o que é notícia começam a ser percebidas. A notícia ganha o *status* de representação especular da realidade e somente poderiam ser noticiados fatos passíveis de comprovação empírica. No entanto, é tarefa das mais difíceis o estabelecimento de limites entre um jornalismo ostensivamente sensacionalista e outro cuja imagem é de imparcialidade e compromisso com a verdade, conforme reza a ética da imprensa. Mesmo em textos jornalísticos cuja temática gira em torno de temas com menor propensão à parcialidade (política nacional e internacional, economia, saúde), com bastante frequência é possível se notarem marcas lingüísticas, principalmente, que denunciam determinado posicionamento enunciativo do veículo de comunicação em relação ao assunto abordado. Às vezes tal fato se manifesta de forma sutil, outras vezes não.

3.6 – Algumas considerações sobre o gênero notícia à guisa de conclusão

Neste capítulo procurou-se delinear uma concepção de gênero como fato social criado e constituído a partir de necessidades discursivas específicas que surgem no bojo das práticas sociais. A primeira parte representa uma explanação sucinta de pressupostos teóricos distintos – a perspectiva dialógica de Bakhtin e a perspectiva da psicolingüística a respeito da identidade cognitiva dos gêneros – com o objetivo de dar maior sustentação aos questionamentos aqui colocados, especialmente após a entrada definitiva do gênero *notícia* neste trabalho de pesquisa.

Já a segunda parte pretende estabelecer uma relação mais estreita com o que foi desenvolvido no capítulo anterior, evocando os princípios enacionistas defendidos por Morin quando ressalta a relação dialética que se estabelece entre o sujeito “responsável” pela produção do gênero e o contexto no qual se manifesta. No caso do gênero *notícia*, sabemos que ela é parte constituinte de uma prática discursiva, sendo, portanto, perpassada por condições de natureza histórica, política, social, cultural, filosófica dentre outras. Dessa forma, chega a ser ingenuidade pensá-la como mera representação do mundo, a despeito do que mormente se afirma acerca dos veículos de comunicação conhecidos por sua idoneidade. Ela ressignifica e reconstrói um mundo do qual é parte constitutiva e no qual se constitui, sendo regida por normas e convenções estabelecidas

em seu interior. Nesse sentido, Marcondes (1989) chega a afirmar que uma notícia pode se submeter a critérios ideológicos definidos pelas prioridades de reprodução do capital que a condiciona, tornando-se apenas uma representação parcial dos fatos que a geraram.

No capítulo seguinte, analisaremos de forma mais detalhada as questões aqui levantadas acerca do gênero em questão e dos recursos utilizados para se explorar as sensações do leitor. Daremos continuidade a esse trabalho procurando verificar como, não obstante o fato de haver práticas que objetivam reforçar uma auto-imagem de jornalismo investigativo, estratégias sensacionalistas menos explícitas podem ser constatadas também em jornais e revistas considerados mais “elitizados”. Verificaremos, portanto, como os princípios *imparcialidade*, *objetividade* e *neutralidade* podem ser sabotados, digamos assim, de forma intencional ou não, a fim de atender a apelos culturais – conforme atestam vários estudiosos sobre o assunto – e a apelos mercadológicos em consonância com o que afirma Marcondes (1989), citado anteriormente.

*Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.*

*Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.*

*Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,*

*Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.*

(Alberto Caieiro)

4

ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS DE MODALIZAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO SENSACIONALISTA DO GÊNERO NOTÍCIA

Reconhecemos que, como produtos de comunicação de massa, tanto jornais quanto revistas são fundamentais na construção de memórias e identidades sociais, bem como de seu imaginário, reforçando certos valores nas sociedades de modo geral de forma recursiva e permanente. Tal constatação se faz em virtude de que essas práticas discursivas estabelecem uma relação dialética com as estruturas sociais, construindo-as e sendo por elas construídas através da forma como se concebe a realidade.

Sendo assim, este capítulo apresenta-se organizado em duas partes fundamentais e complementares no tratamento do assunto em pauta. Na primeira delas, pretende-se uma breve explanação de alguns pressupostos teóricos relativos ao processamento discursivo como lugar da construção permanente de identidades sociais e relações interpessoais. Já na segunda, processaremos a análise do *corpus* escolhido a fim de verificar que elementos desses textos podem ser considerados recursos para se explorar as sensações no leitor, interferindo, assim, na construção da referência/ sentido. A partir da identificação desses recursos, tentar-se-á elaborar um estatuto teórico-metodológico por meio do qual seja possível estabelecer uma noção de sensacionalismo do ponto de vista da lingüística.

4.1- A argumentação no processamento discursivo

Numa perspectiva enunciativa da linguagem, compreende-se o *ato de colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização* (BENVENISTE, 1989) como uma das capacidades biologicamente determinadas para se garantir/facilitar a sobrevivência da espécie humana pela interação com o seu meio. Assumindo Benveniste, Koch (1999, p.21) afirma que, ao se apropriar da língua para produzir um discurso, o homem não apenas pensa em comunicar algo, mas, principalmente, em interagir

socialmente. Nessa interação, ele constitui-se como um *eu* (enunciador/En) e, simultaneamente, constitui o outro – o *tu* (enunciatório/Ea) – como interlocutor, situados em um determinado tempo e espaço discursivos, como condição necessária para que se dê a implementação do processamento discursivo. A esse modelo de organização dialógica proposto por Benveniste (1989) em seu artigo intitulado "*O Aparelho Formal da Enunciação*" dá-se o nome de *instância enunciativa*. A partir dela, num jogo de representações e de imagens recíprocas que se estabelecem entre eles, constrói-se a referência, parte integrante da enunciação, conforme assevera o autor:

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição dessa mesma mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 1989, p.84).

Como se pode depreender, a referência é criada e construída discursivamente pela linguagem a partir da necessidade do eu/tu se co-referirem *no* e *pelo* discurso, mediante condições sócio-histórico-culturalmente determinadas, conforme atesta Koch (2005, p.33),

[...] a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas em um processo de (re)construção do próprio real. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constróem-se no próprio processo de interação. A realidade é construída, mantida e alterada não apenas pela formas como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele (KOCH, 2005, p.33)⁷.

A linguagem constitui-se, portanto, em um jogo argumentativo. Enquanto característica inerente a ela, a argumentação interessa-nos por estar intrinsecamente relacionada às questões aqui colocadas. O uso estratégico de determinados recursos lingüístico/semióticos no intuito de se apelar para emoções humanas tão primárias como

⁷ Ainda que consideremos a importância do que atesta a autora, não podemos deixar de notar uma certa contradição quanto se afirma num primeiro momento que "*a discursivização por meio da linguagem (re)constrói o próprio real*" para logo depois se falar em uma "*realidade extralingüística*". Ora, se "*a realidade é construída, mantida ou alterada*" por intermédio da linguagem, esta se torna parte constitutiva daquela.

o fascínio pelo extraordinário indicia esse jogo argumentativo e pressupõe uma dada intencionalidade e o planejamento cuidadoso do modo de sua concretização.

Corroborando os mesmos princípios defendidos por Benveniste, encontramos a Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau (1983, 2001) em que ele desenvolve a idéia do “Contrato de Comunicação” como condição essencial para que a enunciação seja bem sucedida. Essa teoria explicita um jogo de imagens segundo o qual “*todo ato de linguagem é concebido como uma encenação que resulta do cálculo que os interlocutores fazem um do outro (olhares avaliativos cruzados) e da manobra estratégica que executam para se comunicar*” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.186).

Assim como no teatro são utilizados recursos específicos tais como espaços cênicos, efeitos sonoros, luz, o próprio teor do texto bem como a escolha dos atores, dentre outros, para se obterem determinados efeitos de sentido, as escolhas lingüísticas feitas pelo sujeito, combinadas a outros componentes do dispositivo de comunicação, acabam por compor a cena enunciativa de forma a se obter sucesso no empreendimento comunicativo.

Segundo Charaudeau (2001), fazem parte do contrato de comunicação o *componente comunicacional* que está ligado ao quadro físico da situação interacional (um determinado tempo e espaço discursivos, a moldura comunicativa na qual a interação se realiza, a presença física ou não dos interlocutores), o *componente psicossocial* ou situacional que se refere aos estatutos sócio-institucionais dos interlocutores e o *componente intencional* ou discursivo que trata das imagens recíprocas estabelecidas entre eles para, em função disso, serem planejadas as estratégias que tornarão a comunicação bem sucedida. Podemos, então, considerar todo o ato de linguagem como um dispositivo comandado por circunstâncias sócio-histórico-culturais através do qual se manifestam quatro sujeitos comunicacionais: dois externos ou situacionais (pertencentes à instância do *fazer*) e dois internos ou discursivos (pertencentes à instância do *dizer*). Os primeiros – a quem Charaudeau denomina sujeito *comunicante* (EUc) e sujeito *interpretante* (TU_i) – podem ser considerados parceiros dentro do contrato. São sujeitos históricos dotados de intencionalidade que interagem em função de uma dada relação contratual. Já os outros dois – o sujeito *enunciador* (EUe) e o sujeito *destinatário* (TU_d) –

são entidades discursivamente construídas através da enunciação. Esse contrato de comunicação pode ser esquematicamente representado da seguinte forma:

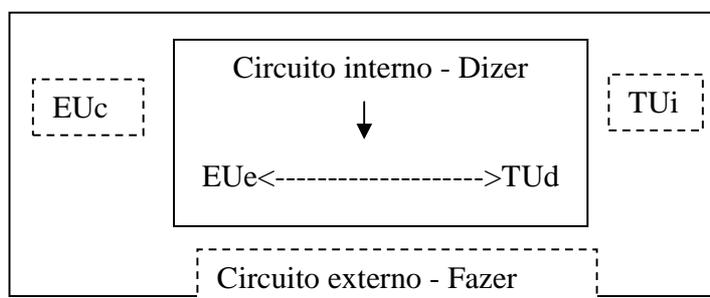


Figura 2: Circuitos de um ato de linguagem
 Fonte: CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. 2001, p. 29.

Ainda que advindas de vertentes distintas dos estudos da linguagem – a teoria de Benveniste afiliada a teorias da enunciação e a de Charaudeau à análise do discurso francesa –, as duas teorias colocam em cena a enunciação como condição necessária para que se implemente o processamento discursivo. Por serem inerentes a ele, aos postulados que elas defendem podemos acrescentar os que foram formulados por Aristóteles (1959) acerca da argumentação em sua “A Arte Retórica”.

Considerando o ato de argumentar como o ato lingüístico fundamental, conforme afirma Koch (1999) e devido à relevância que essa noção assume no desenvolvimento deste trabalho, os postulados de Aristóteles (1959) serão aqui apresentados de forma sucinta, embora reconheçamos que os estudos acerca da argumentação não se restrinjam a eles. A escolha desse autor se deve à grande compatibilidade observada entre as idéias que defende e as relações que se estabelecem no interior do contrato que aqui é representado pelo gênero notícia. Segundo o filósofo, o conteúdo do que se diz é tão importante quanto a sua forma⁸ e a atividade retórica exige raciocínio fundamentado em provas próprias do discurso ou independentes dele. Dessa maneira, ele estabelece três fontes de provas capazes de interferir nas condições de sucesso da arte retórica: a *logos* (a referência, o discurso em si, os argumentos de que se compõe e por meio dos quais se

⁸ Neves (1996) atesta que os primeiros estudos acerca da linguagem apontavam para a força persuasiva da palavra, pois é à medida que ela engana que se concretiza em ações. Essa foi a tônica desenvolvida na Grécia, por volta do séc. V a.C., no ensino da arte política pelos sofistas. Alegando que tal concepção restringia a palavra a um simples ornamento, Aristóteles (1959) critica veementemente essa posição.

demonstra ou se parece demonstrar algo), o *ethos* (o caráter moral do orador/enunciador, os atributos que ostenta, não importando se verdadeiros ou não) e o *pathos* (as disposições – paixões, emoções, sentimentos – suscitadas no público/enunciatário). Ajustando-se o foco no orador, Aristóteles assevera que há três componentes básicos cujo conjunto é responsável pela constituição de sua autoridade, a saber: a *phrônesis* (ponderação, sabedoria, racionalidade – centrada no *logos*), a *areté* (sinceridade, ostentação de franqueza), e a *eúnoia* (solidariedade, benevolência, sensibilidade diante daquilo que o auditório deseja ou deve ouvir e que será determinante na construção do discurso – identifica-se com o *pathos*).

Conforme podemos constatar, os postulados defendidos por Benveniste (1989), Charaudeau (2001) e Aristóteles (1959) apresentam categorias que se articulam de forma complementar no processamento discursivo. É possível notarem-se, então, pontos de imbricação entre eles já na seguinte afirmação de Menezes (2001, p.186):

A arte da palavra relaciona-se à credibilidade do orador. Esta é uma qualidade quase sempre anterior ao ato argumentativo, pois a argumentação já pressupõe que o orador possa ser ouvido. O orador, por sua vez, elabora uma imagem do auditório antes de dirigir-lhe a palavra. Ele leva em conta as informações e conhecimentos que possui, presumindo o seu pathos (MENEZES, 2001, p.186).

Além disso, o estabelecimento de relações contratuais nas instâncias de produção e recepção de textos noticiosos traduz perfeitamente o contrato de comunicação de Charaudeau (2001). A seleção de fatos, a valorização de alguns dados em detrimento de outros, a hierarquização dos acontecimentos tanto na composição dos textos quanto na diagramação deles no veículo em que circulam, dentre outros fatores, fazem parte de um conjunto de estratégias do qual se valem jornalistas/redatores e editores na instância da produção. Todo esse processo é mediado por um conjunto de conhecimentos, de crenças e de valores partilhados e/ou pressupostos pelos interlocutores, pelas imagens recíprocas estabelecidas entre eles e pela finalidade a que se propõem esses contratos. Já na instância da recepção, *quando um leitor fecha a proposta de contrato de leitura com um produto jornalístico, acredita na força, no poder e na credibilidade da instituição jornalismo representada pelo veículo escolhido* (LOPES, 2005, p.3). Além disso, ele, o leitor, se identifica com o mundo ali representado, materializado pelo conteúdo temático e recursos semióticos ativados em sua composição.

Articulando-se tudo isso à tríade proposta por Aristóteles, é possível notar como uma imagem de credibilidade (o *ethos*) relativa ao veículo de comunicação/jornalista é determinante para o estabelecimento do sentimento de confiança entre ele e seu público (o *pathos*), interferindo, dessa forma, no grau de aceitabilidade do conteúdo reportado na matéria jornalística (o *logos*). É importante ressaltar ainda que esse *ethos* se constrói de forma reflexiva e dialogal, a partir da imagem construída em torno do veículo de comunicação/jornalista, ou seja, é constituído por atributos dos quais se vê revestido e a que se obriga a corresponder para a manutenção de um “contrato” estabelecido na própria situação de interação.

Podemos concluir, então, conforme atesta Kerbrat-Orecchioni (*apud* Mari, 2001, p.133), que *as interações verbais são o lugar onde a identidade social e a relação interpessoal são permanentemente construídas*. Sendo assim, é no espaço do discurso que será determinado o “que dizer”, “como dizer” e “quando dizer” algo a alguém. Todas essas variáveis são reguladas por estados mentais dotados de intencionalidade. Será esse, portanto, o tema abordado na seção seguinte.

4.2 – A intencionalidade no processamento discursivo

Segundo Neves (1996), os primeiros estudos lingüísticos tiveram início por volta do séc. V a.C., na Grécia, com um cunho estritamente filosófico na tentativa de se aproximar “linguagem” e “ação”. Em texto anterior (OLIVEIRA, 2003) vimos que, no sentido de se aproximar uma da outra, coube à Teoria dos Atos de Fala (TAF) o mérito de melhor explicitar as relações possíveis de se desenvolver por intermédio da conexão palavra/ação. Segundo Castilho (1990, p.17), um ato de fala é *qualquer ação realizada por um falante, através de um enunciado, considerando as intenções de sua realização e os efeitos que visa alcançar no alocutário*.

Considerando essa afirmativa, Austin (1990, *apud* LOPES, 1998) postula que o processamento discursivo se dá pela implementação de três atos fundamentais, a saber: i) o ato locucionário referente à apropriação, por parte do locutor, da linguagem no âmbito fonético, gramatical e semântico, ii) o ato ilocucionário referente à “força” com que os enunciados são produzidos e iii) o ato perlocucionário que se relaciona aos efeitos de

sentido produzidos pela linguagem, relacionando-se assim à enunciação. Apesar da aparente simplicidade da descrição, o próprio Austin reconhece a dificuldade em se compreender esses atos da maneira isolada como propôs. Segundo ele, *o ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, uma vez que dizer algo é fazer algo e, ao dizer algo, fazemos algo e, por dizer algo, fazemos algo também* (1990, apud LOPES, 1998, p.86).

Com o objetivo de desenvolver os fundamentos dessa teoria, destacam-se os trabalhos de Searle sobre filosofia da linguagem no que tange aos estados intencionais. Segundo ele, a mente possui um funcionamento consciente e intencional, embora intencionalidade e consciência sejam coisas distintas – ainda que aliadas –, conforme podemos constatar:

[...] Intencionalidade não é a mesma coisa que consciência. Muitos estados conscientes não são Intencionais – por exemplo, um sentimento súbito de exaltação – e muitos estados Intencionais não são conscientes – por exemplo, tenho muitas crenças sobre as quais não estou pensando agora e nas quais posso nunca ter pensado (SEARLE, 1995, p.2-3).

Para esse autor, portanto, a consciência assume o papel de base em que se processam pensamentos e ações humanas. Já a intencionalidade constitui uma propriedade da mente por meio da qual os estados mentais como crença e desejo, por exemplo, são capazes de interferir na representação de objetos e estados de coisas do mundo. Toda representação exige, pois, um ato intencional da parte de quem a representou – incluindo-se tanto as instâncias da produção quanto da recepção – e toda representação está subordinada a esses estados mentais que fatalmente afetam a percepção. Assim, por exemplo, ao olharmos para uma casa, a crença de que ela é apenas uma fachada cinematográfica e não uma casa real irá alterar nossa percepção visual e, conseqüentemente, a representação que fizermos dela.

Devido a essa capacidade representativa da mente humana, todo estado intencional pressupõe uma direção de ajuste ou de adequação a fim de relacionar o organismo (homem ou animal) ao mundo. Essa direção de ajuste que os estados intencionais possuem pode ser basicamente de dois tipos: direção de ajuste “mente-mundo” e direção de ajuste “mundo-mente”. A primeira se relaciona ao sistema de crenças que constitui o pano de fundo (*background*) sobre o qual se constroem nossas

percepções e representações. Dessa forma, nossa mente é que deve se ajustar ao mundo tal como ele é. Já a segunda se relaciona a nossos desejos e intenções de provocar mudanças no mundo, ou seja, a representação que fazemos do mundo se processa de acordo com o modo como gostaríamos que ele fosse. Na representação de textos noticiosos, freqüentemente notamos a direção “mente-mundo” quando o jornalista/redator manifesta, por intermédio de recursos a serem explicitados na seção 4.4, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou de outro aspecto do “conteúdo” referenciado e que subjazem a um sistema de crenças do qual fazem parte. Por outro lado, ao se posicionar diante de seu leitor, esse jornalista/redator tem a intenção de ajustar o mundo representado ao seu desejo numa direção “mundo-mente”, orientando o público de forma a consegui-lo. Incluem-se nessa direção de ajuste efeitos perlocucionais tais como o riso, a contestação, o assentimento, a repulsa, dentre outros.

Além disso, Searle (1995) ainda afirma que essa capacidade humana de estabelecer relações com o mundo real de forma a representá-lo está diretamente ligada a certas condições de satisfação. Enquanto um estado mental é que irá determinar a direção de ajuste, a representação estabelecida é que determinará essas condições de satisfação. Elas abrangem as condições de verdade e estão relacionadas ao fato de termos consciência de como, quando, por que, onde, podem ser satisfeitos ou não nossos estados intencionais dirigidos para os objetos e estados de coisas no mundo.

Conforme podemos notar, as proposições de Searle (1995) apontam para uma abordagem da intencionalidade como elemento constitutivo da unidade autopoietica humana. Assim, os estados e processos mentais aliados a eventos intencionais integram sua natureza de forma recursiva como condição essencial para a produção do conhecimento que, por sua vez, conduzi-lo-á a um estado de consciência. Todo esse processo emerge a partir de um *background*, uma rede organizada de componentes sócio-histórico-culturalmente contextualizados que, submetidos a certos estímulos de ordem externa ou interna, conduzem o homem a um constante ajustamento ao seu meio.

Para finalizar esta breve incursão acerca da intencionalidade discursiva, importa ressaltar ainda que ela está intrinsecamente relacionada aos atos de fala, modalizando-os.

A modalização, vista como mecanismo enunciativo agenciado na construção da relação enunciador/enunciatário/ referência, será, então, o tema da seção seguinte.

4.3 – A modalização no processamento discursivo

Apoiados numa concepção de linguagem que se constitui na dinâmica da interação verbal, vários foram os autores que se preocuparam com as condições que facilitariam o sucesso dessa interação. Em texto anterior (OLIVEIRA, 2003), vimos que às estratégias utilizadas pelos interlocutores para que a interação seja bem sucedida, deu-se o nome de Princípios da Cooperação Textual. O filósofo americano Henry Paul Grice (1982, *apud* COSTA VAL, 1992, p.24), postula um princípio básico – o da cooperação – segundo o qual *os interlocutores participariam dos diálogos desenvolvendo “esforços cooperativos” à medida que reconhecessem neles “um propósito comum” e “uma direção mutuamente aceita”*. Esse princípio se concretizaria de acordo com as quatro máximas apresentadas abaixo, desde que fossem respeitadas pelos interlocutores :

- 1 – Máxima da Quantidade: não diga nem mais nem menos que o suficiente;
- 2 – Máxima da Qualidade: só diga o que possa ser considerado verdade e que possa ser comprovado;
- 3 – Máxima da Relevância: diga somente o que possa ser considerado relevante;
- 4 – Máxima do Modo: seja claro e conciso para expressar seu pensamento.

Dentre essas máximas, a que está diretamente relacionada ao tema desta seção é a do modo que, segundo Grice (*apud* DASCAL, 1982, p.87), não estaria relacionada “*ao que é dito*”, mas sim “*ao como*” o que é dito deve ser dito.

Conforme já se afirmou na introdução, a modalização pertence a um conjunto de mecanismos enunciativos – conforme denominação de Bronckart (1999) – que contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou de outro aspecto do “conteúdo” referenciado e, do outro,

as próprias fontes dessas avaliações, ou seja, quem, no processamento discursivo, as assume ou por elas se responsabiliza.

Ainda segundo esse pesquisador, as estratégias de modalização ao lado do gerenciamento das vozes são os mecanismos configuracionais ou enunciativos que operam no texto de forma não linear, independente da organização do conteúdo temático e *podem se insinuar em qualquer nível da estrutura textual* (BRONCKART, 1999, p. 330). Tais mecanismos compõem a terceira camada do folhado textual proposto pelo autor que descreve também de forma detalhada as demais camadas. A primeira delas diz respeito à *infra-estrutura geral do texto* cujo enfoque são as formas por meio das quais os textos se materializam e a segunda aos *mecanismos de textualização* que trata dos recursos lingüísticos utilizados em sua composição.

Voltando-se o foco para a modalização, processar-se-á uma descrição sumária do *status quo* tradicionalmente reconhecido acerca do assunto. Segundo Castilho (1992, p.217), a Gramática Tradicional normalmente divide a sentença em dois grandes componentes: o DICTUM e o MODUS. Enquanto aquilo que é constitutivo da predicação é denominado DICTUM, o MODUS representa a manifestação de uma atitude do locutor quanto à possibilidade ou obrigatoriedade, quanto à restrição de seu domínio (modalização epistêmica ou deôntica) ou, até mesmo, quanto à avaliação que ele próprio faz do conteúdo proposicional que enuncia (modalização afetiva).⁹

Tomemos, por exemplo, o DICTUM “*Fumar é prejudicial à saúde*”. Primeiramente, é preciso esclarecer que, por trás dele, há a voz¹⁰ do Ministério da Saúde, através da advertência que é feita tanto na propaganda do produto quanto no pacote que o contém. O DICTUM refere-se a um estado de coisas que poderá ser modalizado de

⁹ Essa classificação toma como base os estudos desenvolvidos por Parret em 1976, conforme afirma Mateus *et al.* (1983, p. 103). Através da *modalização epistêmica*, o locutor expressa a avaliação que faz sobre o valor de verdade e as condições de verdade de uma proposição. Essa avaliação se subdivide em três subclasses: asseverativa, quase-asseverativa e delimitadora. Já a *modalização deôntica* refere-se a algo que necessita ocorrer, segundo a avaliação do locutor, para a obtenção de um determinado estado de coisas. Enquanto essas duas formas de modalização fazem referência à certeza ou incerteza da proposição ou ainda à obrigatoriedade ou necessidade de efetivação de um estado de coisas, a *modalização afetiva* refere-se ao envolvimento emocional do locutor com o conteúdo proposicional que enuncia.

¹⁰ Consideramos que não existe um discurso que não seja constitutivamente permeado de alguma forma pelo de outrem, sendo, portanto, polifônico. Segundo Lopes (1998, p. 106), *a polifonia se constrói na articulação de instâncias de enunciação, o que implica a integração de relações entre enunciadores, em tempos e espaços constituídos na própria interação.*

maneiras diferentes , por intermédio de diferentes recursos lingüísticos , tendo-se em vista uma dada intencionalidade. A manifestação lingüística do MODUS poderá ocorrer de várias formas, tais como:

- (1) Fumar *pode ser* prejudicial à saúde.
- (2) Fumar é *mesmo* prejudicial à saúde.
- (3) *Infelizmente*, fumar é prejudicial à saúde.
- (4) *Para grande parte das pessoas*, fumar é prejudicial à saúde.

Através dos exemplos dados, pode-se perceber que em (1) o locutor se posiciona diante da proposição dada como uma mera possibilidade, ao contrário de (2), em que o uso da palavra *mesmo* imprime ao ato ilocucionário um caráter de verdade absoluta. Já em (3), fica clara a atitude de lamento do locutor diante da proposição, o que nada mais é do que a sua avaliação diante do conteúdo enunciado. No exemplo (4), ocorre a restrição da proposição ao domínio de “grande parte das pessoas”, deixando crer que “uma outra parte das pessoas” não considera esse fato da mesma forma.

Como já se sabe, nos processos de modalização acionam-se diferentes recursos lingüísticos, tais como: recursos prosódicos, sinais de pontuação, modos verbais, uso de verbos auxiliares, adjetivos e expressões adjetivas, advérbios e outros sintagmas com função adverbial, além de recursos semióticos. Entretanto, restringir o importante papel que a modalização representa aos limites da constituição lingüística dos enunciados ou a uma categorização baseada em critérios semânticos não se coaduna com a visão processual de língua adotada neste trabalho de pesquisa e inviabiliza a concretização dos objetivos aqui propostos. Além disso, a forma como as questões relacionadas à modalização são tratadas, conforme afirmei em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2003), reproduz uma visão de linguagem ainda centrada exclusivamente no locutor, desconsiderando a presença do alocutário como elemento decisivo nas condições de produção do enunciado e, conseqüentemente, na modalização como fenômeno presente em todo processamento discursivo. Assim sendo, ao se tentar abordar a modalização numa perspectiva enunciativa na qual a linguagem seja concebida como atividade, o uso dos recursos acima listados irá compor um conjunto de estratégias a partir das quais

torna-se possível indiciar a relação contratual estabelecida entre os sujeitos da linguagem em função da construção da referência.

Ainda de acordo com Oliveira (2003), todo enunciado apresenta um determinado grau de modalização. Se ela introduz a maneira através da qual, por exemplo, o locutor se posiciona no *quadro figurativo da enunciação* (BENVENISTE, 1989, p.87) indiciando-se no seu texto de modo a orientar o alocutário em sua interpretação, toda situação de enunciação é necessariamente intersubjetiva, pois é construída a partir do gerenciamento de recursos lingüísticos de que o locutor dispõe para, relativamente, condicionar a interpretação do enunciado. Num jogo de representações recíprocas, conforme vimos afirmando, é imprescindível considerar o importante papel que a presença, empírica ou presumida, do alocutário terá na *composição da cena enunciativa* (CHARAUDEAU, 2001), obrigando o locutor a fazer certas escolhas de forma estratégica e não outras durante a interação, a fim de se alcançar os objetivos pretendidos. Corroborando essa idéia, Machado (2001, p 65) atesta que:

O sujeito falante, ao se comunicar, deixa transparecer em seus enunciados marcas que mostram sua posição face às mensagens transmitidas; esta posição pode ser, conforme as circunstâncias do discurso, fruto de suas idéias particulares, enquanto indivíduo “único”, sobre uma determinada concepção de mundo ou, então, uma atitude conscientemente assumida e/ou imposta pelos contratos discursivos gerados pela vida em sociedade. Porém, em um caso como no outro, o sujeito falante, no exercício da linguagem, estará realizando mises-en-scènes, enquanto ator de um mundo discursivo (MACHADO, 2001: 65).

Esse trabalho “linguageiro” do locutor na construção da relação enunciador/enunciatário, esta *presença do locutor em seu enunciado* (BENVENISTE, 1989, p.84) já se indicia na “escolha” dos itens lexicais e impregna todo o quadro enunciativo, uma vez que a lexicalização representa a base através da qual se engendra todo processamento discursivo. Já tivemos um exemplo disso quando se discutiu o item (5) da seção 2.5. Outro exemplo pode ser constatado a partir do confronto de duas manchetes apresentados em duas revistas distintas e que fazem parte do *corpus* selecionado para este trabalho. Elas dizem respeito a um episódio que envolve o mundialmente famoso jogador de futebol Ronaldo Fenômeno, conforme é conhecido, denunciado numa delegacia por um travesti devido ao fato de, segundo ele, ter se negado a pagar determinada quantia em dinheiro em troca de serviços sexuais prestados por três

travestis e de ainda, supostamente, portar/consumir cocaína. Tais manchetes foram assim escritas:

(9) *O Fenômeno e o Travesti* (IstoÉ, 07/05/08, p.56)

(10) *Uma escorregada fenomenal* (Veja, 07/05/08, p. 132-133)

Na seleção de recursos lexicais utilizados na composição dos itens (9) e (10), podem ser constatados diferentes posicionamentos enunciativos entre uma revista e outra. Enquanto em (9) o jornalista/redator da revista IstoÉ procura conferir ao conteúdo a ser reportado maior objetividade e imparcialidade, na manchete (10) percebe-se um trocadilho entre o codinome do jogador (Fenômeno) e o atributo dado pelo jornalista/redator da revista Veja à situação vexatória em que foi flagrado. É importante também notar-se que o termo “*escorregada*” ativa dois espaços que se opõem – o da escorregada natural no exercício da profissão de jogador e o que denomina qualquer lapso ocorrido no dia-a-dia de qualquer pessoa. No entanto, a construção do sentido pretendido se dá em função de se integrarem no espaço-base estruturas que se configuram como espaços de entrada – subtítulo, imagens, legendas, conteúdo do fato noticiado, somente para citar o que podemos observar nesse espaço – e que, uma vez projetadas, articulam-se para a formação da estrutura emergente – situação vexatória denominada “*escorregada fenomenal*” – no espaço integrado/mescla. Some-se a isso o fato de essa manchete ocupar duas páginas da revista Veja, enquanto na diagramação da revista IstoÉ assume-se um caráter mais discreto em relação ao fato, conforme podemos constatar nas figuras (3) e (4). O conjunto de estratégias presentes tanto numa quanto na outra revista é fundamental na construção do sentido estabelecido por um maior ou menor apelo sensacionalista.

Acompanhemos agora os subtítulos que acompanham tais manchetes:

(11) O episódio que levou Ronaldo à delegacia deixa fãs intrigados: por que isso, craque? (IstoÉ, 07/05/08, p.56)

(12) Em sua carreira, Ronaldo sempre foi capaz de dar a volta por cima. Será que, aos 31 anos, ele conseguirá superar o dano causado pelo escândalo com travestis? (Veja, 07/05/08, p.132)

A crítica explícita na composição dos dois exemplos fez com que o posicionamento enunciativo sugerido em (10) pudesse ser corroborado em (12). Contudo, a aparente imparcialidade de (9) se desfaz diante do enunciado ambíguo de que se compõe o subtítulo (11). Nele, a presença da palavra *craque* aliada ao teor de decepção marcado pela presença da interrogativa, pode sugerir uma certa condescendência ou até mesmo pesar por parte do jornalista da revista IstoÉ no tocante ao episódio – aqui consubstanciado pela palavra *isso* – relacionado a uma pessoa que já deu tantas alegrias aos torcedores durante o exercício da sua profissão. Nada impede, no entanto, que o leitor confira um tom irônico ao pronome *isso*, visto tratar-se de uma situação bastante constrangedora para um homem em nossa cultura. Esse caso ilustra bem o quanto o posicionamento enunciativo do alocutário é decisivo na configuração de um sentido e não de outro, alterando toda a situação de enunciação e ratificando seu caráter intersubjetivo. Em (12), coincidentemente temos também a mesma estrutura interrogativa, mas a combinação dos recursos lingüísticos utilizados na composição do enunciado permite a ativação de projeções mentais por intermédio das quais podem-se configurar alguns sentidos possíveis que corroboram o que se afirma em (10). A nosso ver, o mais evidente deles é o tom de descrédito quando o jornalista/redator interpela o leitor estabelecendo com ele uma certa cumplicidade por meio de um “*Será que?*” e instaura a dúvida ao combinar essa estrutura ao argumento de que Ronaldo já se encontra em idade avançada para os padrões de um atleta e dificilmente conseguirá “*dar a volta por cima*”. Em outras palavras: todos sabem que o jogador tem grande capacidade de superação diante dos obstáculos que se lhe apresentam, mas haverá tempo ainda para superar mais esse escândalo? Essa é a forma como a questão é colocada tanto no título quanto no subtítulo e que é ratificada em toda a extensão da matéria.

É evidente que uma análise como essa a que nos propomos não se circunscreve apenas ao âmbito da lexicalização, pois envolve estratégias léxico-sintático-discursivas, operadas de maneira articulada pelos processos de discursivização. Os recursos editoriais

de diagramação dos textos combinados a uma cuidadosa e, por que não dizer, intencional seleção de imagens, a extensão da matéria publicada, a presença ou não de uma chamada na capa ou até mesmo no sumário fazem parte de um conjunto de estratégias que contribuem efetivamente para orientar argumentativamente o público leitor e são aqui avaliadas como estratégias de modalização. Na figura (3), podemos observar duas das sete páginas relativas à matéria publicada na revista *Veja* nas quais se vêem fotos do jogador em momentos distintos, ocupando quase todo esse espaço: o momento da conquista do pentacampeonato de futebol na Copa do Mundo de 2002 e um momento em que o jogador acena para o/a público/imprensa, possivelmente quando retornara recentemente ao Brasil para se recuperar de mais uma contusão no joelho. No mesmo plano, essa imagem divide espaço com as fotos de dois travestis presentes no episódio reportado pela matéria. Já na figura (4), as fotos, aparentemente tiradas por ocasião desse recente escândalo, limitam-se à identificação de dois personagens envolvidos – Ronaldo e o travesti Andréia – e fazem parte da matéria veiculada na revista *IstoÉ*.



Figura 3 (Veja, 07/05/08, p.132 - 133)

COMPORTAMENTO

O FENÔMENO e o TRAVESTI



O episódio que levou Ronaldo à delegacia deixa fãs intrigados: por que isso, craque?

O delegado Carlos Augusto Nogueira Pinto abriu inquérito para indiciar Andréia por tentativa de extorsão e furto, cujas penas variam entre quatro e dez anos de prisão. Andréia, quando viu que a situação estava se complicando, saiu em disparada da delegacia, o que foi interpretado como fuga por policiais. Sobre o episódio, Ronaldo disse ao delegado que só descobriu que as moças eram travestis na suíte do motel. “Essa não é a minha”, afirmou. “A história que ouvi é que ela exigiu R\$ 50 mil dele”, disse o delegado. Segundo o inspetor Roberto Carvalho, designado para investigar o caso, Ronaldo chorou e disse: “Isso pode acabar com a minha carreira.”

Tradicionalmente solícito com a imprensa, dessa vez o pai do jogador, Nélson Nazário de Lima, foi lacônico ao telefone. “Não tenho o que comentar sobre este assunto”, disse à ISTOÉ.

Para os milhares de fãs do Fenômeno, entretanto, o lamentável episódio apenas reforça uma questão: o que está acontecendo com o melhor jogador do mundo? Primeiro foram os quilos a mais que ameaçaram sua estabilidade profissional, depois as lesões graves no joelho e cirurgias delicadas. Na vida pessoal, Ronaldo é investigado por ter se casado com a apresentadora Daniela Cicarelli e namorado modelos como Raica Oliveira e a espanhola Miréia Canalda. Atualmente, ele está com a bela estudante Maria Beatriz Anthony – que foi deixada em casa de madrugada, antes que ele contratasse Andréia para a noite. A torcida é pró-Ronaldo – mas ninguém entende esse gol contra. ■

GOL CONTRA
O jogador disse que pensou que Andréia fosse mulher e só descobriu a verdade quando estavam na suíte do motel: “Não é a minha.”

RENATO GARCIA

Foi festa demais para comemorar a vitória do Flamengo sobre o Botafogo (1 a 0) na decisão do Campeonato Carioca. Mas, para o jogador Ronaldo Luís Nazário de Lima, 33 anos, o flamenguista Fenômeno, a noite terminou com gosto de derrota. O craque foi parar numa delegacia da Barra (a 16ª), zona oeste do Rio, na manhã da segunda-feira 28, dizendo-se vítima de uma tentativa de extorsão do travesti Andréia Albertine, 21 anos – cujo nome verdadeiro é André Luis Ribeiro Albertino –, depois de um desentendimento entre ambos no motel Papillon, no mesmo bairro. Andréia acusou o atacante do Milan de ter se recusado a pagar o programa sexual e de ter consumido drogas. Mas, tal e qual no futebol, o jogo mudou nos minutos finais do segundo tempo: empregados do motel e outros dois travestis, Karla Tami-

Figura 4 (IstoÉ, 07/05/08, p.56)

A partir da articulação entre as fotos e as legendas que acompanham as figuras (3) e (4), constatamos que, no processamento discursivo, as estratégias de modalização acionadas na representação dos textos não se evidenciam de maneira linear, mas multidimensional. Isso porque tal processamento articula recursos lingüístico-semióticos de maneira complexa no espaço integrado no qual se configura o sentido. Primeiramente, observemos como se dá a lexicalização das legendas que as compõem:

(13) GOL CONTRA – O jogador disse que pensou que Andréia fosse mulher e só descobriu a verdade quando estavam na suíte do motel: “Não é a minha.” (IstoÉ, 07/05/08, p.56)

(14) A EROSÃO DE UM MITO – Ronaldo, na conquista do penta, em 2002, e hoje (entre os travestis Andreia e Carla, à direita): mais gordo e encencado (Veja, 07/05/08, p.132 - 133)

A legenda da revista IstoÉ revela maior imparcialidade e se limita a pequenos excertos da matéria publicada, não obstante o fato de, no corpo do texto, constar a seguinte afirmativa: “*A torcida é pró-Ronaldo, mas ninguém entende esse gol contra*”. Por outro lado, a legenda da revista Veja revela-se bem mais crítica. A expressão “*a erosão de um mito*” sugestiona o leitor para que veja a imagem em cores de um Ronaldo vencedor se desmanchar até chegar ao ponto de se envolver com três travestis e de supostamente portar/consumir cocaína. Além disso, acrescenta-se a informação de que esse Ronaldo de hoje está *mais gordo e encencado*. A princípio, a questão da gordura do personagem em foco está fora do escopo da matéria, visto que somente seria relevante se o conteúdo da reportagem conferisse maior ênfase à sua condição de atleta. Como se não bastasse esse fato, tal traço já representa um pré-construído para designá-lo assim como o fato de ser jogador, de ser craque, de ser ídolo, etc. Portanto, a menção a esse aspecto, por si só, não poderia evidenciar certa orientação argumentativa que denote descrédito, deboche, desaprovação por parte do jornalista. No entanto, o acréscimo do adjetivo *encencado* articulado ao conjunto dos recursos lingüístico-discursivos ativados na composição da matéria confere maior consistência argumentativa e, como um todo, tais estratégias se configuram como modalizadoras.

Ainda que a análise dos dados pertinentes às duas matérias não tenha se processado de forma integral, a partir desta pequena amostragem podemos corroborar o que já se afirmou em trabalho anterior (OLIVEIRA, 2003) acerca da modalização. Diferentemente do que acontece nos estudos atuais, de modo geral centrados no âmbito do enunciado, ela, vista na perspectiva do processamento discursivo, constitui-se como fenômeno de um espaço maior, o *espaço integrado*, conforme denominação proposta por Fauconnier & Turner (2002) que foi apresentada em 2.4. Contribuem para ratificar essa idéia não apenas os dados já analisados como também a forma como se articulam no *espaço genérico/base* – revistas de ampla aceitação nacional – os recursos lingüístico-semióticos estrategicamente ativados na composição das duas versões do fato por meio das quais os jornalistas revelam seu posicionamento enunciativo no intuito de orientar o

público leitor. Tais recursos vão constituir *espaços de entrada* que se contrapõem: um Ronaldo prestigiado X um Ronaldo encrencado, um Ronaldo fenomenal X um Ronaldo que deu uma “escorregada fenomenal”, um Ronaldo cuja compleição física condiz com sua condição de atleta X um Ronaldo “gordo”, fora de forma, somente para citar alguns. Assim, a partir da mescla desses espaços, torna-se possível a construção da referência pretendida pelo jornalista – *o espaço emergente* –, qual seja, um jogador que “*poderia ser um Pelé, mas que, de escândalo em escândalo, tem sua imagem desfeita como a de Maradona*”, conforme se anuncia já na capa da revista. Essa capa está representada pela figura (5) e, por intermédio da utilização de recursos gráficos adequados em que se percebe o esmaecimento da imagem do jogador em contraste com a fonte preta da chamada de capa e a fonte vermelha de que se compõe a logomarca da revista, tal intenção fica bastante evidente.



Figura 5: Capa de Veja – 07/05/08

Importa ainda salientar que a chamada da capa – *A escolha de Ronaldo* – é bastante sugestiva, despertando a curiosidade do leitor para o fato. Qual seria, afinal, essa escolha? De ordem comportamental, sexual? Além disso, o subtítulo que a acompanha –

O “Fenômeno” podia ser um Pelé, mas, de escândalo em escândalo, sua imagem se desfaz como a de Maradona” – cumpre com uma das funções básicas da comunicação que é a de promover modelos ideais ao sistema. Segundo a imprensa brasileira, Maradona é apontado como a expressão de rebeldia em oposição ao bom moço Pelé. Entretanto, na Argentina, país de origem desse jogador e eterno rival do Brasil em se tratando de futebol, sua imagem é a de um deus. Como se pode constatar, o conjunto de estratégias de modalização acionadas na representação dessa capa se articula de maneira multidimensional no espaço integrado no qual se configura o sentido.

Conforme podemos constatar no anexo, a matéria publicada na revista Veja contém ainda várias imagens por meio das quais nitidamente se percebe a intenção de defender o ponto de vista a que se propõe. Optamos por colocar apenas mais uma – a figura (6) – em que se vê uma montagem com algumas das manchetes que relatam outros escândalos com os quais o jogador havia se envolvido anteriormente.



O PRIMEIRO ESCÂNDALO

Em 1999, Ronaldo apareceu na lista de clientes da brasileira Lázara, a Lara, acusada pela polícia italiana de explorar uma casa de prostituição em Milão

Figura 6 (Veja, 07/05/08, p.134-135)

No bojo de toda essa celeuma instaurada a partir do episódio envolvendo o jogador, encontram-se questões arraigadas em nossa cultura acerca das representações que temos de um *atleta* e que são determinantes, a nosso ver, para que o jornalista/redator se posicione de uma maneira e não de outra. Quem poderá em nosso meio adquirir tal condição? Que atributos/ações são necessários para a inserção e a permanência de alguém nessa categoria? Por outro lado, como nossa sociedade reage quando se vê diante

da constatação de que atletas são também seres humanos e, portanto, passíveis de cometer erros?

Na ânsia de perpetuarmos os valores e crenças que compartilhamos, rapidamente nos desvencilhamos daqueles cuja imagem não corresponde mais a nossos protótipos e preenchemos o espaço momentaneamente vago por alguém que julgamos mais adequado para tal. Um exemplo desse comportamento encontra-se ao final da longa matéria publicada pela revista *Veja* na qual encontramos no formato de *box* – conforme jargão utilizado pela imprensa – uma matéria relacionada também a um outro jogador de futebol brasileiro de projeção internacional, o Kaká, a quem pretensamente o perfil editorial da revista deseja contrapor o comportamento de um atleta em decadência que deu *uma escorregada fenomenal*. Podemos constatar, observando a figura (7), que o título já anuncia que se trata de alguém *influyente e comportado* e tanto a legenda quanto a foto que acompanham o texto contribuem para a construção dessa imagem. Com ar de bom moço, o jogador aparece feliz ao lado de sua mulher numa foto abaixo da qual se lê na legenda: “*Kaká e a mulher: ele jura que se casou virgem*”. Já na composição do texto, a seleção de fatos e de recursos lingüísticos não deixa dúvidas quanto à intenção do responsável pela redação da matéria. “*Kaká é o que o Ronaldo vem deixando de ser*”, “*o meia-atacante do Milan é também o atual detentor de dois títulos que antes pertenceram ao Fenômeno*”. Como se isso não fosse suficiente, no texto também se faz menção a outras particularidades da vida do jogador – “*ativista de causas sociais*” e “*fervoroso seguidor da Igreja Renascer em Cristo*” – que são de forte apelo social e que contribuem para a construção de uma imagem positiva de um jogador que, quem sabe, poderá suceder quem tem se envolvido em sucessivos escândalos ao longo de sua carreira. Afinal, se a representação de *atleta* que temos está relacionada a um indivíduo robusto, de sólida compleição, praticante de algum tipo de esporte, o jogador Ronaldo está ficando cada vez mais distante de tal condição.

Não obstante o conjunto das estratégias aqui postas não deixarem dúvida quanto ao posicionamento enunciativo de quem redigiu a matéria, cabe aqui um comentário que coloca mais uma vez em evidência o caráter intersubjetivo da enunciação. Um leitor mais displicente ou apressado poderia atribuir um sentido bastante distinto à legenda colocada abaixo da foto: “*Kaká e a mulher: ele jura que se casou virgem*”, caso fizesse uma leitura

mais superficial. Tal atitude está na contramão da imagem de virilidade normalmente associada ao homem latino-americano. Ora, se o que ele afirma for verdadeiro, coloca-se em xeque sua condição sexual e, por conseguinte, a de atleta, conforme determina o senso comum.

ele já chega a 120 graus. or, ele ficou mais de quatroletas e nem musculação. Só que o problema agora perar os ligamentos. Aos não tem a mesma fisiologia. Um atleta profissionalmúsculos a um stress inopetição, as fibras muscula série de microlesões, trata de recuperar. Um esse processo é a hipertrodá o aspecto mais robustre 25 e 28 anos, a ativino auge. A partir dos 30 um atleta

ra em umível de de-a para bai-

o para Ro-) antes? É ue o atoros meses. n que, de- joelho, o ado, inco- com a fal- e com as as. Quei- mado de assado, o e *Sun* attride o joga- o mundo), ie aconte- sistir a um o e o time assado) e razzi e até fotos dele

porada no Rio de Janeiro das outras desde que na Europa: de muita bates, mistura uísque ou gerente, para disfarçar o o. Nas festas em que os próximos, ele se permite s noitadas, mulheres, mu-. Na semana passada, fo- a questão atormentadora mais a possibilidade de nomeno nos gramados, do Luis Nazário de Lima abismo. ■

reportagem de Juliana Linhares, , Sílvia Rogar e Renata Moraes

N-LINE:
M
br/ronaldo

INFLUENTE E COMPORTADO

Único brasileiro a integrar a lista da revista *Time* das 100 pessoas mais influentes do mundo, o jogador de futebol Kaká é o que Ronaldo vem deixando de ser: atleta consagrado, modelo de bom moço e garoto-propaganda perfeito. Aos 26 anos de idade, o meia-atacante do Milan, o mesmo clube de Ronaldo, é também o atual detentor de dois títulos que antes pertenceram ao "Fenômeno": o de melhor jogador do mundo e o de jogador mais bem pago do planeta — seu salário é de 14 milhões de dólares por ano.

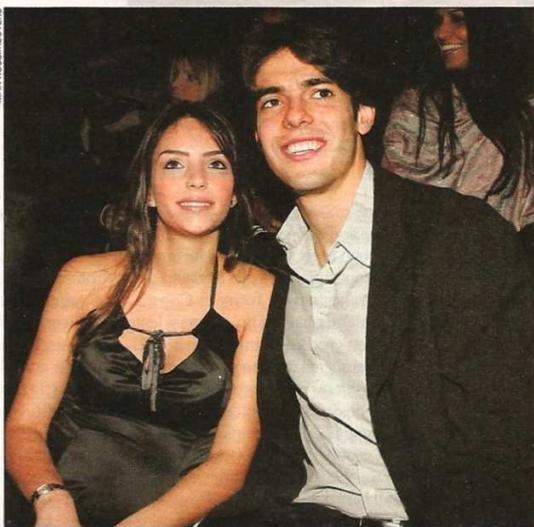
fome da ONU (outra vez, um título de Ronaldo), Kaká é fervoroso seguidor da igreja Renascer em Cristo, liderada pela bispa Sonia, atualmente presa nos Estados Unidos. Nascido em Brasília, ele iniciou sua carreira no juvenil do São Paulo aos 15 anos de idade. Franzino, media 1,63 metro e pesava 50 quilos nesse tempo. Por iniciativa do clube, submeteu-se a um tratamento que incluía pesados treinos físicos e uma rigorosa dieta para compensar o que foi diagnosticado como atraso no seu desenvolvimento ósseo.

Hoje, mede 1,86 metro e tem 83 quilos. Sua carreira por pouco não terminou antes de começar. Em 2000, ao mergulhar em uma piscina na casa da avó, em Goiás, bateu a cabeça no fundo e fraturou a sexta vértebra da coluna — uma lesão que poderia tê-lo deixado paraplégico. Recuperado, despontou como craque ao fazer dois gols contra o Botafogo na decisão do torneio Rio-São Paulo. Seu desempenho nos campeonatos nacionais nos anos seguintes rendeu-lhe a convocação para a Copa do Japão, em 2002. Kaká jogou apenas vinte minutos, mas chamou a atenção do mundo.

Desde que foi vendido para o Milan, por 8,5 milhões de dólares, em 2003, o meia-atacante é titular absoluto e ídolo no clube italiano. Foi peça fundamental na conquista da Liga dos

Campeões da Europa, na qual se sagrou artilheiro com dez gols, e do Mundial Interclubes do ano passado. O ano de 2007 foi pura glória. Além da eleição da Fifa, faturou o prêmio de melhor da Europa e o título de melhor do mundo da Federação Internacional de Futebolistas Profissionais. Se a carreira de Kaká lembra a de Ronaldo, não há traço de semelhança entre os jogadores no que diz respeito à vida pessoal. Ao contrário do irrequieto Fenômeno, o pacato Kaká não bebe, não fuma, não frequenta boates e nunca foi visto em faras. Aguarda para este mês o nascimento de seu primeiro filho, fruto do casamento com a socialite e também evangélica Caroline Celico — que namorou por três anos e com quem, garante, se casou virgem.

Kalleo Coura



Kaká e a mulher: ele jura que se casou virgem

Sua presença na lista da *Time* — encabeçada pelo líder religioso Dalai-Lama — deve-se ao fato de ele ser um "jogador completo" e, além disso, preocupar-se com o mundo e com as causas sociais, conforme escreveu o goleiro americano Kasey Keller, que assina o perfil do jogador na revista. No texto, Keller diz que "é possível questionar se é correto divulgar mensagens religiosas dentro de campo", como faz Kaká, que é evangélico e gosta de jogar vestindo camisetas com a inscrição "Deus é fiel" — mas, ao menos, continua o goleiro, "Kaká tenta causar um impacto positivo no mundo, num tempo em que os jogadores estão mais ligados a carros, mulheres e polêmicas".

Ativista de causas sociais e, desde 2004, o mais jovem embaixador contra a

Nesse ínterim, vale ainda retomarmos as palavras de Koch (2005, p.33) citadas em 4.1 acerca dos processos de discursivização do mundo por meio da linguagem e nas quais pudemos constatar uma certa contradição quando ela afirma existir uma *realidade extralingüística* a ser considerada. O caso do Ronaldo ilustra de forma bastante contundente a afirmativa de que, no processo de construção da realidade, a linguagem é parte constitutiva do todo por ser a forma de representação das experiências humanas e de suas idiossincrasias. Não se quer com isso dizer que um atleta vale mais pela imagem que se faz dele, construída em grande parte pela imprensa, do que pelo seu próprio desempenho. Ainda que a mesma imprensa que contribuiu para consolidar a imagem de um Ronaldo vencedor seja agora a mesma que não poupa esforços para destruí-lo, não podemos nos esquecer da realidade fundamental de que é a partir dela – da linguagem – que o mundo em que vivemos se estrutura, se altera ou se mantém, visto ser por seu intermédio que podemos nomear os elementos de que se constitui e atribuir-lhe determinados valores. O modo como o jornalista responsável pela matéria se posiciona frente aos fatos que apresenta revela não apenas suas crenças e convicções em relação a eles, mas também as do mundo do qual faz parte. Como se isso não bastasse, são essas formas de representação que contribuem para a manutenção e perpetuação de determinados estados de coisas.

A esse respeito, podemos ainda nos valer do que afirma Duarte (2003, p. 7-8):

Não se quer dizer que houve um tempo em que o jornalismo era imparcial e neutro. O que se defende é que, hoje, o processo com o qual o jornal formata a realidade em seus relatos noticiosos, isto é, a forma com que ele interpreta e atribui significações ao mundo está fundamentalmente estruturado pela encenação, pelo entretenimento (DUARTE, 2003, p. 7-8).

Sendo assim, o conjunto de estratégias lingüístico-discursivas utilizadas na composição de textos de modo geral remete a uma encenação por intermédio da qual tanto o enunciador/ sujeito comunicante quanto o enunciatário/ sujeito interpretante – para retomar aqui os termos de Benveniste (1989) e Charaudeau (1983, 2001) – se tornam atores *no* e *pelo* processamento discursivo e a construção da referência se dá sob o domínio de determinadas intenções. Além disso, ao se identificarem e explicitarem as estratégias agenciadas na modalização das duas notícias em questão, observa-se que o discurso também é modalizado e não apenas os enunciados que o constituem.

Considerando-se, pois, a modalização como mecanismo enunciativo agenciado nas diversas possibilidades de representação de textos noticiosos, a próxima seção terá como objetivo o levantamento de algumas das estratégias presentes nesse gênero e que podem indiciar a relação contratual estabelecida entre locutor e alocutário na construção da referência visando a gerar o efeito patêmico de sensacionalismo.

4.4 – Estratégias lingüístico-discursivas de modalização na representação da notícia

Anunciou-se, ao final do capítulo anterior, nossa proposta de continuidade na investigação de como o apelo às sensações pode estar presente em textos jornalísticos de cunho menos popular. Como gênero prototípico do discurso da imprensa, temos a notícia e, a respeito desse gênero, Enne e Diniz (2005, CD-ROM) atestam o seguinte:

A notícia, que deixou de ser uma manifestação político-ideológica para se tornar um bem comercializável, passou a ser enquadrada em classificações e a seguir critérios específicos de publicação. Jornalistas de diferentes empresas consultam as mesmas fontes, recebem os mesmos press releases (que, de certa maneira, determinam o controle da informação), lêem os periódicos concorrentes e se guiam por eles, estabelecendo, assim, uma concorrência acirrada, cuja consequência é a repetição das mesmas notícias em todos os jornais de mesmo público alvo (ENNE e DINIZ, 2005, CD-rom).

A partir da realização de um levantamento de diferentes notícias nos mais diversos veículos de comunicação escrita, pôde-se comprovar a veracidade do que afirmam as autoras à exceção do trecho no qual se afiança que a notícia deixou de ser uma manifestação político-ideológica. De fato, constatamos uma semelhança muito grande entre o conteúdo temático dos textos noticiosos selecionados, ainda que em alguns tenha ocorrido um relativo desvio do tema central, conforme pudemos observar nas duas versões de uma mesma notícia apresentadas na seção 3.4 do capítulo anterior. Contudo, diferenças bem evidentes também se fizeram notar no que se refere às estratégias modalizadoras de representação dos textos tanto no que tange à materialidade lingüística quanto aos recursos editoriais utilizados.

Para que se possa confirmar isso, escolheu-se um *corpus* composto de oito textos noticiosos, publicados no período compreendido entre 26 de março e 14 de maio de 2008 em duas revistas semanais brasileiras de informações gerais: Veja e IstoÉ. Além de o

público a que se destinam essas publicações ser muito semelhante, a sua escolha também se deu em virtude de outras características que lhes são comuns: os temas abordados em suas seções – economia, política, cultura, comportamento, tecnologia, religião, ecologia – tanto em nível nacional quanto internacional, a presença de textos elaborados em sua maioria por jornalistas e também a ostentação de marcas explícitas de “parcialidade” num espaço reservado à publicação de artigos de opinião/editoriais. A demarcação estratégica de tais espaços torna ainda mais evidente que textos noticiosos não circunscritos a esses limites estão, em princípio, isentos de qualquer forma de opinião, o que contribui para reforçar uma credibilidade construída ao longo de 40 anos de existência (isso no caso da revista *Veja* cuja primeira edição foi publicada em 11 de setembro de 1968, mas a revista *IstoÉ*, fundada em 1976, também se aproxima dessa marca).

Sabemos também que o veículo por meio do qual o texto é divulgado exerce um papel decisivo não apenas para quem o recebe como também para quem o produz, conforme atesta Bronzato (2007, p. 652). Ela denomina esse veículo pelo nome de moldura comunicativa e diz que é a partir do seu reconhecimento que os usuários da língua serão capazes de fazer:

- 1 - suas escolhas lexicais;
- 2 - a seleção da construção gramatical na qual enquadrar tais itens;
- 3 - a opção por uma, entre várias estratégias construcionais possíveis;
- 4 - a designação dos papéis comunicativos dentro do discurso;
- 5 - o julgamento sobre a adequação ou não, da interpretação calculável, a partir do enquadre que emoldura o discurso.

A constatação do que afirma a autora corrobora, de forma inequívoca, o caráter argumentativo da linguagem e se coaduna com o que postula Aristóteles. Diante das duas revistas escolhidas para o desenvolvimento deste trabalho, reconhecidas como representantes da imprensa de prestígio e de um jornalismo pretensamente pautado pela imparcialidade (o *ethos* construído para elas), espera-se que a seleção das estratégias lingüístico-discursivas aliada às estratégias editoriais acionadas na composição do texto (o *logos*) possa refletir, em conjunto, esse respeito naturalmente esperado pelo público

consumidor (o *pathos*). Contudo, conforme vimos afirmando, a discussão que aqui propomos é a de como algumas práticas sensacionalistas podem ser sutilmente introduzidas (em alguns casos, observamos um sensacionalismo explícito) nesses veículos de imprensa considerados “sérios”.

Para que os resultados desta pesquisa não sejam considerados tendenciosos em função da natureza temática dos textos escolhidos (conforme podemos atestar em função do quadro teórico apresentado na seção 3.4), optou-se pela seguinte seleção:

Texto	Assunto abordado	Natureza do tema	Data de publicação
1 e 2	Tortura e cárcere privado de menor	Crime	26/03/08
3 e 4	O envolvimento do jogador Ronaldo com travestis	Comportamento	07/05/08
5 e 6	O governador do Ceará e a destinação inadequada de recursos públicos	Política e desvio de verbas	07/05/08
7 e 8	A ministra Dilma e o depoimento à CPI do dossiê	Política	14/05/08

A partir deste momento, passaremos efetivamente à análise de estratégias lingüístico-discursivas de modalização na representação da notícia, considerando-se o conjunto de significados nos quais se organizam os textos. Uma vez que na seção 4.3 alguns dados relativos às matérias jornalísticas a respeito do jogador Ronaldo já foram analisados, daremos continuidade a esse trabalho de análise apontando outras estratégias que julgamos também de cunho sensacionalista.

A presença de comentários irônicos formulados tanto pelo próprio jornalista como por pessoas reportadas pela notícia é algo recorrente em quase toda a extensão das matérias escolhidas para compor o *corpus* analisado e talvez seja a categoria que apresenta de forma mais contundente o posicionamento enunciativo do órgão jornalístico responsável pela divulgação da matéria. Ciente dos valores que permeiam nossa sociedade, no estabelecimento da relação locutor/alocutário/referência não se poupam esforços para despertar as mais diversas sensações no público leitor. Observemos como isso acontece e que recursos lingüísticos são agenciados na configuração dessas estratégias.

(15) *Vez por outra, no entanto, Ronaldo encarna Maradona, o ídolo argentino de talento estelar que se dedica com ardor quase profissional a se meter em confusões envolvendo mulheres, drogas e bebedeiras.* (Veja, 07/05/08, p.132)

(16) As noites viradas e a pouca atenção ao condicionamento físico não passaram despercebidas ao técnico do Real Madrid, o português Carlos Queiroz. Mais de uma vez, *ele recomendou ao Fenômeno que "descansasse" um pouco mais.* (Veja, 07/05/08, p.134)

(17) *A versão de Andréia é um pouco mais destrutiva para a imagem do ídolo.* Segundo declarou, Ronaldo, ao convidá-lo para entrar no carro, estava, sim, ciente de que *ele não era "nenhuma Daniella Cicarelli"*. (Veja, 07/05/08, p.133-134)

Enquanto em (15) o comentário inicial do jornalista/redator predispõe o leitor a julgar negativamente a descrição de ações/atitudes do personagem a serem apresentadas pela matéria, em (16) e (17) a inserção do comentário de um terceiro não apenas ratifica aquilo que defende, como também contribui para estabelecer com o leitor maior cumplicidade. Do ponto de vista da obtenção de efeitos de sentido, este tipo de estratégia de modalização é muito significativo, uma vez que a mescla de comentários oriundos das mais diversas fontes, em conjunto, assume um caráter de verdade irrefutável.

Também não podem passar despercebidas as aspas que acompanham a recomendação de que Ronaldo deveria “*descansar*” *um pouco mais* – o comentário do técnico que o jornalista/redator julgou necessário apresentar – e nem as que acompanham a declaração do travesti. Nos dois casos, o jornalista se isenta da responsabilidade pelo que foi dito por outros. Como estratégia de modalização, o uso das aspas remete a um conhecimento compartilhado entre os interlocutores e depende de seu reconhecimento para que a interação seja bem sucedida. No primeiro caso, a recomendação feita insinua que o jogador deveria evitar as constantes confusões relacionadas a mulheres, drogas e bebedeiras, assumindo uma postura adequada a um atleta que, por conseguinte, proporcionar-lhe-ia o descanso adequado. Já no segundo, faz-se menção ao nome da modelo e apresentadora de televisão Daniella Cicarelli com

quem o jogador manteve um casamento de três meses e ao qual havia sido dado *status* cinematográfico por parte tanto da imprensa nacional quanto internacional.

A respeito das aspas, é importante considerar que nem sempre seu uso configura-se como um recurso lingüístico que indicia a modalização presente na representação de textos noticiosos, atribuindo-lhe um tom irônico. Trata-se de um recurso do qual freqüentemente os jornalistas lançam mão para introduzir discursos diretos ou indiretos, conforme também podemos observar em (18) e (19).

(18) *Se Ronaldo percebeu ou não o pomo-de-adão*, o fato é que passou três a quatro horas no motel na companhia dos travestis. *A noite só não foi mais longa do que trágica para a história do ídolo*. Na porta da delegacia, *chorando, ele repetia, batendo no joelho com o punho fechado: "Minha carreira acabou"* (Veja, 07/05/08, p.134)

(19) Sobre o episódio, Ronaldo disse ao delegado que só descobriu que as moças eram travestis na suíte do motel. “Essa não é a minha”, afirmou. “A história que ouvi é que ela exigiu R\$ 50 mil dele”, disse o delegado. **Segundo o inspetor Roberto Carvalho, designado para investigar o caso, Ronaldo chorou e disse: “Isso pode acabar com a minha carreira.”** (IstoÉ, 07/05/08, p.56)

Note-se, no entanto, que a inserção desses discursos também é estratégica e tem como finalidade a defesa do posicionamento assumido pelo jornalista/redator.

É importante observar também que, em relação ao uso das aspas, quando se pretende expressar ironia, por exemplo, o mesmo recurso é utilizado sem haver necessidade de qualquer sinalização para que o leitor produza determinado sentido e não outros. Por um processo inconsciente, nossa mente é capaz de operar contrafactualmente – conforme demonstram os postulados da Teoria da Integração Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002), identificando, integrando e projetando representações distintas para um mesmo recurso.

Ainda a respeito do uso das aspas como recurso de modalização que indicia a relação estabelecida entre locutor/alocutário/ referência, Maingueneau (2001, p.100) afirma que:

Enquanto a maioria dos modalizadores se insere no fio do discurso, num plano diferente do restante da frase e sem explicitar claramente os

elementos sobre os quais incidem, as aspas, sem romper a ordem da sintaxe, enquadram tipograficamente os elementos sobre os quais recaem (MAINGUENEAU, 2001, p.100).

O mesmo poderia se estender em relação ao uso do negrito, embora possa ser percebida no *corpus* uma outra intenção na seleção desse recurso. A nosso ver, o seu uso consiste em mais uma das diversas estratégias de se chamar a atenção do público leitor para certos dados considerados essenciais/importantes pelo perfil editorial da revista para a construção “adequada” do sentido, conforme podemos observar em (19).

Outro ponto relevante na presente análise refere-se à divergência do relato acerca das declarações/ações do próprio jogador ainda na delegacia em função dos recursos lingüísticos ativados em sua modalização. Enquanto em (18) o desespero do jogador foi descrito como forma de ancoragem para corroborar o posicionamento enunciativo do jornalista/redator por meio de algumas de suas ações – *chorando, batendo no joelho com o punho fechado* – a ponto de afirmar que a carreira estaria encerrada, em (19) tal fato ainda é uma possibilidade e a cena descrita assume tons menos dramáticos exatamente pela ausência dessa riqueza de detalhes. Como se vê, a seleção e descrição de fatos, ações, atitudes, dentre outros, que envolvam também suposições advindas do julgamento feito pelo próprio autor acerca dessas atitudes/ações constitui estratégia modalizadora por meio da qual se torna possível a adesão a determinado posicionamento.

Ainda em relação a comentários irônicos observados especialmente na matéria da revista *Veja*, o uso dos parênteses constitui outro recurso lingüístico agenciado na configuração de estratégias de modalização. Tanto em (20) quanto em (21), os comentários circunscritos a esse recurso gráfico apresentam fatos que, de certa forma, tornam ainda mais vexatória a situação do jogador por representarem uma provocação de outras torcidas quanto ao time de seu coração/ sua opção sexual e por mostrarem como ele havia sido tão facilmente ludibriado pelo travesti. Vejamos:

(20) Mas mesmo quem conhece de longa data sua compulsão por aventuras sexuais recebeu com espanto a notícia de sua noite com os travestis (*logo apelidados pelos adversários de "raça", "amor" e "paixão", em alusão ao cântico com o qual a torcida do Flamengo embala seu time nos jogos*) (*Veja*, 07/05/08, p.133)

(21) Ele alega que demorou para voltar porque foi parado pela polícia, que ficou com a cocaína e a maconha compradas (*policiais confirmaram que o travesti deixou o motel, mas afirmam que, em vez de ir atrás de droga, ele usou o tempo para fazer contato com redações de jornais e espalhar a história*). (Veja, 07/05/08, p.134)

É importante ressaltar que o uso dos parênteses por si só não constitui recurso de modalização. Uma vez retirados ou substituídos por travessões ou até mesmo por vírgulas, a modalização como estratégia em defesa de determinado posicionamento enunciativo não cessaria. O uso do negrito e o das aspas, em muitos casos, também assume papel bem semelhante. Na verdade, vale ressaltar que tais recursos constituem notações gráficas por meio das quais é possível a inclusão da voz de outrem – abonada, evidentemente, pelo redator da matéria – ou até mesmo de um comentário do próprio autor acerca do fato relatado – *o enunciador comenta o seu enunciado ao mesmo tempo que o enuncia, através da laçada reflexiva de um dizer que se volta explicitamente sobre si mesmo*, conforme descreve Authier-Revuz (1998, p.29).

Encontramos também de forma bem recorrente marcas de coloquialidade presentes nos textos em estudo e que fazem parte, a nosso ver, do conjunto de estratégias de modalização aqui descritas. Elas são avaliadas como uma tentativa de se estabelecer com o público leitor uma relação de maior proximidade, até mesmo cumplicidade, de maneira a se facilitar o compartilhamento das mesmas opiniões. Observemos como isso ocorre nessa matéria:

(22) Na semana passada, Ronaldo viu-se em meio a um escândalo cujo enredo e personagens fazem *as barafundas* do argentino parecer coisa de criança. (Veja, 07/05/08, p.132)

(23) No imbróglio da semana passada, a única pessoa que acusa Ronaldo de usar drogas é o travesti Andréia. Ainda que se descubra que a acusação é falsa, *o estrago já foi feito. A imagem de um Ronaldo descabelado e destruído, ao lado de travestis em uma delegacia carioca, rodou o mundo*. No Brasil, virou a piada da semana. (Veja, 07/05/08, p.136)

O termo *barafundas* em lugar de *confusão* denota maior grau de informalidade do que aquele que normalmente se esperaria de um veículo de informação desse nível. Também a descrição do jogador nesse estado não apenas aproxima jornalista e leitor, conforme se afirmou anteriormente, como também corrobora a idéia de que o ídolo está mesmo em decadência. Imagine agora parecer-se tanto com o mais comum dos mortais alguém que sempre esteve sob os holofotes da mídia mundial, além de ser possuidor de grande fortuna.

Temos ainda em (24) o relato de um fato que contribui significativamente para a defesa do ponto de vista assumido pelo locutor: diante da possibilidade de ter havido consumo de drogas, nem ao menos um exame toxicológico a polícia exigiu. Um atitude, convenhamos, totalmente inesperada diante do papel social que ela desempenha. Atento a esse “deslize”, o jornalista relata o ocorrido de forma aparentemente imparcial. No entanto, ciente de que o senso comum poderá trazer à mente do leitor a máxima popular de que “quem não deve não teme”, ele explora o fato como um argumento a mais na defesa de seu posicionamento.

(24) O caso dos travestis ainda *está sob a bruma de uma série de versões desencontradas. Sobretudo no ponto capital: houve ou não o uso de cocaína, ato que significaria uma falta grave, passível de rompimento contratual? Nada foi encontrado pela polícia, que também não exigiu exame toxicológico.* (Veja, 07/05/08, p.136)

Por fim, destacaremos nesta matéria a descrição de algumas ações dos personagens a que a notícia faz menção que também denotam determinada orientação argumentativa. Se durante toda a matéria o jornalista mantém um tom depreciativo a respeito do jogador, aqui não poderia ser diferente. Nos itens (25) e (26), destacam-se algumas atitudes do jogador tais como “*refugiar-se na casa da mãe*”, “*ficar abatido e chorar o dia inteiro*” e “*queixar-se de ser chamado de gordo e pé-frio*”. Elas fazem o leitor mais atento pensar que, apesar da fama, o “Fenômeno” reage de forma imatura diante dos problemas vividos. O mesmo se pode dizer da noiva que “*fez as malas e voltou para a casa dos pais*”. Eis os dados:

(25) Durante a semana, *refugiou-se, como sempre faz nessas ocasiões, na casa de sua mãe*. Seus amigos dizem que *ele está abatido e chora o dia inteiro*. Motivos para isso não faltam: além de perder a noiva, a engenheira Maria Beatriz Antony (informada sobre o escândalo, *ela fez as malas e voltou para a casa dos pais, em Brasília*), Ronaldo, com o episódio, causou sérios e muito provavelmente irreparáveis danos a sua imagem e à carreira – já que, no caso do Fenômeno, as duas coisas estão imbricadas. (Veja, 07/05/08, p.134)

(26) Os amigos dizem que, depois da lesão no joelho, o jogador anda irritado, incomodado também com a falta de privacidade e com as cobranças públicas. *Queixa-se de ser chamado de gordo* (no mês passado, o tablóide inglês The Sun atribuiu-lhe o título de o jogador mais gordo do mundo), *pé-frio* (coisa que aconteceu quando foi assistir a um jogo do Flamengo e o time perdeu, no mês passado) e reclama dos paparazzi e até dos fãs que tiram fotos dele sem parar. (Veja, 07/05/08, p.138)

Nos dois excertos, o fato noticiado é colocado em segundo plano para que o leitor volte sua atenção para informações menos relevantes, mas que ainda assim constituem argumentos capazes de ratificar o ponto de vista assumido pelo órgão jornalístico.

Passaremos agora à análise de estratégias lingüístico-discursivas de modalização presentes em outras duas notícias, desta feita com uma temática bastante usual em textos reconhecidamente de cunho sensacionalista. Trata-se de um fato ocorrido na semana anterior à publicação, qual seja, a descoberta de que a empresária Silvia Calabrese mantinha em cárcere privado, sob condições desumanas e até tortura, a menor L. de apenas 12 anos de idade, na cidade de Goiânia. Em decorrência do próprio conteúdo temático, pode-se afirmar que despertar a comoção do público já seria uma consequência natural. Todavia, tanto numa revista quanto na outra temos acesso a fatos que provocam ainda mais nossa indignação diante do fato reportado.

Mais uma vez podemos constatar que as estratégias de modalização acionadas na representação dos textos não se evidenciam de maneira linear, mas multidimensional. Os recursos lingüístico-semióticos estrategicamente ativados se articulam de maneira complexa no espaço integrado no qual se configura o sentido. Optou-se, primeiramente,

pela análise da diagramação dos textos nos veículos em que circularam. Na matéria publicada pela revista *Veja*, conforme podemos constatar pela figura (8), a manchete “*Como alguém é capaz de fazer isso?*” ocupa aproximadamente um terço da página e se sobrepõe a uma foto que a ocupa por inteiro na qual se visualiza um vulto humano, supostamente da menina em questão. A imagem desse vulto associada à manchete despertam a curiosidade do público leitor que naturalmente se perguntará: “isso o quê?”. Encontramos também na página a palavra “*crime*” que indica a que tipo de seção se vincula a notícia. Essa palavra aparece centralizada na parte superior, dentro de um quadrinho vermelho e escrita em fonte branca. Logo abaixo da manchete, encontra-se o subtítulo “*Cárcere e tortura de menina em Goiânia tiveram pelo menos dois precedentes*” por meio do qual o leitor toma conhecimento de que a barbárie não constitui um fato isolado. Todo esse trabalho gráfico acompanhado de uma intencional seleção lexical constituem estratégias que modalizam o conteúdo da matéria, visto que aponta para o posicionamento do órgão jornalístico responsável por sua divulgação e sensibiliza o leitor no processamento da leitura da página ao lado na qual se encontram detalhes do episódio em questão.

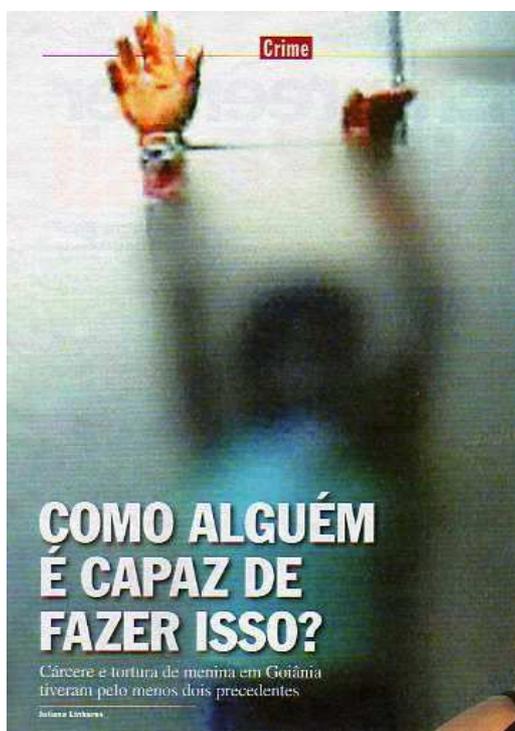


Figura 8 (*Veja*, 26/03/08, p.86)

Na revista IstoÉ, ainda que se perceba evidente indignação tanto no título, quanto no texto e na seleção de imagens, o tratamento dado à matéria é um pouco diferente. Enquanto na revista Veja a matéria ocupa duas páginas, na revista IstoÉ, conforme mostra a figura (9), ela ocupa apenas metade de uma página na seção “A semana”. Essa seção sempre trata de forma mais superficial, à semelhança de flashes, alguns fatos que se destacaram durante a semana e ocupa as páginas iniciais da revista. Talvez por isso não haja nenhuma chamada a respeito do fato no sumário, enquanto vemos na revista Veja, na página 8, a seguinte chamada “*Crime: Sílvia Calabrese: flagrante de crueldade*”, acompanhada de uma foto do algoz.

A Semana

CRIME

EMPRESÁRIA TORTURAVA MENINA EM GOIÂNIA

Foi uma denúncia anônima que levou a polícia ao apartamento da empresária Sílvia Calabrese Lima (à dir.), numa região nobre de Goiânia. Ao entrar na cobertura, viu-se o grau máximo de perversão e desumanidade: **uma garota de 12 anos, mãos e pés acorrentados, com feridas e cicatrizes por todo o corpo, inclusive na língua.** A menina, adotada irregularmente, morava com Sílvia desde 2006. A sua mãe biológica, Joana Darc da Silva, ex-empregada da casa, acreditava que a filha teria educação e oportunidades com a empresária – mas o que a garota recebeu foi trabalho forçado e tortura: “Ela me afogava, apertava a minha língua com alicate, me enforcava com fio.” Sílvia foi presa e indiciada por tortura e cárcere privado, juntamente com a babá Vanice Novais. **A polícia também quer descobrir se Joana Darc recebeu dinheiro para deixar a filha com a empresária.**

COLEÇÃO DE PERVERSÕES
A empresária Sílvia Calabrese Lima já foi condenada por maus-tratos contra uma outra menina, de cinco anos (hoje tem 11 e ainda apresenta seqüelas). A sua pena foi doar cestas básicas. Também uma mulher que hoje tem 20 anos disse à polícia que foi torturada quando trabalhou, aos 15 anos, na casa da empresária.

BARBÁRIE Garota mostra marcas da sevícia feita pela empresária Sílvia

A MÃO QUE BALANÇA O BERÇO Pesquisa da empresa Rede Kanguruh, uma das maiores agências do País para contratação de babás: 15% têm antecedentes criminais e 28% mentiram suas referências na contratação.

“Agora quero ser feliz com o meu pai. E ter minha bicicleta”
Da garota torturada por Sílvia, ao abraçar o pai

Figura 9 (IstoÉ, 26/03/08, p.20-21)

Nas duas revistas, contudo, as figuras ocupam um espaço relativamente pequeno, mas constituem prova irrefutável do que se afirma no decorrer do texto. Além disso, aparecem combinadas a legendas que podem ser confirmadas pela leitura do texto, à exceção daquela em que a menina parece abraçada ao pai (figura 9). Nesse caso, a inserção dessa imagem parece sugerir que, de agora em diante, a vida da menina tende a ser mais feliz, ao lado de quem ela gosta. Não se faz menção à mãe, uma vez que no texto levantou-se a suspeita não confirmada de que a mãe biológica da menina poderia ter

recebido dinheiro da empresária em troca dela – *A polícia também quer descobrir se Joana Darc recebeu dinheiro para deixar a filha com a empresária*. No entanto, ainda que tal afirmativa seja apenas uma suspeita, podemos observar na figura que ela aparece em negrito. Este recurso gráfico, conforme vimos na análise das matérias anteriores, é com frequência utilizado pela revista IstoÉ na tentativa de chamar a atenção do leitor, orientando-o na construção de um sentido pretendido por quem assume o papel de locutor no processamento discursivo.

Na figura (10) temos mais uma imagem veiculada na revista Veja a partir da qual se corrobora a idéia de que é por intermédio da complexa articulação de recursos lingüístico-discursivos que se configuram as estratégias de modalização. A combinação de imagem e texto constitui-se como forma de ancoragem do posicionamento enunciativo do jornalista que busca despertar o envolvimento emocional do leitor em relação ao conteúdo reportado pela matéria. Ao explorar imagens e formas descritivas nas quais se constata o sofrimento físico e psicológico protagonizado pelas personagens a quem o texto noticioso se reporta, o jornalista modaliza o texto como um todo, num processo de circunstanciação de um único espaço integrado. Esse tipo de modalização representa uma espécie de pano de fundo para a composição do quadro figurativo da enunciação. Observemos como isso acontece nos dados abaixo:



Silvia Calabresi, acusada de torturar L., e uma das mãos da menina: suplício

Figura 10 (Veja, 26/03/08, p.87)

(27) Ao entrar na cobertura, viu-se o grau máximo de perversão e desumanidade: uma garota de 12 anos, *mãos e pés acorrentados, com feridas e cicatrizes por todo o corpo, inclusive na língua*. (IstoÉ, 26/03/08, p.20)

(28) Quando a agente policial de Goiânia Jussara Assis entrou no apartamento de Sílvia Calabresi Lima, de 41 anos, deparou com a menina L., de 12 anos, amarrada na área de serviço. A menina *tinha os dois braços erguidos e acorrentados a uma escada de ferro. Seus pés mal tocavam o chão, a boca estava tampada por uma gaze embebida em pimenta e oito dos dedos das mãos estavam quebrados – a maioria havia tido as unhas arrancadas. "Comecei a tremer tanto que tive dificuldade em desamarrá-la"*, disse a policial. (Veja, 26/03/08, p.87)

(29) O que a garota recebeu foi trabalho forçado e tortura: *“Ela me afogava, apertava a minha língua com alicate, me enforcava com fio.”* (IstoÉ, 26/03/08, p.20)

(30) Nesse período, conforme relatou à polícia, *foi sistematicamente torturada pela mulher: teve o corpo queimado a ferro quente, dedos esmagados em dobradiças de portas e dentes quebrados a marteladas, entre outros suplícios.* (Veja, 26/03/08, p.87)

As torturas descritas pelas duas revistas tais como *boca tampada por uma gaze embebida em pimenta, dedos das mãos quebrados e unhas arrancadas, dentes quebrados a marteladas, feridas na língua provocadas por alicate*, somente para citar algumas delas, constituem algo tão bárbaro que causaria arrepios no público leitor até mesmo se a vítima fosse merecedora de alguma forma de castigo. Em se tratando de uma vítima de apenas 12 anos, uma menina de condição sócio-econômica precária, as torturas que sofreu assumem proporções alarmantes. A seleção desses fatos se deu em função de se mostrarem estratégias lingüístico-discursivas acionadas para que o objeto das matérias – a tortura da menina – pudesse ser modalizado. No excerto (28), apresentou-se o relato da policial que encontrou a menina – *“Comecei a tremer tanto que tive dificuldade em desamarrá-la”* – o qual contribui para que essa reação do público ser mais prontamente autorizada. Cientes de tudo isso, as duas revistas não pouparam esforços para provocar tais sensações.

Ainda na esteira da representação dessa espécie de pano de fundo como forma de ancoragem do posicionamento enunciativo do jornalista, na construção da narrativa, freqüentemente, percebe-se a descrição de fatos que contribuam para reforçar a

indignação do público. Em (31), atitudes iniciais de acolhimento e simpatia – *a mulher mostrava-se simpática e as convidava para ir à sua casa e visitar o sítio da família, depois de ganhar a confiança das crianças, pedia a seus pais que as deixassem morar com ela, alegando que tinha três filhos homens e sentia falta de uma menina* – com a finalidade de angariar a confiança da criança e de seus familiares, cedem lugar a toda sorte de perversidades descritas fartamente pelo repórter responsável pela redação da matéria e exemplificadas em (32): *as meninas passavam a ser submetidas a todo tipo de violência, ingestão de fezes de animais, o crescimento da ira da mulher quando a menina chorava, pedia comida ou queria falar com os pais*. Ainda em (31) um outro recurso lingüístico é introduzido no mesmo excerto como estratégia para se mesclarem a narrativa do fato noticiado e os comentários marginais a ele. Como argumento para convencer a menina a morar na casa da empresária, esta lhe ofereceu benefícios materiais que, uma vez recebidos nunca ou muito pouco chegaram a ser utilizados. No caso da escola militar, uma vez que era seu sonho ser policial, a menina estudou nela por apenas seis meses e, no caso dos patins, parece que a menina chegou a vê-los, mas jamais pôde usá-los. O uso dos parênteses constitui, portanto, uma marca explícita de polifonia por meio da qual o locutor se disjunge de si próprio para ao mesmo tempo assumir o papel de narrador dos fatos ocorridos e o de comentarista a respeito deles. Tudo isso, evidentemente, denota uma dada intencionalidade que se manifesta pelo agenciamento de determinadas estratégias para se alcançar os fins propostos.

(31) Ambas dizem que, no começo, *a mulher mostrava-se simpática e as convidava para ir à sua casa e visitar o sítio da família. Depois de ganhar a confiança das crianças, pedia a seus pais que as deixassem morar com ela, alegando que tinha três filhos homens e sentia falta de uma menina*. Para L., cujo sonho é ser policial, *Sílvia prometeu matrícula na Escola Militar de Goiânia (onde a menina estudou apenas por seis meses). Também comprou-lhe um par de patins (que a criança nunca foi autorizada a usar)*. (Veja, 26/03/08, p.87)

(32) *Uma vez, na casa de Sílvia, as meninas passavam a ser submetidas a todo tipo de violência – que, no caso de L., incluía ser obrigada a ingerir fezes de animais. Os*

pretextos eram os mais diversos. "L. contou que o que mais despertava a ira de Sílvia era quando ela chorava, pedia comida ou dizia querer falar com os pais", diz a delegada responsável pelo caso, Adriana Accorsi. (Veja, 26/03/08, p.87)

Na construção desse imbricado quadro enunciativo em que as estratégias lingüístico-discursivas de modalização se articulam na configuração de argumentos capazes de corroborar o posicionamento enunciativo do locutor, encontram-se também presentes informações secundárias em relação ao tema principal. Denominamos aqui informações secundárias aquelas que não têm relação direta com o fato principal reportado, mas constam do corpo da notícia como forma não apenas de ratificar a indignação perante a situação vivida pela menor, como também para deixar em suspense a possibilidade de que o algoz seja portador de graves distúrbios mentais. Vejamos como isso ocorre:

(33) À sucessão de horrores que os investigadores descobriram a partir da prisão de Sílvia, seguiu-se uma revelação: L. não foi a única vítima da mulher. Sílvia, segundo testemunhas, torturou e manteve encarceradas pelo menos outras duas meninas – entre elas C., hoje com 11 anos, cuja família prestou queixa de maus-tratos contra Sílvia há seis anos, em um processo que não foi adiante por falta de provas. (Veja, 26/03/08, p.87)

(34) Coleção de perversões – A empresária Sílvia Calabrese Lima já foi condenada por maus tratos contra uma outra menina, de cinco anos (hoje tem 11 e ainda apresenta seqüelas). A sua pena foi doar cestas básicas. Também uma mulher que hoje tem 20 anos disse à polícia que foi torturada quando trabalhou, aos 15 anos, na casa da empresária. (IstoÉ, 26/03/08, p.20)

Apesar do trabalho de identificação e análise de estratégias de modalização agenciadas na configuração do sensacionalismo em textos noticiosos presentes em veículos supostamente isentos da manifestação de juízos de valores, sabemos que matérias cuja temática gire em torno da vida pessoal de pessoas famosas ou de crimes bárbaros acabam por favorecer a manifestação desse fenômeno. Dessa forma, pretendemos de agora em diante mostrar como as mesmas estratégias podem ser

observadas também em outros domínios, como o político, por exemplo. Para isso, daremos seqüência a este trabalho de análise apresentando primeiramente duas matérias relativas ao governador do Ceará Cid Gomes e outras duas relativas ao depoimento da ministra Dilma Rousseff na CPI dos dossiês.

As matérias a respeito do governador Cid Gomes fazem parte da cena política de nosso país e envolvem a destinação inadequada de recursos públicos feita pelo próprio governador. Durante o período de Carnaval de 2008, ele, sua esposa e a sogra viajaram para a Europa num jato cujo aluguel foi pago com dinheiro dos cofres públicos do Estado do Ceará. Esse é o fato noticiado, mas outros fatos semelhantes já haviam acontecido anteriormente, segundo consta nas matérias jornalísticas das duas revistas. No topo da página da revista IstoÉ, a manchete, o subtítulo, imagens e respectivas legendas podem ser assim visualizadas:



Figura 11 (IstoÉ, 07/05/08, p.67)

A manchete “*Isso é que é genro, isso é que é sogra!*” colocada no topo central da página ao lado das fotos do governador do Ceará e da sua sogra chamam nossa atenção por vários motivos. O primeiro deles talvez seja essa aversão culturalmente instituída pela figura da sogra que coloca em lados opostos genros e sogras e seus congêneres. Logo a seguir, o subtítulo “*Até onde pode ir a generosidade do governador Cid Gomes com familiares*” desperta a curiosidade do leitor para a leitura do texto em razão do estranhamento causado pela aparente contradição entre ele e a manchete. Na revista Veja, a manchete “*Isso é que é genro...*”, intencionalmente suspensa pela presença das

reticências, sugere que alguma informação pouco usual aparecerá logo em seguida, fato que se confirma pelo subtítulo “*O governador do Ceará, Cid Gomes, é muito família. Ele não agrada apenas à sogra, mas também ao sogro, aos irmãos, aos sobrinhos...*”. Aqui novamente as reticências deixam entender que a lista de familiares beneficiados pela generosidade do governador seria interminável, segundo a avaliação do órgão jornalístico. Esse tom de crítica permeia todo o texto nas duas matérias.

Além da articulação dos recursos lingüístico/semióticos acima descritos na configuração do sensacionalismo na representação dos fatos noticiados, outros se fazem notar. No nível da lexicalização, a presença de marcas de coloquialidade bastante freqüentes em todas as matérias das duas revistas, além de buscar estabelecer maior proximidade com o público leitor, denota também um misto de indignação e deboche por parte do perfil editorial das revistas. O agenciamento de itens lexicais tais como a *parentada*, *a sogra do coração*, *levar a tiracolo uma entourage familiar*, *paraíso*, *cargas d’água* dentre outros destacados nos excertos, não deixa dúvidas quanto a isso.

(35) Mas correm informações sobre outra *viagem suspeita* da família de Cid, dessa vez para o *paraíso* caribenho de San Martin. (IstoÉ, 07/05/08, p.67)

(36) Por que *cargas d’água* ele havia decidido gastar quase R\$ 400 mil fretando um jatinho Citation da empresa Táxi Aéreo de Fortaleza (TAF) para *uma idílica viagem* pelo continente europeu, com dinheiro dos cofres públicos, *levando a tiracolo uma entourage familiar*. (IstoÉ, 07/05/08, p.67)

(37) Cid empenhou 2,6 milhões de reais à Federação das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais do Ceará, uma ONG presidida por ela, *a sogra do coração*, Pauline Moura. (Veja, 07/05/08, p.66)

(38) Passou quatro dias lá e voltou para Saint-Martin, a fim de levar a *parentada* de volta a Fortaleza. (Veja, 07/05/08, p.66)

Também no nível da seleção e hierarquização de fatos apresentados, na valorização de alguns dados em detrimento de outros é possível constatar, mais uma vez, o importante papel desempenhado pelo jornalista/redator na construção da narrativa. Em (39), o redator explicita sua crítica ao afirmar que, mesmo no cumprimento de compromissos oficiais, a comitiva do governador se hospeda nos mais caros e sofisticados lugares – *a comitiva do governador ficou no sofisticado hotel Rocco Forte Balmoral, (...) um castelo freqüentado por príncipes árabes e toda uma legião de bilionários do planeta* – sem se importar com o fato de que excessos de benesses para uma minoria fatalmente acarretarão escassez dos recursos destinados ao atendimento das necessidades básicas de toda a população cearense. Já em (40), o redator declara-se surpreso – *a explicação mais inusitada do governador* – diante da naturalidade com que o governador apresenta uma justificativa pouco convincente – *teve que levar a sogra a pedido da mulher* – para uma viagem custeada por recursos públicos em benefício de seu círculo familiar. Em (41) o destaque aos fatos se faz pelo uso do negrito como recurso gráfico por meio do qual se busca chamar a atenção do leitor para um trecho específico do texto. Trata-se de um recurso recorrente que também já se fez notar na análise de outras matérias publicadas pela revista IstoÉ. Em (42), a declaração da sogra do governador – *mandou avisar, porém, que ficou deprimida com a divulgação de sua excursão pela Europa e, por isso, não quer falar* – causa indignação pelo fato de sabermos todos que, em nosso país, alguns têm sempre mais direitos que outros e que, diante de tão flagrante abuso no uso de recursos públicos, em lugar de ao menos se reconhecer a culpa, o que se verifica é um achaque de vítima de quem realmente acredita pertencer a um estrato social merecedor de todos os benefícios que o poder público puder oferecer. Finalmente, em (43) constatamos que também um amigo de infância do governador foi beneficiado por ações do governador que impulsionaram a expansão de seus negócios – *a Easy Air, cujo proprietário é Antônio Disraeli Ponte, amigo de infância de Cid Gomes, conseguiu decolar graças ao governo estadual.*

(39) Em Edimburgo, a comitiva do governador ficou no sofisticado hotel Rocco Forte Balmoral, o melhor da cidade, *um castelo freqüentado por príncipes árabes e toda uma legião de bilionários do planeta.* (IstoÉ, 07/05/08, p.67)

(40) *A explicação mais inusitada do governador: teve que levar a sogra, Pauline Carol Habib Moura, a pedido da mulher, Maria Célia. “Se eu cometi alguma falha, e por isso peço desculpa, sempre procurei agir de boa fé, foi por ter atendido a um pedido de minha mulher.” Mais surpreendente é que o governador não reconheceu ter cometido qualquer irregularidade no ato. Afinal, no seu entender, é bastante natural que um político saia pelo mundo a bordo de um jatinho fretado para uma viagem pública que incluía, além da mulher, a sogra e as esposas de assessores. (IstoÉ, 07/05/08, p.67)*

(41) A viagem à Europa abriu uma grande polêmica no Estado. A oposição na Assembléia Legislativa, formada por dois deputados, **Heitor Férrer e Adahil Barreto (PR)**, **pediu ao Tribunal de Contas do Estado para checar as contas de outras viagens do governador**. Em resposta à investida dos minguados adversários, Cid mobilizou sua bancada de 44 deputados para enterrar a “CPI da Sogra”. (IstoÉ, 07/05/08, p.67)

(42) A sogra do governador *mandou avisar, porém, que ficou deprimida com a divulgação de sua excursão pela Europa e, por isso, não quer falar*. (Veja, 07/05/08, p.66)

(43) *Neste ano, convenceu a empresa de táxi aéreo Easy Air a bancar o evento. Mas isso não parece ter requerido muito esforço*. A Easy Air, cujo proprietário é Antônio Disraeli Ponte, amigo de infância de Cid Gomes, *conseguiu decolar* graças ao governo estadual. (Veja, 07/05/08, p.66)

Assim como na análise dos dados oferecidos pelas matérias anteriores, também nestas articulam-se estrategicamente recursos lingüístico-discursivos chamados de modalizadores na composição do conjunto dos fatos relatados pelos jornalistas/redatores nos dois veículos da imprensa. Tudo isso constitui importante forma de ancoragem do posicionamento enunciativo de quem se responsabiliza por todo esse processo. No excerto (44), observamos novamente a diversidade de estratégias lingüístico-discursivas

de modalização na configuração da ironia. Elas aparecem nos dois textos, mas escolheu-se apenas o trecho de uma delas para amostragem:

(44) *O governador do Ceará, Cid Ferreira Gomes, é um genro exemplar. (...) No Carnaval, fretou um avião no qual levou a sogra, Pauline Habib Moura, em uma excursão "a trabalho" pela Europa. O jato foi alugado à empresa de um dos correligionários do governador e pago com 388.000 reais dos cofres cearenses. Na semana passada, Cid justificou a carona. "Foi um pedido da minha mulher. Peço desculpas, mas quero deixar bem claro que não existe nenhuma norma que impeça esse tipo de procedimento. Minha esposa tem 27 anos e uma ligação muito estreita com a mãe", disse. Não foi o único mimo que o governador fez à sua sogra.* (Veja, 07/05/08, p.66)

Na expressão “*uma excursão ‘a trabalho’ pela Europa*”, o público leitor imediatamente percebe a incompatibilidade entre o fato de uma excursão se realizar por motivos de trabalho, ainda mais se ela for para a Europa, local que, para a grande maioria dos brasileiros, constitui uma possibilidade de destino turístico quase inatingível. Sendo assim, a presença das aspas permite que, simultaneamente ao estranhamento, ocorra o restabelecimento da lógica da ironia viabilizada pelo jornalista que escreveu a matéria, o que mais uma vez ratifica a idéia de que nossa mente é capaz de operar contrafactualmente, identificando, integrando e projetando representações distintas para um mesmo recurso, conforme demonstram os postulados da Teoria da Integração Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002),.

Passaremos agora à análise das duas últimas matérias que estão relacionadas ao depoimento da ministra Dilma Rousseff na CPI dos dossiês. Segundo informações dadas pelas duas revistas, para chantagear a oposição que insistia em dar continuidade à CPI que investigava o uso dos cartões corporativos do atual governo, supostamente se criou um dossiê feito na Casa Civil no qual se apresentavam gastos feitos em governos anteriores, especialmente na era de Fernando Henrique Cardoso. A suspeita do vazamento da informação de que tal dossiê existe partiu de um militante histórico do PT, José Aparecido Nunes Ferreira, na época secretário de Controle Interno da Casa Civil, portanto, figura de confiança do atual governo. Começamos pela análise de alguns dados interessantes na configuração das duas páginas apresentadas pela revista Veja que estão

na figura (12) e que foram, a nosso ver, intencional e estrategicamente articulados como recursos de modalização:

Brasil

O HOMEM-BOMBA DO PALÁCIO DO PLANALTO

Apontado como vazador, assessor da Casa Civil ameaça revelar a identidade do autor do dossiê

Alexandre Ultramari

Depois de inúmeros desmentidos, seis versões oficiais, dezenas de negativas da ministra Dilma Rousseff e várias teorias da conspiração, está comprovado: como VEJA revelou há oito semanas, o dossiê com o detalhamento dos gastos pessoais do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e de sua família foi feito mesmo na Casa Civil da Presidência da República e de lá, ganhou assas rumo ao Congresso Nacional. As investigações sobre o autor ou autores do documento ainda não foram concluídas, mas o caso ganhou um personagem que pode ser decisivo para a elucidação definitiva dessa última parte do mistério. Ele se chama José Aparecido Nunes Pires, é auditor do Tribunal de Contas da União, antigo militante petista e, desde o início do governo Lula, chefe da Secretaria de Controle Interno da Casa Civil. Uma perícia da comissão de sindicância apontou o secretário como suspeito de ter vazado o dossiê. Extra-oficialmente, chegou-se até a espelhar a versão de que José Aparecido seria também o autor do documento, numa ação voluntária, feita por conta própria, sem o aval do governo. José Aparecido nega, em público, todas as acusações. Mas não esconde dos amigos que, se for convocado a depor, contará tudo que sabe sobre o caso. Ele sabe muito. Sabe quem fez o dossiê, sabe como foi feito, sabe com que objetivos e, principalmente, sabe o nome de quem deu a ordem.

O argumento de José Aparecido no caso atrapa o governo sobre vários aspectos. Em conversa com amigos, ele já confidenciou que a secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra, braço-direito da ministra Dilma Rousseff, teria

“Se eu for convocado à CPI, conto tudo.”
José Aparecido Nunes Pires, secretário de Controle Interno da Casa Civil

“A quem interessa esse vazamento?”
Ministra Dilma Rousseff, em depoimento à Comissão de Infra-Estrutura do Senado

A comissão de sindicância da Presidência encontrou cópia do dossiê contra o ex-presidente Fernando Henrique no computador da Casa Civil

ANO 1998	Nº DO PROCESSO	AGENTE RESPONSO	Nº VALOR (R\$)	DATA	Nº IN	EMPRESA	VALOR	SERVIÇO REALIZADO
	002000004918-12	ANTÔNIO CARLOS C DE ALMEIDA	37	3/1/98	85	TECHNOFOTO LTDA	25,30	DE FORNOS DE FOTÓ
	002000004918-14	AMERICO JOSE SOUZA	33	2/21/98	104	LUXALIA E FOTOLABIA NEVER	22,30	MAQUILAGEM
	002000004918-15	AMERICO JOSE SOUZA	33	2/26/98	104	ALANARMA DEBATES I	25,00	ALANARMA DEBATES
	002000004918-16	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-17	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-18	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-19	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-20	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-21	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-22	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-23	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-24	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-25	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-26	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-27	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-28	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-29	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO
	002000004918-30	AMERICO JOSE SOUZA	33	3/19/98	107	REPRODUÇÃO	24,00	REPRODUÇÃO

Figura 12 (Veja, 14/05/08, p.64-65)

Já na manchete da matéria – *O homem-bomba do Palácio do Planalto* – percebe-se evidente apelo sensacionalista tanto em relação às escolhas lexicais utilizadas em sua composição quanto na sua diagramação em duas páginas. Logo abaixo e ao lado da imagem de quem o jornalista/redator denomina de “homem-bomba”, aparece o subtítulo que contribui para a construção da referência pretendida. Nela encontramos o seguinte enunciado:

(45) Apontado como vazador, assessor da Casa Civil ameaça revelar a identidade do autor do dossiê. (Veja, 14/05/08, p.64)

Nesse caso (45), ao relatar no fato noticioso a declaração do secretário de Controle Interno da Casa Civil, o jornalista/redator se utiliza do discurso indireto modalizado pela inserção do item lexical “ameaça”. Em outras palavras, aquilo que o secretário diz representa, segundo avaliação do perfil editorial da revista, uma ameaça.

Tal posicionamento ainda se confirma em outros excertos do texto conforme podemos constatar:

(46) *A euforia com o resultado era tão grande, segundo ele, que alguns funcionários do Palácio do Planalto comemoravam aos gritos cada despesa considerada exótica encontrada nos processos de prestação de contas. "Se eu for convocado à CPI, conto tudo", disse ele na sexta-feira passada.* (Veja, 14/05/08, p.66)

(47) *O surgimento de José Aparecido no caso arrepiou o governo sobre vários aspectos.* (Veja, 14/05/08, p.65)

Tanto em (46) quanto em (47), os fatos apresentados argumentam favoravelmente ao ponto de vista defendido pelo jornalista. A euforia de que fala o excerto (46) parte dos assessores que participaram do grupo encarregado da coleta e da seleção dos dados do dossiê relativos ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e família. Já a declaração graficamente destacada pelas aspas partiu do próprio secretário. Nesse caso, o uso das aspas é prontamente processado em nossa mente como forma de se introduzir o discurso de outrem, não mais o de um comentário irônico por meio do qual o jornalista se disjunge de si próprio para comentar aquilo que enuncia. No entanto, subjacente à inclusão desse comentário percebe-se determinada orientação argumentativa que se coaduna com o juízo que o órgão jornalístico faz do episódio em si. Em (47), encontra-se um comentário que revela explicitamente tal posição. Afirmar para o círculo de amigos mais íntimo que, se convocado a depor, contará tudo o que sabe sobre o caso constitui, segundo a avaliação do órgão, uma *ameaça que causa arrepios no governo*. Como se pode notar, no tratamento da questão em pauta deu-se maior ênfase ao papel do secretário do que ao próprio depoimento da ministra. Um depoimento que, diga-se de passagem, foi acompanhado de toda expectativa, mas que foi realmente tematizado na matéria da revista IstoÉ.

Voltemos, então, nossa atenção para a figura (13). Nela encontra-se a referida matéria e já na manchete – *Dilma, entre o fogo amigo e a ajuda da oposição* – nota-se um posicionamento enunciativo distinto. A leitura do texto é bastante esclarecedora quanto ao seu significado. Segundo afirma a matéria, o PT não precisa de adversários,

uma vez que eles se encontram entre os próprios membros a ele afiliados. Como se pode notar, trata-se de uma informação complementar que, na melhor das hipóteses, pretende denunciar não apenas o clima de revanchismo presente no atual governo entre partidos adversários como também o desencontro de informações dentro da base governista. Além disso, diante de tantas “trapalhadas”, resta ao público a sensação de desamparo, de abandono por parte de nossos representantes no exercício do cargo que lhes foi confiado. Essa sensação, o órgão jornalístico responsável pela divulgação da matéria soube provocar muito bem.

A Semana

BRASIL

DILMA, ENTRE O FOGO AMIGO E A AJUDA DA OPOSIÇÃO



O PT não precisa de adversários. Basta o fogo amigo. Segundo perícia do Instituto de Tecnologia da Informação (ITI), quem vazou o dossiê de gastos do governo Fernando Henrique foi o secretário de Controle Interno da Casa Civil, José Aparecido Nunes Ferreira, militante histórico do partido, nomeado para o cargo pelo ex-ministro José Dirceu. Um e-mail com os dados em planilha Excel foi enviado por José Aparecido no dia 20 de fevereiro a André Fernandes, assessor do senador Álvaro Dias, (PMDB-PR). O senador confirmou. Depois de confrontado com a conclusão da perícia, admitiu que os dados foram parar nas mãos do funcionário de seu gabinete.

Álvaro Dias se saiu mal no episódio. Ele chegou a afirmar que o governo pretendia usar as informações do dossiê para chantagear a oposição na CPI dos Cartões Corporativos. **Sabe-se agora que quem fez mau uso do dossiê foi o próprio senador, ao dar publicidade às informações que vazaram da Casa Civil.** Na sexta-feira 9, enquanto a ministra Dilma Rousseff esperava que José Aparecido pedisse afastamento do cargo, o ex-ministro José Dirceu, em seu blog, elogiou o amigo, chamando-o de “profissional

competente, sério e correto”. Mas, ao mesmo tempo, fez questão de lavar as mãos: “José Aparecido não é nem meu aliado, nem meu ex-assessor e nem ‘homem de Dirceu’”. Apesar da defesa, é inevitável concluir que o alvo do vazamento foi mesmo a candidatura de Dilma.

A sorte da ministra é que a oposição só faz trapalhadas, como a que aconteceu na audiência da Comissão de Infra-Estrutura do Senado, realizada na quarta-feira 7. Estava tudo armado para o PSDB e o DEM encostarem Dilma na parede, cobrando-lhe explicações sobre o dossiê. Antes do início do debate, porém, o senador José Agripino (DEM-RN) fez uma intervenção desastrosa. Ele sugeriu que a ministra, por ter mentido sob tortura na prisão durante a ditadura militar, estaria mentindo de novo sobre o dossiê. Dilma rebateu emocionada: “Eu me orgulho de ter mentido. Na tortura, quem tem coragem e dignidade fala a mentira”. E deu uma estocada em Agripino: **“Eu acredito, senador, que nós estávamos em momentos diversos de nossas vidas em 70. Combati a ditadura militar e disso eu tenho imenso orgulho.”** A sessão prosseguiu por mais nove horas. Mas poderia ter terminado ali.



MÃOS SUJAS
Álvaro Dias (à esq.) reconheceu ter recebido o “dossiê” de Aparecido



REPUBLICAÇÃO

Figura 13 (IstoÉ, 14/05/08, p.20)

Em (48), temos um excerto que faz parte da matéria publicada pela revista IstoÉ acerca do depoimento da ministra Dilma Rousseff à Comissão de Infra-Estrutura do Senado. Vejamos:

(48) *Dilma rebateu emocionada*: “Eu me orgulho de ter mentido. Na tortura, quem tem coragem e dignidade fala a mentira”. *E deu uma estocada em Agripino*: “Eu acredito, senador, que nós estávamos em momentos diversos de nossas vidas em 70. Combati a ditadura militar e disso eu tenho imenso orgulho.” *A sessão prosseguiu por mais nove horas. Mas poderia ter terminado ali.* (IstoÉ, 14/05/08, p.20)

Ao relatar esse depoimento, é possível entrever pelas escolhas lexicais – *rebateu emocionada* e *deu uma estocada* – a sua avaliação de que a defesa fora estrategicamente planejada de forma a apelar, logo de início, para o passado nobre da depoente que havia sido militante contrária à ditadura militar, de maneira a se fortalecer a imagem de seu caráter ilibado. A idéia de que, segundo a avaliação do jornalista, toda a cena havia sido previamente forjada se confirma, a nosso ver, com a declaração final de que *a sessão prosseguiu por mais nove horas,mas poderia ter terminado ali.*

4.5 - Considerações acerca da configuração lingüístico-discursiva do sensacionalismo

Em Oliveira (2003) vimos que, contrariamente ao que dá a entender a linearidade instituída na materialidade dos enunciados, o processo da leitura não é algo linear, mas multidimensional, conforme se pode perceber pela complexa articulação dos mecanismos envolvidos na produção de sentido. Esses mecanismos ultrapassam o nível do enunciado e situam-se numa perspectiva enunciativa que considera o conjunto de significados nos quais se organizam os textos. Entende-se como elementos constitutivos desse conjunto o estabelecimento da relação locutor/alocutário e das circunstâncias /ações a eles relacionadas, a finalidade a que esses textos se destinam e o suporte no qual eles se manifestam. Tais elementos configuram os jogos de significação que irão determinar a estrutura do “contrato de comunicação”, na perspectiva de Charaudeau (1983/2001), e

são determinantes na seleção de estratégias lingüístico-discursivas agenciadas na representação dos textos noticiosos.

Na estruturação de um “contrato de comunicação”, a relação *eu/tu (En/Ea)* constitui o sistema de referências pessoais necessário a que os falantes se apropriem da língua e a atualizem pelo ato de linguagem. Esse sistema de referências indicia-se no processamento discursivo cuja implementação implica a criação de uma instância enunciativa, conforme denominação de Benveniste (1989), e equivale ao espaço-base de Fauconnier, ao qual podem se encaixar hierarquicamente outras instâncias/espços.

Ainda conforme trabalho anterior (OLIVEIRA, 2003) fundamentado em Fauconnier & Turner (2002), o espaço-base é o espaço que permite a integração de, no mínimo, dois espaços INPUTs e, por meio de projeções oriundas desses espaços, articula-se de forma inconsciente o espaço-mescla ou espaço OUTPUT a que os autores denominam de espaço integrado. É no interior dele que se articulam os espaços constituintes do processamento discursivo. Esses espaços se configuram como mecanismos de “*linkagem*” responsáveis pela integração de espaços discursivos, o que confirma a tese de que é na articulação desses espaços que se situam, dentre outros processos, os de modalização aqui estudados e, conseqüentemente, a construção dinâmica do sentido. A esse respeito, Teixeira (2007, p.93) assim se manifesta:

Os significados são produtos resultantes das mesclas efetivadas pela operação de integração conceptual, simples ou complexas e não são previsíveis apenas a partir das formas lingüísticas usadas para evocá-los. Pois as formas lingüísticas nos dirigem nos esquemas de projeção de espaços mentais, mas não nos dizem com qual projeção nossa mente deve operar. Por isso entende-se que construção do significado envolve, além das formas lingüísticas, as molduras¹¹, as topologias¹², o conhecimento geral, o contexto, as relações vitais e, principalmente, o processo de mesclagem (TEIXEIRA, 2007, p. 93).

No caso dos textos noticiosos aqui estudados, sabemos que fazem parte de um conjunto de fatos sociais, criados e constituídos a partir de necessidades discursivas

¹¹ Chamamos aqui de molduras aos “*frames* da interação: identidades, papéis sociais, agenda de encontros, alinhamento que permitam a identificação que está sendo posta em movimento na interação. Uma moldura organizada fornece uma topologia para o espaço que organiza, fornece um conjunto de relações organizadas entre os elementos de espaço”. (cf. TEIXEIRA, 2007, p. 93-94)

¹² “Para qualquer espaço *input* e qualquer elemento naquele espaço projetado à mescla, é ideal para as relações do elemento na mescla corresponderem às relações de sua contraparte.” (cf. AZEVEDO, 2006, p.44)

específicas, inerentes ao homem em seu processo de interação consigo próprio, com o outro e com o meio. As estratégias lingüístico-discursivas ativadas na representação de textos noticiosos configuram-se como possibilidades de representação do gênero de forma a, dentre outras possibilidades, manipular as sensações no leitor, interferindo, assim, na construção da referência/ sentido. Tais estratégias estão subordinadas a uma intencionalidade e, ainda que esse processo se efetive de maneira inconsciente, os recursos lingüístico-discursivos aqui descritos como modalizadores no processamento discursivo fornecem pistas suficientes para a recomposição desses processos mentais, visto que, ao serem ativados, toda uma rede de representações mentais anteriormente adquiridas desencadeia outras no instante da enunciação, num processo de constante interação.

Para desenvolver a análise a que nos propusemos, baseamo-nos em dois pressupostos básicos: i) os recursos léxico-sintático-discursivos agenciados na constituição de qualquer texto operam de maneira articulada e ii) é no interior do espaço integrado que se constituem e se articulam espaços discursivos nos quais se situam os processos de modalização. Portanto, analisar a constituição de operações estratégicas de modalização de forma isolada comprometeria nossa proposta de trabalho. Dessa maneira, até aqui nos detivemos na análise dos textos como um todo e nos recursos que ora se fizeram presentes. No entanto, ao assumirmos o sensacionalismo do ponto de vista dos estudos lingüísticos, faz-se necessária uma descrição mais precisa de tais estratégias e dos recursos acionados tendo em vista a obtenção desse efeito de sentido. Tomando como base algumas das características apresentadas na seção 3.4 e que foram reunidas por Enne (2007, p. 2-3) para caracterizar o fenômeno do sensacionalismo em textos noticiosos, organizaremos tais recursos em dois grupos, a saber: estratégias lingüístico-discursivas de representação dos conteúdos temáticos e estratégias editoriais lingüístico-discursivas de diagramação dos textos.

Fazem parte do primeiro grupo os recursos expressivos acionados na representação textual de seu conteúdo temático e envolvem o agenciamento de processos semântico-pragmáticos e formais a fim de estabelecer uma integração efetiva entre a dimensão temática e a dimensão estilística do texto de forma a explorar determinadas sensações no leitor. Fazem parte desse grupo:

- 1- A seleção e descrição de fatos, ações, atitudes, dentre outros, que envolvem também suposições advindas do julgamento feito pelo próprio autor acerca dessas atitudes/ações como forma de ancoragem do posicionamento enunciativo do jornalista;
- 2- A hierarquização desses fatos no texto por meio da qual muitas vezes se percebe um apelo a informações secundárias em relação ao fato principal como forma de conferir maior credibilidade ao posicionamento assumido por quem redige o texto;
- 3- Comentários irônicos do jornalista/redator ou de personagens reportados pela notícia durante a construção da narrativa e que se materializam linguisticamente por intermédio dos mais variados recursos: escolhas lexicais, uso de sinais gráficos tais como aspas, parênteses, negritos, reticências, dentre outros;
- 4- Marcas de coloquialidade como forma de se estabelecer maior proximidade e até cumplicidade quanto às diversas avaliações que podem ser formuladas a partir da representação conferida aos fatos noticiados;
- 5- Mesclagem de declarações provenientes de pessoas reportadas pela notícia à voz de quem se responsabiliza pela redação do texto em função da defesa do posicionamento assumido por este.

Quanto ao segundo grupo, fazem parte dele os recursos expressivos que remetem à encenação resultante do jogo de imagens estabelecidas entre os interlocutores, da referenciação de situação, lugar e circunstâncias de modo geral, das relações que se encadeiam no momento da enunciação e que podem contribuir para a construção de sentido. São eles:

- 1- Utilização de manchetes impressas em fonte maior e/ou com cores impactantes em relação ao pano de fundo do texto, materializadas linguisticamente por expressões que muitas vezes denotam claro apelo à exploração emocional do público leitor;
- 2- Presença de ilustrações/fotos com detalhes do conteúdo da notícia de forma a suscitar/reforçar a manipulação de sentimentos;

- 3- Uso de recursos gráficos tais como negrito como uma tentativa de chamar a atenção do leitor para algo a que se atribui certo grau de importância no texto.

A partir da análise dos oito textos noticiosos que compõem o *corpus* em estudo neste trabalho, foi possível constatar, ainda que numa pequena amostragem, como operações estratégicas de modalização podem ser agenciadas visando a gerar o efeito patêmico de sensacionalismo. Os recursos lingüístico-discursivos utilizados para tal fim representam o trabalho de um jornalista que de forma intencional, consciente ou não, é motivado a fazer certas escolhas em decorrência do perfil editorial de um órgão jornalístico a fim de produzir determinados efeitos de sentido. Tais escolhas não se dão de maneira aleatória. Conforme já afirmamos anteriormente, o fascínio pelo extraordinário é um traço inerente à ontogênese humana e, em função disso, projeta-se um perfil de leitor de modo a estabelecer com ele essa relação patêmica. Além disso, também foi possível ratificar a idéia de que esse fascínio pelo extraordinário não se materializa apenas em textos noticiosos veiculados por uma imprensa de baixo nível que dá ênfase a toda sorte de bizarrices. Em vez disso, os textos aqui analisados circulam por todas as classes sociais em veículos de comunicação bastante prestigiados, sem que haja qualquer tipo de preconceito quanto à presença desses traços sensacionalistas.

Como os troianos, nós, no século vinte e um, temos percebido que os milagres da forma utilizam os poderes inconscientes e geralmente invisíveis dos seres humanos para construir significado. A forma é a armadura, mas seu significado é Aquiles que torna assim tão formidável. A forma não apresenta significado, mas, em lugar disso, seleciona regularidades através das quais ele é produzido. A forma conduz ao significado e deve estar adequada a essa tarefa assim como a armadura de Aquiles teve que ser feita para seu tamanho e habilidades. Contudo ter a armadura não é ter Aquiles, ter a forma – e ter as transformações intrincadas das formas (todos aqueles 1s e 0s – é nunca ter o significado para o qual a forma foi construída. (tradução nossa)

(Fauconnier & Turner, 2002, p.5)¹³

¹³ Like the Trojans, we in the twenty-first century have come to realize that the miracles of form harness the unconscious and usually invisible powers of human beings to construct meaning. Form is the armor, but meaning is Achilles that makes the armor so formidable. Form not present meaning but instead picks out regularities that run throughout meanings. Form prompts meaning and must be suited to its task, just as the armor of Achilles had to made to his size and abilities. But having the armor is never having Achilles; having the form – and indeed even the intricate transformations of forms (al those 1s and 0s) – is never having the meaning to which the form has been suited.

5

CONCLUSÃO

Neste trabalho, a partir da concepção assumida por Morin (1996) de sujeito auto-eco-organizador, produtor e produto, constituinte e constitutivo de seu próprio processo de existência, procurou-se descrever a configuração do processamento discursivo estabelecendo-se uma relação entre a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002), a construção da relação entre enunciador e enunciatário postulada por Benveniste (1989) e a construção do contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2001) a partir do qual enunciadores e enunciatários tornam-se atores na encenação de um mundo discursivo, com a finalidade precípua de garantirem, por meio de um processo evolutivo contínuo e adaptativo, a sobrevivência em seu meio. Dentro dessa perspectiva de trabalho, a linguagem é assumida como atividade constitutivamente dialógica que permite a construção de imagens e de convicções presumidas pelo locutor, seja de si mesmo ou do alocutário e, de modo reflexivo, o mesmo ocorre com este.

Num primeiro momento, pretendeu-se discutir questões ligadas à cognição humana e ao importante papel reservado para a linguagem na constituição e representação das experiências humanas, cotejando-se algumas abordagens tradicionais a outras mais contemporâneas à luz de teorias da Linguística Cognitiva. Dessas teorias, a que mereceu maior destaque na composição do quadro teórico utilizado para a análise dos dados coletados foi a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002) cujos pressupostos constituem uma reformulação da Teoria dos Espaços Mentais, proposta anteriormente por Fauconnier e o grupo de colaboradores que se dedica a pesquisas nesse campo. Segundo essa teoria, através dos processos mentais de mesclagem, redes de significado conceitual bastante amplas permanecem conectadas a outras redes, organizando recursivamente a rede de conhecimentos de que o homem dispõe para isso. Num processo autopoietico, esses conhecimentos emergem a partir de um *background* (o *fundo*, conforme postulados da Gestalt vistos no capítulo 2 que se constitui a partir da emergência da *figura*, num processo de total simbiose) não em forma

de uma simples coleção serialmente disposta, na forma de componentes separados, mas em forma de rede da qual emergirão novas formas de conhecimento. Assim, em vez de adquirir o conhecimento de forma passiva, como herança de uma cultura de povos antepassados, por exemplo, o ser humano constrói seu conhecimento de forma ativa e exploratória.

Ainda no interior do quadro construído acerca da cognição humana, apresentaram-se questões relativas à memória por estarem na base do reconhecimento dos gêneros de modo geral – aspecto relevante neste trabalho de pesquisa que foi discutido de forma mais objetiva no capítulo 3, quando se ajustou o foco para o âmbito de textos noticiosos – e por estarem implícitas tanto nos trabalhos desenvolvidos por Bakhtin (1953/1979) quanto de van Dijk (1977, 1978), Adam (1987, 1992), Bronckart (1987, 1998, 1999) e Bonini (2002), ainda que cada um o faça a seu modo. Sendo assim, avaliou-se que as três categorias propostas por Bakhtin – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional –, a partir das quais se configuram, em princípio, os gêneros, têm como base a memória. O mesmo ocorre com a noção de superestrutura de van Dijk, com a descrição das seqüências textuais de Adam e da infra-estrutura geral do texto, além dos trabalhos realizados por Bonini acerca de textos noticiosos. Todos eles pressupõem a ativação de informações organizadas nesse campo da mente humana, embora isso não seja o bastante para se estabelecer um modelo teórico consistente, capaz de determinar parâmetros de regularidades que permitam uma caracterização adequada dos gêneros. Diante da impossibilidade de se estabelecerem critérios mais rigorosos no tratamento deste assunto, defendeu-se neste trabalho uma gradiência deles, conforme propõe Mendes (2004, p.124), de forma que certos conteúdos temáticos, por exemplo, se configurem como mais ou menos típicos de certos gêneros, mas não exclusivos deles.

Além disso, também no bojo de nossa memória estruturam-se relações contratuais nas instâncias de produção e recepção de textos noticiosos que foram tematizadas no capítulo 4. Tais relações estão sujeitas a padrões comportamentais e culturais de nossa sociedade que apelam para um inconsciente coletivo repleto de valores, de desejos, de sensações e de expectativas que tornam as pessoas fascinadas pelo extraordinário, pelo grotesco, por tudo aquilo que foge à normalidade. Cientes dessa característica inerente à condição humana, jornais e revistas tornam-se palco onde se materializam estratégias

lingüístico-discursivas por meio das quais se viabiliza essa função catártica do discurso sensacionalista, vinculado a nossas emoções mais primárias (medo, paixão, ira, amor, dentre outras). Dessa forma, concebe-se o gênero notícia não como um modelo idealizado de prática discursiva que representa o mundo de forma espelhada, mas como prática social que reconstrói esse mundo segundo um conjunto de crenças e desejos, objetivando atingir determinados fins sociais e mercadológicos.

As estratégias lingüístico-discursivas utilizadas na composição da cena enunciativa e que foram elencadas no capítulo anterior recebem a classificação de modalizadoras. Elas pertencem, conforme vimos afirmando, a um conjunto de mecanismos enunciativos que contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou de outro aspecto do “conteúdo” referenciado e, do outro, as próprias fontes dessas avaliações, ou seja, quem, no processamento discursivo, as assume ou por elas se responsabiliza. Importa ainda lembrar que a escolha dessas estratégias é regulada por estados mentais dotados de intencionalidade, conforme atesta Searle (1995) e que as formas de representação de mundo são o resultado de uma mescla entre as propriedades situacionais e as propriedades mentais que passam necessariamente pela linguagem. Em função disso, podemos considerar o fenômeno da modalização inserido num conjunto maior de estratégias ditas argumentativas que, por sua vez, estão subordinadas às formações ideológicas veiculadas pelas formações discursivas.

Na composição da cena enunciativa, consideramos, nos processos da interlocução, que tipos de enunciadores e enunciatários estão se construindo, bem como se efetiva a relação estabelecida entre eles. Ao se pensar na notícia como uma prática discursiva criada para ser consumida, torna-se necessário atentar para os processos de produção, circulação e consumo que a tornam um texto para ser lido por alguém. Dessa forma, a dimensão da matéria veiculada, sua posição na página, na seção ou no próprio suporte, a foto ou ilustração que a acompanha, os limites da abordagem, o enfoque dado pela manchete ou até pelo sumário, as fontes ouvidas fazem parte de um conjunto de manobras estrategicamente executadas por quem se responsabiliza pelo processo de produção de um bem. Ao se hipotetizarem essas variáveis, a seleção de estratégias

lingüístico-discursivas na composição da cena enunciativa já se configura em termos de estratégias argumentativas ativadas para orientar a construção do sentido.

Tudo isso se articula, sem dúvida, à tríade proposta por Aristóteles – o *ethos*, o *pathos* e o *logos* – em seu Tratado de Argumentação, conforme já se afirmou anteriormente. Diante de um contrato de comunicação que se traduz pelo gênero notícia, analisou-se neste trabalho a configuração estratégica de recursos lingüísticos-discursivos capazes de interferir na construção do *logos*. Tais recursos ratificam a idéia de que o ato de argumentar é, de fato, o ato lingüístico fundamental, pois contribuem efetivamente para se demonstrar ou tentar demonstrar algo (construção da referência). Contudo, sua escolha não se dá ao acaso, pois estão subordinados ao enquadre que emoldura o discurso que envolve, necessariamente, uma empatia, um sentimento de confiança entre o público consumidor (*pathos*) e uma imagem de credibilidade, de um jornalismo pretensamente pautado pela imparcialidade (*ethos*). Sendo assim as operações estratégicas de modalização da notícia aqui analisadas visam a gerar esse efeito patêmico a que denominamos de sensacionalismo.

Por fim, a efetivação de operações de criação e integração de espaços mentais/referenciais¹⁴ no processamento discursivo constituem-se, segundo nossa hipótese de trabalho, como estratégias modalizadoras processadas a partir da ativação de conhecimentos já estruturados. Todavia, é necessário observar que elas não se atualizam na materialidade do texto como constructos linearmente ordenados, em conjuntos de enunciados dispostos linear e seqüencialmente organizados. Em lugar disso, todo esse processo se efetiva de modo hipertextual.

¹⁴ Na perspectiva de Fauconnier e Turner (2002), ao tratarmos da produção de sentidos pela mente humana, à luz da Teoria da Integração Conceptual, podemos remeter tanto a Espaços Mentais como a Espaços Referenciais. Há uma sutil diferença entre eles. Todos os espaços de referência (referenciais) são espaços mentais, mas nem todos os espaços mentais são espaços de referência, espaços constituídos no processamento discursivo. Em linhas gerais, os espaços mentais remetem a uma noção mais ampla do que aquela a que remetem os espaços referenciais. Neste trabalho, não se explicitaram melhor esses pormenores por se entender que estão além do escopo desta proposta.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. -M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.
- ADERALDO, Ana Carolina de Andrade. **“Nem te conto...”:** da configuração textual da fofoca como gênero na imprensa escrita brasileira. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. SP: Contexto, 2005.
- ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e Arte poética**. São Paulo: Clássicos Garnier, 1959.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução Cláudia R. Castellanos Pfeiffer *et alii*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: Faculdade de letras da UFMG, 2006.249p.
- BAKHTIN, M. (1953/1979) *Os gêneros do discurso*. In M. Bakhtin (1979) **Estética da Criação Verbal**, pp. 277-326. SP: Martins Fontes, 1992.
- BARROS, Luís Feri. **O sensacionalismo da imprensa na cobertura de crimes de natureza psicopatológica e suas conseqüências**. In: Revista do Centro de Estudos Judiciários, Brasília, n^o 20, p. 23-39, jan./mar. 2003. Disponível em www.cjf.jus.br/revista/numero20/artigo4.pdf . Acessado em 18 de junho de 2008.
- BENVENISTE, Émile. *O aparelho formal da enunciação*. In : **Problemas de Lingüística Geral II**, Campinas, SP : Pontes, 1989.
- BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos**. Florianópolis: Insular, 2002. 240 p.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Interactions, discours, significations**. Langue française, n.74, 1987, p. 29-50.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Teorias da ação, da fala, da linguagem natural e do discurso*. In: WERTSCH, J. V., DEL RIO, Pablo e ALVAREZ, Amélia. **Estudos socioculturais da mente**. Trad.: Maria da Graça Gomes Paiva e André Rossano Teixeira Camargo. Porto Alegre: ArtMed,1998.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem , textos e discursos : por um Interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC,1999.

BRONZATO, Lucilene Hotz. *Interdição e construções gramaticais*. In: **Caderno de resumos e apresentações do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística**. UFMG, 2007, p. 652-653.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Português falado e ensino da gramática. Letras de hoje**. Porto Alegre: EDIPUCRS v.25, nº1,1990.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.).**Gramática do Português Falado - Vol. III: As abordagens**. São Paulo: Unicamp/FAPESP, 1992.

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

CHARAUDEAU, P. **Langage et Discours**. Paris, Hachette, 1983.

CHARAUDEAU, P. *Uma teoria dos sujeitos da linguagem*. MARI, H., et alii. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

COSTA VAL, Maria da Graça. **A interação lingüística como objeto de ensino-aprendizagem da língua portuguesa**. In: *Educação em Revista*, nº 16. Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG , dez.1992, p. 23-30.

DUBOIS, Jean *et alli*. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

DASCAL, Marcelo (org.). **Pragmática – Problemas, Críticas, Perspectivas da Lingüística** . Campinas, SP:I.E.L., 1982.

DUARTE, Maurício. **Cidadania Obstruída. Jornais cariocas e a construção discursiva da violência no Rio**. Tese de Doutorado em Comunicação, ECO/UFRJ, 2003.

ENNE, Ana Lucia S. **A Imprensa e a Baixada Fluminense: imaginário da Baixada na mídia**. Texto apresentado em palestra na Biblioteca Comunitária Oscar Romero em Mesquita/RJ, nov./03. Disponível em < www.sobretudo.org.br/estudo/7.doc> Acesso em 18 de junho de 2008.

ENNE, Ana Lúcia e DINIZ, Betina. **Reportagem policial na imprensa carioca dos anos 80: o caso Mão Branca e a mitificação da violência na periferia**. In: III Encontro da Rede Alfredo de Carvalho, 2005, Novo Hamburgo - RS. CD-rom, 2005. Disponível em < www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/jornal/analuciaenne_betinapepediniz.doc > Acesso em 18 de junho de 2008.

ENNE, Ana Lúcia. **O sensacionalismo como processo cultural**. In: XVI Encontro de Compôs, UTP, Curitiba. Junho de 2007. Cd-rom, 2007. Disponível em < www.compos.org.br/data/biblioteca> Acesso em 18 de junho de 2008.

FAUCONNIER, Gilles. **Espaces mentaux**: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles. Paris: Les Editions de Minuit, 1984.

FAUCONNIER, Gilles e SWEETSER, Eve. **Spaces, worlds and grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles, TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, Charles J. *Frame semantics*. In: **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul, South Korea: Hanshin Publishing Co, 1982. p. 111-137

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça . *Referenciação e orientação argumentativa*. In: KOCH, Ingedore ; MORATO, Edwiges & BENTES, Anna Cristina (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. 1: Theoretical Perspectives. Stanford, CA: Stanford University Press, 1986.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Educ, 2002. (Coleção As Faces da Linguística Aplicada).

LOPES, Maria Ângela P. Teixeira. **O processamento dêitico na constituição da polifonia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 1998. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. **O jornalismo na Teoria dos Discursos Sociais**. In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005, Novo Hamburgo - RS. CD-rom, 2005. Disponível em < www. > Acesso em 19 de julho de 2008.

MACHADO, Ida Lúcia. *Breves considerações sobre índices de modalização e práticas de leitura*. In: **Caligrama**, Belo Horizonte, nº 6, julho 2001, p.63-77.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONDES FILHO, C.. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.188 p.

MARCUSCHI, Luiz A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Antônio *et. al.* (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz . *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: KARWOSKI, Acir Mário, GAYDECZKA, Beatriz, SIEBENEICHER, Karim (orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 2ªed. 192p.

MARI, Hugo. *Atos de fala: notas sobre origem, fundamentos e estrutura*. In: MARI, Hugo MACHADO, Ida M e MELLO, Renato de (organizadores). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 93-131

MATEUS, Maria Helena et.al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra, Almedina, 1983.

MEDRADO, Betânia Passos. **Espelho, espelho meu: um estudo sociocognitivo sobre a conceptualização do fazer pedagógico em narrativas de professoras**. 2006. Tese de doutorado. UFPE. 308 p. Disponível em <www.ufpe.br/pgletras/arquivo-digital-linguistica> Acesso em 21 de janeiro de 2008.

MELLO, Heliana e SILVA, Thaís Cristófaró (orgs.). **Caderno de resumos e apresentações do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística**. UFMG, 2007.

MENDES, Paulo H.A. *Os gêneros discursivos em debate: análise de uma crônica de L.F. Veríssimo*. In.: MACHADO, Ida M e MELLO, Renato de (organizadores). **Gêneros: reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004, p. 119-140.

MENEZES, Willian Augusto. *Faces e usos da argumentação*. In: MARI, Hugo MACHADO, Ida M e MELLO, Renato de (organizadores). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p. 179-199.

MIRANDA, Neusa Salim. *Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais*. In: **Veredas: revista de estudos lingüísticos**. Juiz de Fora, vol. 3 - n 1, 1999, p.81 - 95.

MORIN, Edgar. "A noção de sujeito". In: SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: ArtMed, 1996, p. 45-58

MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**; trad. Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1999, 288 p.

MORIN, Edgar. **O pensamento ecologizado**. Disponível em < institutofuturista.blogspot.com/2006/07/palavras-de-edgar-morin > Acesso em 21 de janeiro de 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A modalidade*. In: KOCH, Ingedore (org.) . **Gramática do Português Falado**, Vol. VI, Campinas – FAPES/ Editora da Unicamp,1996.

OLIVEIRA, Maria Regina de Carvalho Caseiro. **A modalização de Instâncias enunciativas**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

OLIVEIRA, Maria Regina de C. Caseiro e TEIXEIRA, Renata Amaral. *A argumentatividade e a construção da significação como processo de integração conceptual*. **Revista do GEL** nº4, 2007, p. 83-103.

PENNA, Antônio Gomes . **Introdução à psicologia cognitiva**. 2ª ed. ampliada. São Paulo: EPU, 1999. 127p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema de bibliotecas. **Padrão PUC Minas de normalização**: normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos, teses, dissertações e monografias. Belo Horizonte, 2007. Disponível em < <http://www.pucminas.br/biblioteca>> Acesso em 23 de janeiro de 2008.

ROJO, Roxane. *Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões retóricas e aplicadas*. In. MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo; Parábola Editorial, 2005. cap.9, p. 184-207.

SALOMÃO, Maria Margarida. *Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sócio-cognitivo da referência*. In: KOCH, I. V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes. Traduzido por Júlio Fischer e Tomás Rosa Bueno, 1995.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mentes e máquinas: uma introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TEIXEIRA, Renata Amaral. **Contrafactualidade e configuração de estratégias argumentativas em discursos políticos**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2007. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 342p.

VAN DIJK, T. A. **La ciencia del texto: um enfoque interdisciplinario**. Barcelona/Buenos Aires : Ediciones Paidós, 1978.

VAN DIJK, T. A. **La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.284 p.

VIEIRA, Mauricéia Silva de Paula. **A contrafactualidade e a integração de Espaços Referenciais na instauração da polifonia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

VOLOCHINOV, V. N. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. SP : Hucitec, 2ª edição.1981.

ANEXOS

EMPRESÁRIA TORTURAVA MENINA EM GOIÂNIA

Foi uma denúncia anônima que levou a polícia ao apartamento da empresária Sílvia Calabrese Lima (à dir.), numa região nobre de Goiânia. Ao entrar na cobertura, viu-se o grau máximo de perversão e desumildade: **uma garota de 12 anos, mãos e pés acorrentados, com feridas e cicatrizes por todo o corpo, inclusive na língua.** A menina, adotada irregularmente, morava com Sílvia desde 2006. A sua mãe biológica, Joana Darc da Silva, ex-empregada da casa, acreditava que a filha teria educação e oportunidades com a empresária — mas o que a garota recebeu foi trabalho forçado e tortura: “Ela me atagava, apertava a minha língua com alicate, me enfiava com fio”. Sílvia foi presa e indiciada por tortura e cárcere privado, juntamente com a babá Vanice Novais. **A polícia também quer descobrir se Joana Darc recebeu dinheiro para deixar a filha com a empresária.**



BARBÁRIE Garota mostra marcas da severa felação pela empresária Sílvia



WYNDY DEKORING/WALLGUM BOLO

COLEÇÃO DE PERVERSÕES
A empresária Sílvia Calabrese Lima já foi condenada por maus-tratos contra uma outra menina, de cinco anos (hoje tem 11 e ainda apresenta sequelas). A sua pena foi doar cestas básicas.

Também uma mulher que hoje tem 28 anos disse à polícia que foi torturada quando trabalhava, aos 15 anos, na casa da empresária.



“Agora quero ser feliz com o meu pai. É ter minha bicicleta”

Da garota torturada por Sílvia, ao abraçar o pai

A MÃO QUE BALANÇA O BERÇO Pesquisa da empresa Redo Kaagurub, uma das maiores agências do País para contratação de babás: 15% têm antecedentes criminais e 28% mentiram suas referências na contratação.

Especial

UMA ESCORREGADA FENOMENAL

Em sua carreira, Ronaldo sempre foi capaz de dar a volta por cima. Será que, aos 31 anos, ele conseguirá superar o dano causado pelo escândalo com três vestis?

Em seu quarto, Ronaldo sempre foi capaz de dar a volta por cima. Será que, aos 31 anos, ele conseguirá superar o dano causado pelo escândalo com três vestis?

Da esquerda para a direita: Ronaldo em um momento de concentração durante a partida contra o Corinthians em 2005; Ronaldo em um momento de concentração durante a partida contra o Corinthians em 2005; Ronaldo em um momento de concentração durante a partida contra o Corinthians em 2005.

Ronaldo Farago



132 7 de maio, 2008 veja

veja 7 de maio, 2008 133

Reportagem da revista Veja, 07/05/08, p. 132-133

de-destacado, Ronaldo foi considerado o rei da carreira, embora, sim, tenha de que se falar em "sofisticada" Diogo e Cláudio. Se não fosse por eles, não teria sido possível a carreira de Ronaldo. Acredita-se que Ronaldo tenha sido o primeiro jogador a fazer uma carreira de sucesso, o primeiro a fazer uma carreira de sucesso, o primeiro a fazer uma carreira de sucesso...



PHILIPPO RICCIARDI
Lara Ribeiro
 Lara Ribeiro nasceu em 1979, em São Paulo, e se tornou uma das principais atrizes do cinema brasileiro. Ela é conhecida por seus papéis em filmes como 'O Homem de Ferro' e 'O Homem de Aço'.

RONALDO, FESTIVAL
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

Novella
Ronaldo
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

PIOR, IMPOSSÍVEL
 Mas mesmo assim, Ronaldo foi considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

de-destacado, Ronaldo foi considerado o rei da carreira, embora, sim, tenha de que se falar em "sofisticada" Diogo e Cláudio. Se não fosse por eles, não teria sido possível a carreira de Ronaldo. Acredita-se que Ronaldo tenha sido o primeiro jogador a fazer uma carreira de sucesso, o primeiro a fazer uma carreira de sucesso...

PHILIPPO RICCIARDI
Lara Ribeiro
 Lara Ribeiro nasceu em 1979, em São Paulo, e se tornou uma das principais atrizes do cinema brasileiro. Ela é conhecida por seus papéis em filmes como 'O Homem de Ferro' e 'O Homem de Aço'.

RONALDO, FESTIVAL
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

Novella
Ronaldo
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

PIOR, IMPOSSÍVEL
 Mas mesmo assim, Ronaldo foi considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

de-destacado, Ronaldo foi considerado o rei da carreira, embora, sim, tenha de que se falar em "sofisticada" Diogo e Cláudio. Se não fosse por eles, não teria sido possível a carreira de Ronaldo. Acredita-se que Ronaldo tenha sido o primeiro jogador a fazer uma carreira de sucesso, o primeiro a fazer uma carreira de sucesso...

PHILIPPO RICCIARDI
Lara Ribeiro
 Lara Ribeiro nasceu em 1979, em São Paulo, e se tornou uma das principais atrizes do cinema brasileiro. Ela é conhecida por seus papéis em filmes como 'O Homem de Ferro' e 'O Homem de Aço'.

RONALDO, FESTIVAL
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

Novella
Ronaldo
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

PIOR, IMPOSSÍVEL
 Mas mesmo assim, Ronaldo foi considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

199
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

198
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

197
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

196
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

195
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

194
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

193
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

192
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

191
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

190
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

189
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

188
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

187
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

186
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

185
 Ronaldo foi o jogador mais votado no ranking de melhores jogadores de todos os tempos. Ele é considerado o maior jogador brasileiro de todos os tempos.

EM 50 PERGUNTAS E RESPOSTAS, TUDO SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL

11 de maio de 2008

veja

138 7 de maio, 2008 veja

A ESCOLHA DE RONALDO

O "Fenômeno" podia ser um Pelé, mas de escândalo em escândalo sua imagem se desfaz como a de Maradona

Capa Veja, 07/05/08

INFLUENTE E COMPORTADO

Um brasileiro é eleito o "Sexo da Vejeira" em 2008. Quem? O ator brasileiro Thiago Lacerda. O prêmio é atribuído ao ator por sua atuação em "O Homem de Ferro".

... (text continues) ...



Maki e a namorada dele fazem parte de equipes elegidas...

... (text continues) ...

... (text continues) ...

... (text continues) ...

... (text continues) ...

O FENÔMENO e o TRAVESTI

O episódio que levou Ronaldo à delegacia deixa fãs intrigados: por que isso, craque?



RENATO GARCIA

Se fica difícil para entender a vitória do Flamengo sobre o Botafogo (1 a 0) no decisão do Campeonato Carioca, não para o jogador Ronaldo Luís Nazário de Lima, 35 anos, o lance que decidiu o jogo. O atacante terminou com golo do derrota. O craque foi parar numa delegacia da Rua da Separeda-fera 28, durante-se vitima

do Vitor Cavalcanti, que também estava no ônibus, conferiram o nome de Ronaldo. Eles disseram que viram Andréis entrar no carro de área para pegar seus documentos. Os depoimentos salvam o jogador final, mas não a imagem do jogador, que sempre foi apontado como exemplo.

O delegado Carlos Augusto Nogueira Filho abriu inquérito para identificar a delegacia por tentativa de coação e furto, coisas que não são crime quando o jogador está em campo. Andréis, quando viu que a situação estava se complicando, saiu da delegacia da delegacia, o que foi interpretado como fuga por policiais. Segundo o episódio, formado de um delegado que se descobriu que as roupas eram roubadas no site da rede. "Isso não é crime", afirmou. "A história que ouvi é que ele pegou R\$ 50 mil lá de lá, disse o delegado. Segundo o episódio, Ronaldo, designado para investigar a casa, identificou o crime e disse: 'isso não é crime, isso é roubo'. Então, ele acabou com a rede da rede. Tradicionalmente vinculo com a imprensa, dessa vez o juiz do jogador, Milton Nogueira de Lima, foi indicado no relatório. 'Não tenho o que comentar sobre esse caso'".

GOL CONTRA
O jogador disse que parou na delegacia para pegar seus documentos e se descobriu o crime quando estavam na saída do ônibus. "Não sei quem é a vítima."

de uma tentativa de coação do travesti Andréis Albertini, 21 anos - cujo nome verdadeiro é André Luís Ribeiro -, depois de um desmandamento entre ambos no hotel Papillon, no mesmo bairro. Andréis acabou o ataque do Miami de ter se recusado a pagar o programa sexual e de ter usado o programa sexual. Mas, foi o jogador Ronaldo Luís Nazário de Lima, 35 anos, o lance que decidiu o jogo. O atacante terminou com golo do derrota. O craque foi parar numa delegacia da Rua da Separeda-fera 28, durante-se vitima

Isso é que é genro, isso é que é sogra!

Até onde pode ir a generosidade do governador Cid Gomes com familiares



CID GOMES
O governador levou a mulher à Europa



PAULINE
A noiva da primeira-dama acorçou pelo filho

Ele escolheu uma ideia sugerida. Era segunda-feira 28, o "Dia da Sogra", quando o governador Cid Gomes (PSB) - que completou 45 anos no dia anterior - aderiu ao grande salão do Palácio Iracema para receber o copilar o recepção: para que carregou a água até a banheira para lavar o cabelo. Em seguida, quando um jornalista do empreendimento Luiz Azevedo de Foz de Iguaçu (LAF) para uma viagem ao exterior, ele foi acompanhado por um grupo de familiares e amigos. Ele foi acompanhado por um grupo de familiares e amigos. Ele foi acompanhado por um grupo de familiares e amigos.



LADOS DE FAMÍLIA Paulo, no casamento de sua filha Maira Célia, em 2006, com o então candidato ao governo Cid Gomes, em Juazeiro do Norte (CE)

na Assembleia Legislativa, formada por dois deputados, Heitor Fátima e Adilson Barreto (PM), pelo ao Tribunal de Justiça do Estado para checar os centos de outras viagens do governador. Em resposta à inexistência dos documentos, Cid mobilizou uma lista de 44 deputados para enfrentar a "CPI da Sogra". Mas, com informações sobre o viajante enviado para a família de Cid, duas vezes para o paraíso caribenho de São Martin.

Enquanto a procuradora geral de Justiça, Maria do Socorro, promete investigar o caso, o governador se recusou a dar mais explicações. E garante que cumprirá com as obrigações oficiais.

Cid Gomes insiste que seu procedimento não é ilegal. Os deputados da oposição dizem que o governo do Ceará precisa de informações sobre a agenda oficial em pelo menos dois países: Inglaterra e França. Em Edimburgo, a comitiva do governador ficou no sofisticado Hotel Roscoe Forte (Balmoral), o melhor da cidade, em um caso de planejamento por participações e toda uma legião de bilionários do planeta.

Ceará precisa de informações sobre a agenda oficial em pelo menos dois países: Inglaterra e França. Em Edimburgo, a comitiva do governador ficou no sofisticado Hotel Roscoe Forte (Balmoral), o melhor da cidade, em um caso de planejamento por participações e toda uma legião de bilionários do planeta. A viagem à Europa teria sido organizada por uma empresa de política em Istambul. A oposição em cobardia com um mulher em

Brasil

O HOMEM-BOMBA DO PALÁCIO DO PLANALTO

Apontado como vazador, assessor da Casa Civil ameaça revelar a identidade do autor do dossiê

“Se eu for convocado à CPI, conto tudo.”

José Aparecido de Moraes Pires, secretário de Controle Interno da Casa Civil

Alexandre Orlitzky

Depois de 17 meses de investigação, as versões oficiais, baseadas em registros do ministro Dilma Rousseff, sobre o vazamento de dados pessoais de VEJA, revelam um cenário complexo. O vazamento ocorreu em um momento de grandes pressões do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e de sua família (já citadas na Casa Civil) na Presidência da República e de Sérgio Cabral (já citado no Congresso Nacional). As investigações sobre o vazamento do dossiê não ainda não foram concluídas, mas o caso ganhou uma repercussão que pode ser decisiva para a classificação definitiva dessa última parte do episódio. De se chamar José Aparecido de Moraes Pires, 47 anos, antigo auxiliar administrativo da União, antigo militar da polícia, se deslata o ministro do governo Lula, e o-



PALÁCIO DO PLANALTO

fe do Secretário de Controle Interno da Casa Civil. Uma permissão de acesso de um sistema interno, o secretário estava suspeito de ter vazado o dossiê. Entretanto, imediatamente, chegou-se até a espalhar a versão de que José Aparecido seria também o autor do documento. Uma versão alternativa, feita por conta própria, vem o país do governo. José Aparecido nega, em público, todas as acusações. Mas não esquece dos amigos que, se for convocados a depor, contarão tudo que sabe sobre o caso. E ele sabe muito. Sabe quem fez o dossiê, sabe como foi feito, sabe com que objetivos e, principalmente, sabe o nome de quem fez a ordem.

O sargento de José Aparecido no caso ameaça o governo sobre várias situações. Em entrevista aos amigos, ele já confidenciou que a secretaria convocada da Casa Civil, Ricardo Guerra, teria direito de manter a Dilma Rousseff, seria

“A quem interessa esse vazamento?”

Ministro Dilma Rousseff, em depoimento à Comissão de Inquérito do Senado

A comissão de sindicância da Presidência encontrou o ex-gerente Fernando Henrique no computador da Casa Civil



RELACIONAMENTO DE SUPLENTE DE FÉREDO

NUM. INSC.	VOTO PRESELETO	LOCAL DE RESIDÊNCIA	PROFISSÃO	SEXO	DATA	VOTO	PARTIDO	USADO	RELAÇÃO DE FÉREDO
1000000001	1	ALAGOAS	PROFESSOR	M	11/08/47	1	PSDB	1108	1108
1000000002	2	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	2	PSDB	1108	1108
1000000003	3	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	3	PSDB	1108	1108
1000000004	4	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	4	PSDB	1108	1108
1000000005	5	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	5	PSDB	1108	1108
1000000006	6	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	6	PSDB	1108	1108
1000000007	7	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	7	PSDB	1108	1108
1000000008	8	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	8	PSDB	1108	1108
1000000009	9	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	9	PSDB	1108	1108
1000000010	10	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	10	PSDB	1108	1108
1000000011	11	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	11	PSDB	1108	1108
1000000012	12	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	12	PSDB	1108	1108
1000000013	13	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	13	PSDB	1108	1108
1000000014	14	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	14	PSDB	1108	1108
1000000015	15	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	15	PSDB	1108	1108
1000000016	16	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	16	PSDB	1108	1108
1000000017	17	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	17	PSDB	1108	1108
1000000018	18	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	18	PSDB	1108	1108
1000000019	19	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	19	PSDB	1108	1108
1000000020	20	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	20	PSDB	1108	1108
1000000021	21	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	21	PSDB	1108	1108
1000000022	22	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	22	PSDB	1108	1108
1000000023	23	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	23	PSDB	1108	1108
1000000024	24	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	24	PSDB	1108	1108
1000000025	25	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	25	PSDB	1108	1108
1000000026	26	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	26	PSDB	1108	1108
1000000027	27	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	27	PSDB	1108	1108
1000000028	28	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	28	PSDB	1108	1108
1000000029	29	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	29	PSDB	1108	1108
1000000030	30	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	30	PSDB	1108	1108
1000000031	31	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	31	PSDB	1108	1108
1000000032	32	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	32	PSDB	1108	1108
1000000033	33	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	33	PSDB	1108	1108
1000000034	34	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	34	PSDB	1108	1108
1000000035	35	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	35	PSDB	1108	1108
1000000036	36	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	36	PSDB	1108	1108
1000000037	37	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	37	PSDB	1108	1108
1000000038	38	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	38	PSDB	1108	1108
1000000039	39	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	39	PSDB	1108	1108
1000000040	40	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	40	PSDB	1108	1108
1000000041	41	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	41	PSDB	1108	1108
1000000042	42	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	42	PSDB	1108	1108
1000000043	43	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	43	PSDB	1108	1108
1000000044	44	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	44	PSDB	1108	1108
1000000045	45	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	45	PSDB	1108	1108
1000000046	46	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	46	PSDB	1108	1108
1000000047	47	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	47	PSDB	1108	1108
1000000048	48	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	48	PSDB	1108	1108
1000000049	49	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	49	PSDB	1108	1108
1000000050	50	ALAGOAS	PROFESSOR	M	25/08/48	50	PSDB	1108	1108

DILMA, ENTRE O FOGO AMIGO E A AJUDA DA OPOSIÇÃO



ANDRÉ FERRETTI/AGF

O PT não precisa de adversários. Basta o fogo amigo. Segundo perita do Instituto de Tecnologia da Informação (ITI), quem vazou o dossiê de gastos do governo Fernando Henrique foi o secretário de Controle Interno da Casa Civil, José Aparecido Nunes Ferreira, militante histórico do partido, nomeado para o cargo pelo ex-ministro José Dirceu. Um e-mail com os dados em planilha Excel foi enviado por José Aparecido no dia 20 de fevereiro a André Fernandes, assessor do senador Álvaro Dias, (PMDB-PR). O senador confirmou. Depois de confrontado com a conclusão da pericia, admitiu que os dados ficavam parar nas mãos do funcionário de seu gabinete.

Álvaro Dias se saiu mal no episódio. Ele chegou a afirmar que o governo pretendia usar as informações do dossiê para chantagem a oposição na CPI dos Cartões Corporativos. **Sabe-se agora quem fez mau uso do dossiê foi o próprio senador, ao dar publicidade às informações que vazaram da Casa Civil.** Na sexta-feira 9, chegou a a ministra Dilma Rousseff especular que José Aparecido pedisse afastamento do cargo, o ex-ministro José Dirceu, em seu blog, elogiou o amigo, chamando-o de "profissional

competente, sério e coreteo". Mas, ao mesmo tempo, fez questão de lavar as mãos: "José Aparecido não é nem meu aliado, nem meu ex-assessor e nem 'homem de Dirceu'". Apesar da defesa, é inevitável concluir que o alvo do vazamento foi mesmo a candidatura de Dilma.

A sorte da ministra é que a oposição só faz trapalhadas, como a que aconteceu na audiência da Comissão de Infra-Estrutura do Senado, realizada na quarta-feira 7. Estava todo armado para o PSDB e o DEM encostarem Dilma na parede, cobrando-lhe explicações sobre o dossiê. Antes do início do debate, porém, o senador José Agripino (DEM-RN) fez uma intervenção desastrosa. Ele sugeriu que a ministra, por ter mentado sob tortura na prisão durante a ditadura militar, estaria mentando de novo sobre o dossiê. Dilma rebateu emocionada: "Eu me orgulho de ter mentado. Na tortura, quem tem coragem e dignidade fala a mentira". E deu uma estocada em Agripino: "Eu acredito, senador, que nós estávamos em momentos diversos de nossas vidas em 70. Combati a ditadura militar e disso eu tenho imensa orgulho." A sessão prosseguiu por mais nove horas. Mas poderia ter terminado ali.



MAOS SUJAS
Álvaro Dias (à esq.) reconheceu ter recebido o "dossiê" de Aparecido



AP/REUTERS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)